



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**Uma descrição preliminar das classes de palavras da
Língua Mehináku, com foco especial na classe dos nomes**

Makaulaka Mehinako Awetí

Brasília/2014



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**Uma descrição preliminar das classes de palavras da
Língua Mehináku, com foco especial na classe dos nomes**

Makaulaka Mehinako Awetí

Profa. Dra Ana Suelly Arruda Câmara Cabral

Orientadora

Brasília/2014



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**Uma descrição preliminar das classes de palavras da
Língua Mehináku, com foco especial na classe dos nomes**

Makaulaka Mehinako Awetí

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, como partes dos requisitos para a obtenção do Grau de Mestre em Linguística.

Brasília/2014



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Dissertação de Mestrado

**Uma descrição preliminar das classes de palavras da Língua
Mehináku, com foco especial na classe dos nomes**

Makaulaka Mehinaku Awetí

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, IL, LIP, UnB (Presidente)

Profa. Dra. Christiane Cunha de Oliveira, Universidade de Federal de Goiás
(Membro externo)

Profa. Dra. Edna Cristina Silva, IL, LIP, UnB (Membro interno)

Dra. Tabita Fernandes da Silva, Universidade Federal do Pará (Suplente)

DEDICATÓRIA

Ao meu povo Imiehünakunãu (os Mehinaku), por eu ser um deles e por sua língua ter sido o meu objeto de estudo, analisando-a com um olhar científico, descrevendo suas classes de palavras, a estrutura morfológica destas e aspectos de sua morfossintaxe.

À Profa. Dra. Ana Suely Arruda Cabral, pela oportunidade dada a nós indígenas de ingressar na Universidade de Brasília, sobretudo, no Programa de Pós-Graduação em Linguística, onde tive o privilégio de ser aluno Mehinaku Awetí, e principalmente, de ser hoje um pesquisador permanente do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas da Universidade de Brasília (LALLI).

Com o sentimento simbólico, ao iluminado finado Professor Aryon Dall'Igna Rodrigues, que teve a ideia de criar o LALLI, que hoje é uma realidade, da qual tive honra de ser fruto participando ativamente da luta que desencadeou, inspirando-me à dedicação e inteligência e a me tornar grande pesquisador de uma universidade.

À minha esposa, Penuan Mehinaku, pelo enorme esforço que fez para me ajudar a sustentar os nossos quatro filhos, através da venda de artesanato, e que muitas vezes, afetada por uma emoção financeira, dizia-me: - “Eu tenho que ir embora para aldeia, porque não compro nada o que eu quero com o dinheiro que consigo, me queimo no sol e ando para lá e par cá, vendendo artesanato!”.

Ao meu pai Yahati Mehinaku, exemplo de pai paciente. Eu olhando para trás, ainda com meus 14 anos de idade, quando demonstrava interesse na nossa cultura me fazendo ver que eu deveria me tornar a sua guardiã, me chamava atenção: *mehelënumakawa xeneku!* E como na época, não escutava o conselho dele deixei-lhe a grande mágoa por eu ter feito realmente algo que eu não deveria.

À minha avó Kuyakuyakalu, velhinha de 80 anos, que pacientemente deu atenção a mim toda vez que eu direcionava o microfone de meu celular para gravar uma história.

AGRADECIMENTOS

Mesmo não estando fisicamente entre nós, o finado e ilustre Professor Aryon Dall'Igna Rodrigues, criador do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas, talvez não pensasse, na época, que o laboratório se transformaria no que é hoje, um centro de pesquisa singular, em que os indígenas têm assento, autonomia, voz e veto, do qual tenho orgulho de ser aluno e pesquisador, acessando livros e ensinamentos que me ajudam a evoluir na minha pesquisa científica.

Em especial, à Ana Suelly Arruda Cabral, exemplo de defensora de uma política de inserção de alunos indígenas na Pós-Graduação em Linguística, com o olhar que tem sobre o protagonismo dos próprios indígenas no estudo linguístico das línguas brasileiras. A admiração que tenho por ela é a de ver a inteligência que tem e o compromisso com o seu trabalho.

Na oportunidade, quero agradecer ao Governo do Distrito Federal pela sua política que me proporcionou o acesso ao Cartão de Passe Estudantil, pois sem este eu não teria condição de me deslocar, todos os dias, da cidade Satélite onde residia até a Universidade.

A Rafael Xavante e sua esposa Ana Paula Sabino, pelo apoio que deram a minha família incluindo-nos na lista de recebimento de cesta de alimentação, no momento que eu mais precisava.

Ao meu sogro Kawakanamu Mehinaku, a seus dois filhos, e à minha irmã Wayuni Lili, pela atenção dada a nós. A minha tia sogra, Uheku, pela contribuição na complementação de informações que eu precisava para o meu trabalho acadêmico.

Aos alunos pesquisadores do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas, Suseile Andrade de Sousa, Jorge Domingues Lopes, Ariel Pheula do Couto e Silva, Paltu Aisanin Kamaiurá, Wary Kamaiurá Aweti e Joaquim Paulo de Lima Kaxinawá, pela solidariedade que há neste laboratório.

À Professora Reigota Naves pelos ensinamentos durante nossa formação na Pós-Graduação em Linguística, e pela consideração a nós alunos pesquisadores indígenas.

À Profa. Risoleta Julião pelo tempo de dedicação que teve na correção do meu Português escrito no presente trabalho.

À Lidiane Szerwinsk Camargos, pela ajuda voluntariada com carinho para a formatação desta dissertação.

Ao Professor Angel C. Mori, por me ter disponibilizado algumas de suas publicações.

A Carlos Taquari e suas filhas Iara, Cleide e Lídia, que foram a nossa família durante a nossa estadia na cidade de Ceilândia-DF, pela ajuda prestada a nós e por aquela visita à nossa residência com saquinho de alimentação.

Finalmente, agradeço a CAPES pela bolsa de estudos para realização do meu mestrado e à Universidade de Brasília por adotar uma política de inclusão social, apoiando a permanência de alunos indígenas na graduação e na Pós-Graduação.

RESUMO

Esta dissertação traz uma descrição preliminar das classes de palavras em Mehinaku, incluindo alguns aspectos culturais do povo que a fala. Mehinaku pertence à família linguística Aruák (MASON, 1950; LOUKOTKA, 1968; RODRIGUES, 1986; KAUFMAN, 1990; CAMPBELL 2000; AHCHENVALD 2013) e é falada no Parque Nacional do Xingu, por aproximadamente 300 indivíduos. Identificamos nessa língua duas classes abertas de palavras, a classe dos nomes e a classe dos verbos, e seis classes fechadas, a classe dos pronomes pessoais, dos demonstrativos, dos quantificadores numerais, e das posposições, embora tenhamos focalizado principalmente na morfologia nominal, mas oferecendo uma descrição dos principais aspectos da morfologia verbal e adjetival. Há ainda classes fechadas de palavras que não foram cobertas nesta dissertação, mas que descrevemos em Mehinaku M. e Cabral (em preparação). Quanto à morfologia nominal, focalizamos os sistemas de gênero, número e de classificadores do Mehináku, assim como as marcas aspectuais que especificam o estado de existência dos referentes dos nomes e a atenuação afetiva e tipos de intensificação desses referentes. Também exploramos alguns dos tipos de predicado do Mehinaku e o seu sistema de alinhamento. Esta dissertação foi construída à luz de abordagens funcionais de descrição linguística, como as disseminadas por Comrie (1976, 1989), Dixon (1979, 1994), Folley e Van Valin (1984), Benveniste (1966, 1974), Tesnière (1959), em trabalhos incluídos em Shopen (1987). Este estudo também se beneficiou de Grinevald (2000, 2002), Grinevald e Seifart (2004) e de Aikhenald (2011), no que diz respeito ao sistema de classificadores do Mehinaku. Os dados que fundamentaram este trabalho foram registrados entre os meus e, parte deles, vem do meu próprio conhecimento da minha língua materna e da observação que tenho feito do uso dessa língua ao longo de minha vida.

Palavras-chave: Língua Mehinaku, Família Linguística Aruák, Classes de palavras, Sistemas classificadores, Tipos de predicados, Alinhamento

ABSTRACT

This dissertation provides a preliminary description of Mehinaku word classes, and it also presents some fundamental cultural aspects of the Mehinaku people. The Mehinaku language belongs to the Aruák linguistic family (MASON, 1950; LOUKOTKA, 1968; RODRIGUES, 1986; KAUFMAN, 1990; CAMPBELL 2000; AHCHENVALD 2013), and it is spoken at Alto Xingu Reservation by approximately 300 people. Two open classes – nouns and verbs –, and five closed classes – personal pronouns, demonstratives, numeral quantifiers and postpositions – have been identified in the language. The present research focuses mainly on noun morphology, but it also offers an account of the main aspects of verbal and adjectival morphology. There are still some remaining word classes not covered in this study, which shall be described in Mehinaku M. and Cabral (forthcoming). As for noun morphology, this research focused on Mehinaku gender, number and classifier systems, as well as on aspectual markers specifying the state of existence of referents of nouns, and its affective attenuation and different types of intensification. Some types of Mehinaku predicates and their alignment system have also been dealt with. This dissertation is based on typological and functional approaches of language description, as understood by COMRIE (1976, 1989), DIXON (1979, 1994), FOLLEY and VAN VALIN (1984), BENVENISTE (1966, 1974), TESNIÈRE (1959), and some of the works included in SHOPEN (1987). This study has also benefited from GRINEVALD (2000, 2002), GRINEVALD and SEIFART (2004), and AIKHENVALD (2011) with respect to Mehinaku classifier system. The linguistic data basing this study were registered among my relatives, although I am the source of part of them. My own observation of my language along my life had been fundamental to the organization and analysis of the data basing this master thesis.

Keywords: Mehinaku language, Aruák Linguistic family, Word Classes, Noun classificatory systems, Types of predicates, Alignment

ABREVIATURAS

CL.	=	CLASSIFICADOR
ARRED.	=	ARREDONDADO
ABS	=	ABSOLUTIVO
AT	=	ATENUATIVO
COM	=	COMITATIVO
DAT	=	DATIVO
EST	=	ESTATIVO
EXC	=	EXCESSIVO
F	=	FEMININO
INSTR	=	INSTRUMENTIVO
M	=	MASCULINO
MRN	=	MEDIADOR DE RELAÇÃO NOMINAL
NOM	=	NOMINALIADOR
PERF	=	PERFECTIVO
PERL	=	PERLATIVO
PL	=	PLURAL
PRIV	=	PRIVATIVO
PROJ	=	PROJETIVO
REL	=	RELATIVO
RETR	=	RETROSPECTIVO
PL.H	=	PLURAL E HUMANO

PL.3 = PLURAL DE TERCEIRA PESSOA

PL.NH = PLURAL DE NÃO HUMANO

Q = QUADRO

L = LINHA

LOC = LOCATIVO

LP = LOCATIVO PONTUAL

REC = RECÍPROCO

AFET = AFETADO

1 = PRIMEIRA PESSOA

2 = SEGUNDA PESSOA

3 = TERCEIRA PESSOA

QUADROS

QUADROS

Quadro 1. Cronologia das presenças dos Ikpeng

Quadro 2. A família da *Kuyakuyakalu*, casada com finado *Yanapá*:

Quadro 3. A família da *Alama*, casada com finado *Matamatã*:

Quadro 4. A família da *Aramiã* (65), casada com o primeiro esposo, finado *Alapüku* e com o finado *Maipu*.

Quadro 5. Os filhos da *Atalu*, casada com Iepe:

Quadro 6. A família do *Ayuruá* casado com a *Kaiti*:

QUADRO 7. Os filhos da *Yatamalu* (falecida) casada com *Ayama*:

Quadro 9. A família de *Mauká*, casada com o finado *Mayuxüká* e com seu segundo esposo, *Tamasu*:

Quadro 10. *Uyaipiuku*, *Aturuá*, e as famílias em trânsito, com a idade entre oito a 57 anos.

Quadro 11. Série de pronomes

Quadro 12. Série de prefixos pessoais

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	14
AGRADECIMENTOS	15
RESUMO	17
ABSTRACT	18
ABREVIATURAS	19
QUADROS.....	21
SUMÁRIO.....	22
INTRODUÇÃO.....	25
PARTE 1 – SOBRE O POVO E A LÍNGUA MEHINAKU	28
CAPÍTULO 1 - HISTÓRICO DE VIDA ESCOLAR DE MAKAULAKA MEHINAKO AWETÍ.....	28
CAPÍTULO 2 - SOBRE O POVO E A LÍNGUA MEHINAKU	36
2.1 Origem do Povo Mehinaku.....	47
2.2 Identidade Mehinaku	50
2.3 Língua Imiehünaku, línguas de outros povos do Alto Xingu e a Língua Portuguesa.....	63
PARTE 2 - CLASSES DE PALAVRAS.....	71
CAPÍTULO 3 – NOMES	73
3.1. Morfologia derivacional	74

3.2. Morfemas classificadores	74
3.3. Gênero.....	101
3.4. Aspectos nominais	106
3.4. Combinação dos morfemas aspectuais retrospectivo e prospectivo	109
3.5. Aspecto Atenuativo.....	109
3.6. Plural	112
3.7. Relações de determinação nominal em Mehinaku.....	114
3.8. Relações determinação nominal	115
3.9. Marcadores de pessoa nos nomes	115
3.10. Nomes relativos e absolutos.....	118
3.11. Classificadores genéricos mediadores de relações nominais.....	127
3.12. Morfologia derivacional prefixal	127
CAPÍTULO 4 – POSPOSIÇÕES	136
CAPÍTULO 5 – NUMERAIS E DEMONSTRATIVOS	144
5.1. Numerais	144
5.2. Demonstrativos	147
CAPÍTULO 6 – ADJETIVOS	150
6.1. Função atributiva	150
6.2. Adjetivos em função predicativa	151
CAPÍTULO 7 – VERBOS.....	160
7.1. Verbos intransitivos	160
7.2. Tempo, aspecto e modalidade em Mehinaku.....	161
7.3. Verbos Transitivos.....	168

7.4. Alinhamento.....	174
CAPÍTULO 8 – CONCLUSÃO	180
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	181

INTRODUÇÃO

Esta é a primeira dissertação de mestrado em Linguística sobre a língua Mehinaku, que é falada pelo povo conhecido pelo mesmo nome, no Parque Indígena do Xingu (PIX). A língua Mehinaku é uma das línguas da grande família linguística Aruák (MASON, 1950; LOUKOTKA, 1968; RODRIGUES, 1986; KAUFMAN, 1990; CAMPBELL, 2000; AHCHENVALD, 2013), geneticamente mais próxima do Yawalapití e do Wauja, mas que compartilha também muitas semelhanças com a língua Manxineri ou Yine, falada no Acre e no Peru. Trata-se de uma língua que, comparada com muitas outras línguas brasileiras, tem uma vitalidade estável, pois continua sendo transmitida para as novas gerações, apesar de ser falada por apenas 350 pessoas, aproximadamente, o que não a exclui da situação de alto risco vivenciada pelas demais línguas indígenas do Brasil.

A língua Mehinaku tem sido objeto de estudo de Angel Corbera Mori, desde 2004. Em 2006, Mori publicou “Morfología de la posesión nominal en Mehinaku (arahuaca).” e, em 2007a, “Aspectos de la morfología nominal en Mehinaku (Arawak)”. Os dois trabalhos tratam dos mesmo tema, uma descrição da morfologia da língua Mehinaku. Propõe que não há morfemas específicos de gênero gramatical que ocorram nos nomes, e que as diferenças de gênero se dão lexicalmente, embora reconheça que alguns termos de parentesco recebem sufixos indicativos de gênero masculino e feminino. Em 2007b, publicou uma nova versão em castelhano do mesmo artigo, com pequenas alterações. Em 2008a publicou *Aspectos da Fonologia Segmental Mehinaku (Aruák)*, no qual apresenta uma análise preliminar da fonologia dessa língua, focalizando a distribuição dos fonemas consonantais e vocálicos, a estrutura silábica, e onde aborda aspectos dos processos de palatalização na língua. Neste artigo levanta a hipótese de “que não se justifica a distinção entre vogais orais e vogais nasais”, pois estas seriam o resultado “da absorção do traço nasal de uma soante nasal debucalizada que se projeta sobre uma vogal ou por uma série de segmentos que permitem o espalhamento da nasalidade.” Em 2009, publicou o artigo *Sobre a nasalidade de vogais em Mehinaku (Arawák)*. Nele retoma os processos de nasalização de vogais na língua Mehinaku, propondo a existência de dois tipos de nasalidade: “a) um deles, estritamente fonético, se dá quando as vogais ocorrem imediatamente contíguas a uma consoante

nasal primária; b) o segundo tipo de nasalização seria o resultado da absorção, por parte das vogais, do traço nasal de um segmento nasal subjacente debucalizado.” No artigo *Las lenguas Mehinaku y Waurá: Una breve comparación fonética, fonológica y léxica* (2010), demonstra que as observações iniciais de Steinen (1940[1886]) e de Rodrigues (1986) sobre a proximidade do Waurá com o Mehinaku procedem, mas considera que são variedades de uma mesma língua. Em 2012, republica este artigo em *Estudios Lingüísticos* da USP. Em 2011 retoma o tema morfologia do Mehinaku em *Aspectos da morfofonologia e morfologia nominal da língua mehinaku* (Arawák). Em 2012c, retoma a comparação de alguns aspectos das duas línguas em “Waurá e Mehinaku: um breve estudo comparativo”. Em *Algunos procesos de formación de palabras nominales em Mehinaku* (arawak) (2012a), o mesmo tema é retomado, mas o autor acrescenta alguns afixos locativos e apresenta algumas propostas de empréstimos Tupí e Kamayurá na língua Mehinaku. Em Bahia, v. Em 2006 e em 208b, trata dos grafemas e segmentos ou fonemas nos vocabulários do Waurá e em Mehinaku nos vocabulários de Correspondencias entre grafemas y segmentos en los vocabulários waurá y mehinaku de Steinen (1866[1940]).

O trabalho linguístico mais recente sobre a língua Mehinaku é *On the Realization of Nominal Possession in Mehinaku: A Diachronic Account*, de autoria de Fernando Orphão de Carvalho (a aparecer), que trata de uma série de desenvolvimentos diacrônicos, como por exemplo, a perda de uma africada *tf* de um proto sufixo absolutivo **-tʃi*, que teria resultado em *-i*, devido a mudança de acento no tema nominal, resultante do acréscimo desse sufixo.

Esta dissertação vem contribuir com o aprofundamento do conhecimento linguístico da língua Mehinaku, ampliando e revisando, quando necessário, o conhecimento apresentado nos trabalhos anteriores, como os sistemas de classificação nominal vigentes, as posposições, mas apresentando novas análises, como, por exemplo, sobre as noções de aspectos nominais, e também apresentando uma descrição das principais classes de palavras, dos tipos de predicados, alinhamento e outros tópicos ainda não descritos.

O objetivo principal desta dissertação é ampliar o conhecimento científico sobre a morfologia e Morfossintaxe da língua Mehinaku.

Os objetivos específicos são aprofundar o conhecimento sobre:

- os sistemas de classificadores nominais vigentes na língua;
- a realização e escopo do gênero masculino e feminino;

- os aspectos nominais;
- os sintagmas nominais;
- relações de determinação nominal;
- os dêiticos, os pronomes, os demonstrativos e as posposições
- os verbos;
- os tipos de predicados;
- o sistema de alinhamento.

O presente trabalho partiu da necessidade de ampliar a documentação e os estudos linguísticos da língua Mehinaku, ainda pobremente descrita.

Pautamo-nos, ao longo dessa dissertação, em procedimentos de análise descritiva como contraste e verificação de distribuição das formas, assim como as possibilidades de comutação entre elas. A visão predominante é a de que língua e cultura são inseparáveis, e de que a experiência cognitiva é a referência da língua.

Esta dissertação foi construída à luz de abordagens funcionais de descrição linguística, como as disseminadas por Comrie (1976, 1989), Dixon (1979, 1994), Folley e Van Valin (1984), Benveniste (1966, 1974), Tesnière (1959), em trabalhos incluídos em Shopen (1987). Este estudo também se beneficiou de Grinevald (2000, 2002), Grinevald e Seifart (2004) e de Aikhenald (2011), no que diz respeito ao sistema de classificadores do Mehinaku.

A presente dissertação encontra-se organizada da seguinte maneira: iniciamos com uma pequena introdução que fala sobre o tema da dissertação, sumariza os trabalhos linguísticos anteriores, apresenta os seus objetivos e justifica a sua realização. A primeira parte contém os capítulos 1 e 2. O capítulo 1 apresenta um *Histórico de vida escolar do Makaulaka Mehinako Awetí*, e o capítulo 2 fala sobre o povo Mehinaku. A parte 2 inclui uma pequena introdução às classes de palavras e cinco outros capítulos. O capítulo 3 trata dos nomes, de sua morfologia e das relações de determinação nominal. O capítulo 4 trata dos numerais e dos demonstrativos. O capítulo 5 é sobre os adjetivos, e o capítulo 6 sobre os verbos, com ênfase nas expressões de aspecto e de modalidade, assim como o alinhamento. Este capítulo é seguido de algumas conclusões e das referências usadas nesse estudo.

PARTE 1 – SOBRE O POVO E A LÍNGUA MEHINÁKU

CAPÍTULO 1 - HISTÓRICO DE VIDA ESCOLAR DE MAKAULAKA MEHINAKU AWETÍ

Eu nasci na aldeia *Xalapapühü*, localizada a 7 km do antigo Posto Indígena Leonardo Villas Bôas, em 1980, mais ou menos no dia 18 de novembro. Sou filho da Kayanaku de etnia Awetí Yawalapití e do Yahati de etnia Mehinaku, que foi noivo da minha mãe. A minha avó, mãe da minha mãe, é de etnia Yawalapití. Diz meu finado avô, pai da minha mãe, que ele é Kamaiurá por parte de seu avô e de seu pai. Sou o segundo filho do meu pai e da minha mãe.

Quando eu era criança, nem pensar nas coisas do branco e nem no estudo porque ainda não existiam nas aldeias, embora já existisse escola no posto indígena da FUNAI. Da mesma forma, o acesso às cidades pequenas, em processo de crescimento, era difícil.

Provavelmente entre 1986 e 1987, mudamos de Xalapapühü para a aldeia Awetí, a comunidade da minha mãe. Ali continuaram aparecendo coisas do branco que me fizeram pensar e que despertaram meu interesse pela aquisição de conhecimento do branco. Foi quando comecei a pensar em buscá-lo. Nesse tempo eram pouquíssimas as pessoas que dominavam a leitura e a escrita. Eu, pessoalmente, não prestava atenção nisso, aliás, ninguém falava de leitura e de escrita. Já em 1994, se falava de um curso de formação para os indígenas do Xingu, promovido no Posto Indígena Pavuru, mas eu nem sabia o que era curso. Nesse momento é que comecei a prestar atenção no que estava ocorrendo, já ouvindo falar de estudo.

Duas pessoas Awetí foram participar desse curso, Kuaray e Morepá Awetí. O curso acontecia em um período de 15 dias, e era promovido pela Associação Vida e Ambiente (AVA). Depois do retorno do curso, Kuaray começou a ensinar algumas sílabas que ele aprendera no curso para o seu irmão Waranaku, hoje, formado em magistério promovido pelo Instituto Socioambiental (ISA), também detentor de uma licenciatura Intercultural, pela Unemat. Olhando isso, eu comecei a me interessar fortemente pela escrita e pela leitura e quis ser capaz de ler e fazer como aqueles que sabem ler e escrever.

A partir daí eu comecei a imitar a escrita que eu via em alguns papéis e nas embalagens jogados. Eu ia, assim, imitando do jeitinho que estava escrito. Como ainda não tinha papel e lápis, eu pegava uma pilha jogada sem pensar e saber do seu perigo, tirava-lhe o toco preto e ia apontando esse objeto para depois colocar na ponta de um pauzinho para ficar igualzinho a um lápis, servindo assim de lápis. Pegava um pedaço de tábua jogado que servisse de material para eu escrever igual a um papel. Assim ia escrevendo com esse lápis inventado por mim. Ao mesmo tempo, eu mandava meu irmão Stive até o Kuaray e o Waranaku para ver se podiam me escrever algumas palavras e sílabas que haviam aprendido ou que estivessem nos seus cadernos, já que o próprio Kuaray ensinava o seu irmão Waranaku. Algumas palavras que Waranaku me fornecia eu reescrevia num pedaço de tábua igualzinho ao que ele havia escrito. No entanto, isso não era suficiente para mim, pretendia escrever mais palavras. Veja, na ilustração abaixo, o jeito como eu fazia.



Ilustrar as palavras era a forma para não esquecer o que estava escrito. Nesse período, eu tinha acabado de entrar na reclusão, de onde eu não podia sair e onde não podia conversar com os outros. Tudo estava difícil para mim. Durante a reclusão, continuei mandando meu irmão até o Waranaku para pedir as listas de palavras para que eu as escrevesse num pedaço de tábua com carvão e fizesse as ilustrações ao lado para que eu soubesse identificar tais palavras. Como isso já era no período de realização do curso, o Loike Kalapalo e a Mônica, a coordenadora do projeto, distribuíram os materiais escolares nas aldeias, o que daria início à implantação de ensino escolar. Alguns dias depois, Mônica e Loike Kalapalo compareceram para entregar os materiais escolares na

nossa aldeia Awetí. Dormiram na nossa casa, depois de fazer entregas pelas outras aldeias. Eu não sabia para que serviam e qual era a utilidade desses materiais escolares. Lápis, borracha, caneta e caderno era o que eu conhecia. Logo que partiram da aldeia, fui averiguar os materiais entregues, papel chamex, lápis, borracha, caneta, lápis de cores e de cera e outros. Peguei alguns para eu copiar o que tinha escrito e aprendido antes desse papel. Tive esse privilégio porque meu avô era cacique dos Awetí e os materiais ficaram na nossa casa.

Assim eu comecei a melhorar a escrita, escrevendo bem como eu me auto-avaliava, já pensando então em quem poderia me ensinar mais. Eu me lembro da reunião cultural que o meu tio Akatuá Awetí fez no centro da aldeia com o intuito de fazerem meu quarto onde eu pudesse ficar recluso, mas meu pai não entrara em consenso, pois achava que eu não tinha o perfil desejado, não era a pessoa adequada para ser futuro líder Awetí, no lugar do meu avô. Nesse tempo, havia uma proposta, que os Awetí apoiaram, para o Yakumi Awetí ser, ao mesmo tempo, chefe da comunidade e professor.

Com isso, Yakumi Awetí, recém-chegado e empossado para chefiar, aceitou lecionar e distribuiu o material escolar para todos que tinham interesse em estudar. Mas antes dele, o Kuaray já havia começado a dar aulas para os alunos, por ter participado do curso. Entretanto, as condições de trabalho Kuaray eram muito ruins. Escrevia com giz em duas lonas, uma grossa de cor laranja e outra fina de cor preta, de forma que o escrito ficava embaçado. Tudo era feito de forma improvisada.

Eu, assim como Waranaku Awetí, alunos brilhantes na classe, escrevíamos e líamos sem muita dificuldade. A nossa vontade de escrever e ler as palavras era grande.

Em 1994, Yakumi ainda não ficava fixo na aldeia Awetí. Ia e voltava da aldeia Kamaiurá. Quando retornou para ficar definitivamente, começou a dar aulas para nós, eu, Waranaku e Awajatu, os que haviam sido selecionados por ele, pois já estávamos praticamente alfabetizados. Ele trabalhava voluntariamente, e nem se falava de remuneração. Estudávamos com os conteúdos da cartilha produzidos pelas pessoas que participaram do primeiro curso no Xingu, e elaborados por aqueles que aprenderam a ler com a professora branca no posto indígena da FUNAI.

Nesse mesmo tempo, Loike circulava em algumas aldeias dando aulas, tendo ido a duas aldeias Mehinaku - Uyaiyuuku e Saúva (Xalapapühü). Por coincidência, quando eu estava na aldeia Uyaiyuuku, ele (Loike) passou por lá. Ficou lá dois dias, dando aula na casa do cacique Munain. Eu não perdi a oportunidade, sem pedir licença, fiquei lá

sentado no cantinho da casa. Eu tinha vergonha de pedir licença, pois eu era de outra aldeia e não tinha o privilégio de assistir aulas como os alunos daquela aldeia. Posteriormente Loike passou na aldeia Saúva para dar aulas para a família do Kamaluve, que também era professor, e este convidou os Awetí que ele conhecia para participar das aulas que seriam realizadas em três dias. Ele selecionou os que já sabiam escrever e ler. Assim eu fui chamado pelos colegas Awetí, embora ainda não falasse o português que me desse condições de escrever nessa língua.

Em 1995, escutei dizer no rádio amador que estaria para acontecer o próximo curso, que seria o terceiro. Mas, exatamente nesse tempo eu estava na reclusão. Ao aproximar-se a data do curso, Yakumi entrou na nossa casa e me pediu que eu fosse ao curso, porque eu era um bom aluno e aprendia rápido. Disse-me que essa seria minha oportunidade de aprender mais. Isso me estimulou bastante, porém ele não pediu minha saída da reclusão nem ao meu pai, nem a minha mãe. Eu então decidi falar com o meu pai para ver se ele me deixava ou não participar desse curso. Ele disse não, como eu já previa, falou-me que não era a ocasião certa, além de eu ser ainda um menino. Fiquei incomodado com essa decisão contrária ao meu desejo e comecei a pensar em uma solução. No dia seguinte, chega a hora da saída dos irmãos Kuaray e Waranaku para o posto Leonardo de bicicleta para de lá seguir de barco para o local do evento. Eu fiquei muito triste, chorei por não ter ido. Na manhã seguinte, eu escutei falar da descida de um barco para o Posto Leonardo, que ia buscar outro barco que chegara para a comunidade. Pensei em aproveitar essa carona. Continuei insistindo para que meu pai me deixasse ir, mas nada adiantou. Com isso, resolvi ir em frente com a proposta de desobedecê-lo. Desamarrei a minha rede, com a ajuda do meu irmão, meu cúmplice no plano. Saí de casa e o meu irmão já esperava por mim e, sem me despedir do meu pai e de minha mãe, fui embora.

Saí muito magoado por eu ter feito algo mau para eles e fiquei com vergonha do pessoal da aldeia, pois eu era recém-recluso. Algo assim jamais poderia acontecer na cultura, só uma pessoa que não escuta conselho dos pais pode ser capaz de fazer isso. Meus pais ficaram muito tristes comigo. Um senhor Kupenu, ao me ver, ainda um menino de 14 anos, disse que eu namoraria com as índias Ikpeng nesse lugar, pois as suas vaginas gozavam muito. Era para eu não passar por esse tipo de constrangimento que minha família me preparava na cultura.

Entrei no barco e, quando chequei ao Posto Leonardo, não tinha mais ninguém. Todos já tinham ido para Pavuru. Eu então dormi no Posto para no outro dia ficar à

espera de transporte. No dia seguinte, o pedreiro Manoel Preto estava de partida para a aldeia Terra Preta, aldeia dos Trumai. Morepá Awetí, da minha aldeia, hoje cunhado, também estava chegando de Canarana e também estava querendo ir ao curso. Com isso fui me aliviando de preocupação. De manhãzinha fui ao rádio escutar a notícia que rolava pelas aldeias. Tim Aripapu era quem operava o rádio. Foi aí que meu pai chamou o Posto Leonardo para saber onde eu me encontrava. Meu pai falou que eu era aquele que não escutava o conselho e que eu era homem incompreensível (ou irresponsável). Antes disso, ele (Tim Arirapu) me chamou a atenção dizendo que o curso não era para pessoa igual a mim, que não tinha domínio de língua portuguesa, mas para gente como seu filho que falava o português fluentemente e nem por isso foi ao evento, então por que eu iria?

O barco chegou de Terra Preta e nele vinha Kokoti Awetí com seus dois sobrinhos e um dos seus filhos, o Garrincha, para encontrar com o pedreiro Manoel Preto. Com a vergonha que eu estava, pedi a carona a ele em língua Awetí. Desci com eles. Encostamo-nos à Base Jacaré, para tomar o café do Manoel Pinto. Quando já era tarde, chegamos à aldeia Terra Preta. Subimos para casa do Kokoti onde me ofereceram mingau (de beiju) e aceitei com a vergonha que eu estava. Uma hora depois, descem dois barcos para Pavuru, Kokoti no seu barco e Ararapã Trumai no seu. Eu estava com muita vergonha daquele movimento e alguns cursistas desciam ao rio para tomar o banho. Desembarquei e fui procurar onde estavam alojados os Awetí, no momento em que os cursistas estavam assistindo televisão. A minha vergonha naquele momento era porque eu não conhecia ninguém e todos olhavam para mim.

De manhã começou a aula. Os professores chamaram os alunos à lousa para escreverem os seus nomes. E eu lá sentado sem entender o que os professores diziam. Pedro Paulo era um dos professores de que eu me lembro. Eu não estava feliz porque não entendia e nem falava nada de português e a dificuldade era imensa. A disciplina era de matemática que eu entendia um pouco. Durante o curso, eu fui judiado pelo colega Mehinaku, o Kamaluve, que se considerava pessoa importante na cultura e sabido porque falava o português. O curso terminou e retornamos para nossas aldeias após vencer essa etapa.

Na aldeia, eu tive que fazer enorme esforço na leitura e na interpretação de textos.

Aconteceram em seguida, o quarto e quinto cursos, depois dos quais eu já havia superado as minhas dificuldades, já falando português básico e escrevendo textinhos.

Recebíamos uma aula de português básico das professoras. Com o decorrer dos cursos fui aprendendo um pouco mais a língua portuguesa que ia dando-me condição de escrever frases e textos maiores.

Em 1996, resolvi dar aulas para as crianças da aldeia Awetí sem ganhar remuneração, aliás, nesse tempo, ainda não se falava em salário para os professores. As aulas eram diárias e eu ensinava apenas a algumas crianças e adultos. Inicialmente, não sabia qual era a finalidade do curso do qual eu estava participando. Posteriormente, entendi que, na verdade, o objetivo era formar os professores indígenas do Xingu para que trabalhassem nas suas aldeias. No início de 1997, me esforcei para dar aulas para valer, uma vez que me sentia obrigado a repassar aquilo que eu via como necessário repassar às crianças e às demais pessoas interessadas. Eu estava estimulado pelo avanço que eu ia tendo ao longo da aquisição de novos conhecimentos. Nisso comecei a lecionar para as crianças, primeiramente na língua indígena Awetí e depois em Português.

Como no dia 7 de junho de 1996, havia falecido meu avô Iró, o meu pai resolveu mudar para aldeia Uyaipiuku, para voltar a viver entre o seu povo Mehinaku, o que ele fez nos meses de junho e setembro de 1997. Neste mesmo ano de nossa mudança, eu fui chamado por Kamaluve Mehinaku para lecionar para as crianças. Ele me ofereceu um espaço para minha sala no postinho de saúde que administrava como agente indígena de saúde. Aceitei. Não cheguei nesta comunidade dizendo que eu era professor e que precisava dar aulas para as crianças. Nem me apresentei, porque não era necessário para mim pelo respeito natural com o qual o cacique costuma apresentar as pessoas que ele convoca para exercer alguma função. Como eu já estava dando aula, o cacique Yumuín (hoje meu sogro), no momento em que eu estava sentado nos bancos da casa dos homens, no centro da aldeia, me diz: - Você é professor? Respondi que sim. A partir daí ele me pediu que eu construísse uma escola onde eu iria lecionar para as crianças. Com imensa satisfação aceitei, prometendo que faria a escola conforme ele pediu. Comecei a me organizar melhor para trabalhar, primeiro trabalhando no espaço improvisado até que a construção ficasse pronta. Lecionava e trabalhava na construção ao mesmo tempo. Em 1998, recebi um comunicado de que a prefeitura de Gaúcha do Norte iria nos contratar, o que significava que nossa escola estaria sendo reconhecida pelo município. Assim, eu e o professor Uretsu Mehinaku, fomos contratados, sendo a primeira profissão não indígena na minha vida. Eu nem sabia que esse trabalho iria provocar inveja nas pessoas, sobretudo por causa do dinheiro que eu receberia.

Em 2000, eu havia terminado o Magistério, que havia continuado, mas sob a coordenação do Instituto Socioambiental-ISA¹. No ano seguinte, em 2001, se concretiza o Projeto 3º Grau Indígena promovido pela UNEMAT de Barra do Bugres-MT, que oferta Cursos de Licenciatura Específica para Formação de Professores Indígenas - 3º Grau Indígena. Concluí esse curso em 2006, quando defendi meu TCC, intitulado “A HEREDITARIEDADE TRADICIONAL DA FUNÇÃO DE CACIQUE ENTRE O POVO MEHINAKU”, na área de Ciências Sociais. O trabalho deu origem a um artigo, publicado em 2010, pelo Museu do Índio do Rio de Janeiro. Ainda pela UNEMAT, em 2009, iniciei e terminei a especialização *Lato Sensu* na área de educação, apresentando trabalho intitulado “Estudo Comparativo da Educação Indígena Tradicional/Educação Escolar”. A minha entrada nesse curso foi depois de muito sacrifício em termos de apoio, pois poucos davam apoio e outros botavam espinhos no caminho. Em 2007, passei em um concurso específico e diferenciado da SEDUC-MT para professor indígena.

Em 2011, a Universidade de Brasília/UnB, abre um edital com cinco vagas para ingresso dos indígenas no Programa de Pós-Graduação em Linguística/PPGL, requeridas pela Professora Ana Suely Arruda Cabra e pelo finado Professor Dr. Aryon Rodrigues, coordenadores do Laboratório de Línguas Indígenas/LALI, que muito lutaram para o ingresso dos estudantes na pós-graduação. Em 2012, entrei para iniciar o curso em Linguística. Na minha chegada, a acolhida pela professora Ana Suely foi muito estimuladora para mim. Os colegas Paltu e Wary, do Alto Xingu, me facilitaram o caminho por terem me informado sobre edital. Numa ocasião de viagem para ou de volta de Bruxelas-Bélgica fiz a inscrição. Na hora de inscrição, contei com o apoio da professora Ana Suely e de sua aluna Suseile Andrade para finalizar a documentação. Assim como fez quando voltei para fazer prova. Não foi fácil cuidar de 4 filhos e da mãe deles com o dinheiro da Bolsa de Estudos. Embora isso faça parte da nossa história na UnB.

Lembrar esta história desde começo até aqui é a mesma coisa que voltar a viajar no tempo, lembrando todo sofrimento, hoje superado; humilhação que me fez aprender a ser humilde e respeitar os outros; aprender a lidar com os tipos de atitudes ruins com bons argumentos, o que me deu mais motivo de seguir em frente sempre com a inteligência para não agredir as pessoas com minhas palavras grosseiras. Pensei em

¹ Em 1996, foi extinta a Associação Vida e Ambiente-AVA.

voltar para minha vida de tempos atrás, de viver a vida inteiramente de meu povo, viver isolado do mundo branco, mas não foi possível, ou, não será mais possível, não posso desperdiçar tudo que conquistei na vida, apoio, confiança e respeito, que significa o reconhecimento por parte daqueles que conhecem “quem sou eu”. A palavra que eu guardo é de uma professora Estela Wüker, que me disse: “você é inteligente, mas não abuse dela, saiba usá-la ao seu bem” – assim como o meu primo pajé Tukuyari Mehinaku, que me disse: “quando a pessoa quer alguma na vida corre atrás, assim eu fui, por isso sou pajé, depois de sofrimento”- falando para mim quando me via correndo atrás do estudo. Nisso, posso dizer que, quem sofre é quem tem história para contar, porque passa a se valorizar.

CAPÍTULO 2 - SOBRE O POVO E A LÍNGUA MEHINAKU

Imiehünaku é como este povo se autodenomina. A primeira pessoa a registrar esse nome foi o etnólogo Karl von den Steinen, na sua segunda viagem ao Xingu, numa visita a uma aldeia, localizada à margem esquerda do rio *Kurisevo*, onde passou uma noite, de 13 a 14 de outubro de 1887, depois de percorrer aproximadamente 7 km até chegar na aldeia dos Mehinaku. Os *Imiehünaku* habitavam, na época, à margem direita do rio *Tuatuari*, distante (caminhado) “2 1/4 horas pela floresta seguindo pelo caminho desagradável que o calor abafadiço tornava ainda mais penoso” (STEINEN, 1940, p. 134).

Karl von den Steinen visitou uma das três aldeias *Imiyehünaku* mais populosas, segundo sua impressão, e foi recepcionado com aquele clima de agitação do povo:

“Bem junto à aldeia encontrámos um Mehinakú que apressadamente, retrocedeu mal nos dando tempo para lhe dirigir um “*kúra, kúra*”. Logo em seguida entrámos numa grande ocára rodeada de 14 casas. Quadro singular! De todos os lados os habitantes saíam precipitadamente das suas moradas; velhos e moços corriam pela ocára com exclamações e gesticulações animadas, uns dirigindo-se para mim, outros recuando. Dentro em pouco me seguraram pela mão e assim, amavelmente preso, fui conduzido para o interior da casa das flautas, onde tive de me sentar sobre um banquinho em forma de ave, caprichosamente trabalhado. Fui contemplado com uma curiosidade de que revelava receio e pavor. O conjunto dava uma impressão de grande abastança” (Steinen, 1940, p. 13-135).

Von den Steinen (1940, p.137), ainda diz:

“soubemos que ainda existiam duas aldeias de mehinakú, ambas aproximadamente a uma distância dum dia de viagem. A situada ao sudoeste parecia, realmente, ser muito pequena tendo sido descrita como constituída duma só casa; a outra, ao norte, segundo diziam, compunha-se de cinco casas”.

Von den Steinen (1940, p.192) refere-se às aldeias *Imiehünaku* da seguinte forma:

“moram os Mehinakú nas duas aldeias que os Bakairí denominavam Paischuéti (“ Aldeia do Peixe-cão”) e Kalúti. Parece, porém, que aí existem três aldeias; os Paischuáti-Mehinakú referiram-se ainda além dos Yutapühü – que deviam ser os “Kalúti” - , por cujo pôrto passáramos a 15 de outubro, - aos Atapilú, prevenindo-nos ao mesmo tempo contra os Ulapihü, Ulavapitü, isto é os nossos Yaulapiti”.

A aldeia *Paischuéti* (aldeia do Peixe-cão), isto é, Paischuáti-Mehináku (em Bakairí), foi a que ele visitou; a aldeia *Yutapühü*, isto é, Kalúti (em Bakairí), foi aquela onde ele pernoitou, pois lá havia o porto, tendo nela esperado por alguns homens que o convidaram para ir até a *Yutapühü*, mas ele, receando a vinda de mau tempo, não chegou a ir até lá. Já sobre aquela que ele considerou ser uma terceira aldeia, a que possuía uma só casa, não deixou nenhum registro de nome, o que acredito ser justamente porque para nós, trata-se de um local de roça, e como tal não teria nome de aldeia.

Os relatos dos Mehinaku afirmam que eles eram ocupantes seculares da região do interflúvio *Kurisevo-Tuatuari*, ao sul do Parque Indígena do Xingu (PIX), entre os séculos XVIII, XIX e XX, até onde os velhos Mehinaku conseguem memorizar as histórias das épocas antigas, a exemplo de *Amatüpuku* e *Talapitxuma*, que foram referências e principais líderes, filhos e netos dos líderes Mehinaku que teriam vivido entre os séculos XVIII e XIX, na aldeia *Yulutakitsi*. Já no final do século XIX, após a chegada de von den Steinen, em 1887, *Talapitxuma* e *Amatüpuku* eram novos chefes, conta Iumuin Mehinaku (Mehinaku, 2006, p. 121).

A partir do contato, os Mehinaku ficaram expostos a várias doenças infecciosas, entre elas o sarampo que, segundo Villas Bôas (1990, p. 17-18), junto “aos primeiros e violentos surtos gripais, disentéricos e de outras moléstias infecciosas irrompidos na região há uns trinta anos aproximadamente, quando grupos de índios moradores do Baixo Kurizêvo começaram a subir este rio e entrar em contacto com núcleos de civilizados do Alto Paranatinga, do Posto Simões Lopes e outros” reduziu à metade a população Mehinaku.

Galvão e Simões (1965, p.16) reforçam essa informação sobre a presença Aruák nessa região xinguaná quando mencionam que ao norte da faixa Karíb, situava-se a ocupação Aruák, que era a mais antiga segundo a memória tribal alto-xinguaná, e que

compreendia os Kustenáu (hoje extintos), Waurá, Mehinaku e Yawalapití. De acordo com a memória tribal alto xinguana a precedência Aruak é confirmada na região dos formadores do Xingu, e teria se derivado dos Aruak do norte, via Xingu ou médio Tapajós, enquanto os Karib seriam uma frente de penetração pelo sudoeste, através dos tributários do Tapajós, usando, sobretudo, os rios Arinos, Teles Pires e Paranatinga.

Ouvir os Mehinaku sobre essa sua procedência, em particular de fora do Xingu, é difícil, pois parece não fazer mais parte do seu relato. *Yulutakitsi* foi uma das aldeias mais antigas que ficou na memória dos Mehinaku. Ela era grande e a mais populosa. Possuía formato de círculo, mas, diferentemente das aldeias atuais, era constituída de uma sucessão de círculos em torno do círculo menor, o que indica que se tratava de aldeias com alta densidade populacional².

Como já disse mais acima, depois de 1887, reduziu-se a população *Imiehünaku* por causa de uma tragédia epidemiológica, uma onda de sarampo, obrigando-os a mudarem sua aldeia para uma outra localidade chamada *Ulawapühü*, que teria sido a segunda maior aldeia de que se tem notícia. Dessa aldeia teriam posteriormente se espalhado e fundado outras aldeias nas regiões próximas, uma parte indo para *Enumana*, outra para *Walupühü*, *Munupühü*, *Xamuxayutü*, ocupando toda a margem direita do Tuatuari, relata Iumuin Mehinaku.

Ulawapühü sempre foi uma aldeia referência para os Mehinaku antes de 1946 e depois de 1950, praticamente na era dos irmãos Villas Bôas, os quais haviam se instalado no Alto Xingu por meio da Expedição Rondon. Nessa aldeia, os Mehinaku sofreram ataques dos Ikpeng, o que resultou em novas mudanças. Entretanto, depois de muito tempo retornariam para morar nessa mesma região, agora na aldeia *Uyaipiuku*, considerada por eles antigamente como sendo um *uleiyũkala* (lugar de roça). Essa é a região vista por eles como terra natal e legítima, viva na lembrança dos mais velhos.

Depois de várias incursões dos Ikpéng em sua terra, os Mehinaku se mudam para a nova aldeia *Yakuayanaku*, um local que havia sido aldeia dos Waurá, e lá se refugiaram por tensão e medo dos ‘*waxayu*’, o nome pelo qual chamam os outros grupos étnicos distintos deles em termos culturais, por estranheza e desconhecimento, não importando se esses grupos são brabos ou mansos. No contato com os Ikpeng, um

² Quando havia uma morte, a metade da população chorava e ficava de luto, enquanto a outra metade ficava na alegria e realizava uma festa (MEHINÁKU, 2010, p.121).

deles flecha o cacique Mehinaku Ayuruá que retornava da busca por argila para fazer panela de barro com sua esposa. Isso forçou a mudança sequencial dos Mehinaku para a aldeia *Xalapapühü*, a 8 km do posto indígena Leonardo Vilas-Boas. Conforme Galvão e Simões (1965, p. 4-5), temos a seguinte cronologia das presenças dos Ikpeng:

Quadro 1. Cronologia das presenças dos Ikpeng

Ano	Histórico da presença dos Ikpeng
1948	Ataque a um grupo de Mehinaku que subia o Culiseiu para auxiliar o transporte da expedição do missionário Thomas Young, próximo ao antigo pôrto Nahuquá (YOUNG, 1948, fl. 2);
1949	Rondam a aldeia dos Mehinaku, no ribeirão Toatoari;
1949	Nova investida contra a aldeia Mehinaku, determinando o abandono desta e dispersão de seus habitantes pelas roças (LIMA, 1955, p. 166);
1950	Incendeiam a aldeia Mehinaku, forçando a transferência desta para o baixo Toatoari ³ ;
1951	Assaltam a nova aldeia Mehinaku, ferindo o índio Aiuruá;
1952	Tentam incendiar algumas malocas da aldeia Mehinaku, sendo rechaçados pelos disparos de winchester 44 do “capitão ⁴ ” Mehinaku;
1955	Rondam a aldeia Mehinaku, obrigando o povo a novo deslocamento ⁵ ;
1960	Aproximam-se das aldeias Yawalapití, Mehinaku e Awetí. Assaltam a aldeia Waurá, raptando duas crianças [...].

Estes acontecimentos ocorreram na época em que os “Irmãos Villas Bôas” já se encontravam no Xingu. Cláudio Vilas Bôas prestou os primeiros socorros, indo até a aldeia junto com *Watuku* Waurá que estava em visita à aldeia e a quem foi solicitado que fosse em busca de socorro. Os irmãos, posteriormente, encaminharam o cacique

³ Refere-se à aldeia Yakuayanaku.

⁴ ‘Capitão’ deve ter sido Munu, conforme relato de Kuyakuyakalu Mehinaku.

⁵ Refere-se a novo deslocamento para a aldeia Xalapapühü.

Ayuruá para a cidade para fazer tratamento cirúrgico pois poderia não resistir em consequência do ferimento de espedaço que tinha nas costas.

Baseando-me na informação da Kuyakuyakalu, em 1952 ou 1953, conforme aponta o quadro acima, os Mehináku, sem paz na aldeia *Yakuayanaku*, teriam descido mais uma vez o rio mais abaixo para residirem na aldeia *Xalapapühü*, numa área de domínio dos Yawalapití. A mudança aconteceu porque o *Araku Yawalapití Trumai*, casado com as duas irmãs Mehinaku, *Yemelu e Ana*, convenceu os Mehinaku a irem para esse local com o argumento de que lá tinha fartura de peixe - relata Kuyakuyakalu. Segundo Galvão e Simões (1965, p.4-5), um novo deslocamento teria ocorrido em 1955, talvez este seja mais seguro que o relato da Kuyakuyakalu sobre o deslocamento dos Mehinaku. Já a Kuyakuyakalu relata que a mudança ocorreu um pouco tempo depois de Ayuruá ter retornado de seu tratamento, quando a sua família já tinha se mudado para a nova aldeia. Isso antes do restante do povo descer enquanto Ayuruá fazia o tratamento na cidade. Quando esse voltou de lá foi informado de que não voltaria mais para a aldeia *Yakuayanaku*, pois sua família já não estava mais por lá - conta ela.

Baseando nas informações de Galvão e Simões (1965, p.4-5), então, em 1955, os Mehinaku já estavam mais perto do local onde os irmãos Villas Bôas faziam seus serviços, abertura de rota de instalação de rede telegráfica de Brasil Central (Projeto Rondon).

Entre 1990 e 1992, depois de 37 anos de transição nas aldeias *Ulawapühü-Yakuayanaku* e de 35 anos entre as aldeias *Yakuayanaku-Xalapapühü*, os Mehinaku retornam à região da antiga aldeia *Ulawapühü*, a *Uyaipiuku*, a 8 km da *Ulawapühü*, ficando mais perto de local de peixes e da lagoa de aguapé, o qual é utilizado para fazer sal vegetal, típico dos Mehinaku e Awetí, descrito já em 1887 por von den Steinen (1940, p.138) que afirma ter visto “em várias casas os índios ocupados na preparação do sal. Queimam taquara e aguapé, a folha de planta de folhas perenes que cresce nas águas paradas, coam as cinzas e obtêm do filtrado um resíduo salino”.

Nessa aldeia *Uyaipiuku*, a família da Aramiã Mehinaku comete o assassinato do Iepe Mehinaku, pai do *Paitxuma Mehináku*, suspeito da morte de uma criança, filha do Kamaluve e Kaparu. Em consequência disso, a família foi ameaçada de morte e resolveu voltar à antiga aldeia *Xalapapühü*, onde também perderam uma pessoa da família o que os obrigou a retornar a residir na aldeia *Uyaipiuku* novamente.

Em 2004, depois de 12 anos dos Mehinaku terem formado a única aldeia, se dividem como na época em que a epidemia os separou, formando a aldeia *Utawana*, mais para o sul do afluente do rio Xingu, a 600 metros do limite, à margem esquerda do rio. Assim enfraqueceu a sua política que ficou dividida em termos de luta pela educação, saúde e bens materiais, por um lado, e mais forte em termos culturais, por outro lado. A separação se deu por motivo de acusação de feitiçaria, sendo suspeitos *Tukuyari, Kutsarapü, Kanaiu, Yutá, Yakaxü* - conforme retala Penuan Mehinaku (29). Estes foram também considerados suspeitos de terem feito mal à filha do cacique Iumuin, e por isso teriam sido ameaçados de morte pelo próprio cacique e seus filhos.

A instalação dos irmãos Villas Bôas no Xingu marcava um início de história de contato permanente das comunidades indígenas com os membros da sociedade envolvente. Ficou evidente para os indígenas que os irmãos Villas Bôas prestaram um trabalho muito satisfatório, em termos de serviço assistencial à saúde, aproximação das comunidades que viviam longe umas das outras, pacificação dos grupos arredios temidos na área, os Ikpéng no Alto e os Txukarramãe no baixo externo do PIX do Xingu. Por fim, a demarcação da terra dessa gente que, não só significava proteção, mas também a salvaguarda do seu modo de viver e da sua cultura, antes que tudo ficasse mais difícil, já que a chamada frente civilizatória ou integracionista estava por vir e assim precisariam de terra garantida, visto que ainda eram indefesos na luta pela demarcação da terra.

O contato foi negativo, pois com a demarcação da terra, delimitou o espaço antes dominado pelos índios que andava para além do que os brancos conceberam como sendo as fronteiras deles, pois sempre caminhavam em busca de sua alimentação e material, mudando suas aldeias para outras localidades conforme as condições oferecidas pela natureza.

O segundo posto indígena instalado pelos Vilas-Bôas foi o Posto indígena Leonardo Vilas-Bôas, onde atualmente funciona a Coordenação Técnica Local – CTL, localizada mais próxima das aldeias do Alto Xingu, e que se tornou o verdadeiro palco de contato frequente dos indígenas de culturas tradicionais com a equipe da expedição. Os *Yawalapití*, desde 1962 até hoje, haviam se transferido para o Posto Leonardo Vilas-Boas, onde permaneceram até 1963, quando construíram a atual aldeia perto de lá

(Galvão e Simões, 1965, p.5). O mesmo ocorreu com os *Kamaiurá*, que, até hoje, permanecem nas proximidades do Posto.

Na procura da localidade adequada para o posto, esses indígenas ajudaram os Irmãos Villas-Boas a escolher '*ewexü-pünepenu* (acampamento, ou, toca de ariranha)' em Mehinaku, sendo esse o lugar atrativo em termos de paisagem, rio de *Tuatuari* transparente, vista de topo alto para contemplar o campo e nascer do sol. Os Mehinaku designam esse local até hoje de *amakapuku* (lugar de rede), certamente pelo fato de ter sido um lugar de armação das redes em época que havia movimento dos não indígenas e indígenas naquele local.

Em 1961, após várias mudanças de proposta de limites de terra, se cria o 'Parque Nacional do Xingu', atual 'Parque Indígena do Xingu - PIX'. Com o passar de muito tempo o povo Kisêdjê reconquista um pedaço de terra tradicional perdida, a região leste do Xingu, com isso, passando a ocupar, hoje, cerca de 2,8 milhões de hectares de área, abrigando, aproximadamente 6.000 indivíduos distribuídos de Norte a Sul, de Leste a Oeste do Parque Indígena do Xingu. A luta, hoje, é substituir 'parque' pelo Território ou a Terra, embora não se enquadrem na concepção legal de limite territorial geográfico e jurídico.

No tempo de demarcação do PIX, houve um lado positivo e outro negativo, pois os irmãos Vilas-Boas precisaram transferir algumas etnias indígenas de outras regiões para o PIX, como os Panará, que, felizmente retornaram à sua terra natal, e os Kawaiwete (Kaiabi) do Teles Pires, Pará. Uma parte deles resistiu e permaneceu por lá até hoje.

Além disso, alguns lugares sagrados ficaram fora da demarcação do PIX, como por exemplo lugares sagrados dos Kamukuaká, na região do Batovi, que era o lugar sagrado onde os jovens da história foram devorados pela lesma enorme, quando acampavam com os seus em caçada, mas que foram salvos pela ararinha *xukutükumã*, a única que conseguiu furar a caverna com dente, onde os jovens do ritual estavam presos. A irmã dos Kamukuaká, Alawero, mata a cobra e a corta em pedaços, quando esta escalava a altura para continuar devorando o restante dos jovens que estava indo para o céu. Assim foi também o caso do lugar sagrado onde surgiu o primeiro *kayumai* (kuarup) para os Alto Xinguanos, realizado pelo *Kamü* (Sol) e *Kexü* (Lua) em

homenagem a sua mãe *Atanumakalu*. Os animais foram anfitriões do ritual *kayumai* e os seus convidados, os peixes.

Portanto, viveram, ou, melhor, vivem entre os Mehináku os descendentes de seu subgrupo, *Yanapiühü*. Kuyakuyakalu relata não entender bem as falas e as nomeclaturas das coisas deles, pois eram diferentes da maneira como os *Imiehiinaku* nomeiam as coisas. *Aruaki* e seu irmão *Kamaluku*, que casou com a *Apiukatualu*, irmã da kuyakuyakalu, e *Ariakumalu* de 110 anos de idade, eram descendentes dessa antiga aldeia *Yanapiühü*.

“Kamaluku tûpa, Yanapiühü wekehü tã kené. Üné tsepetê Aruaki tsûpekuhã, Aria, üné kele. Patuawa tamiã petemewe [...] iyayakapiku, aitsa [...] kutsa iya kata imiehiinaku iyayaka ünakuã ükupünalatüpe ünakuekuhã, aitsawikuhã, patuawatãikuhã”. patuawa tamiã petemewe iyayakapiku, aitsa kutsa iya kata imiehiinaku iyayaka ünakuã ükupünalatüpe ünakuêkuhã, aitsawikuhã, patuawatãikuhã”, disse kuyakuyakalu.

Os Mehinaku consideram as etnias do Alto Xingu ‘*putaka*’, levando em conta os aspectos culturais semelhantes e os diferentes, no âmbito da cultura material, espiritual e linguística, as quais diferem das etnias do Médio, Baixo e Leste Xingu, dos demais indígenas do Brasil aos quais chamam ‘*waxayu*’, que é uma categoria de ‘selvagem’, por causa de seu desconhecimento dos povos do Alto Xingu. *Kaxaiüpa* é a designação dada aos não indígenas e *kaxaiüpakumã*, aos estrangeiros, que tem o sentido de ‘*superior*’ aos brancos do Brasil.

Como parte conexa da história desse povo Mehinaku junto aos Alto Xinguanos, é importante saber quais são as origens dos nomes desses povos, respectivamente das nove etnias distintas, a saber, quais foram os fatores que os levaram a se autodenominarem por tais nomes. A conclusão preliminar aponta que as autodenominações se deram conforme a ocupação de determinada área-local que iam ocupando continuamente. As outras designações são àqueles dadas pelo outro povo, conforme sua consideração e julgamento, o que resultou no registro do que vemos hoje. De fato, isso nos causa uma impressão sobre a dimensão da dificuldade que os pesquisadores tiveram na época de contato com os nativos na compreensão da “língua

de contato”, isto é, “língua indígena”, a imaginar o esforço que faziam para mediar e intermediar tentando compreender a língua de comunicação, que era a indígena.

Aruak

1. *Mehinaku* - os Mehinaku fundaram sua aldeia próxima ao acampamento de ariranha, resultando na sua autodenominação, ‘*Imiehünaku*’, disse Iumuin Mehináku, embora não signifique acampamento de ariranha, pois se fosse seria *ewexüünepenu* (toca de ariranha). Já os Wauja chamam os Mehináku de *iyehünaku*, espécie de tatu chamado *iyehü*. ‘*Imiehü-naku*’ portanto, significaria ‘dentro ou local de *imiehü*’.
2. *Waurá* – vem da palavra “*a-waujata*” (*nossa cuia*)- disse Apayupi Waurá. Esta cuia é meio comprida e é usada como colher pelas mulheres do Alto Xingu para servir o pirão de peixe. Autodenominam-se de Wauja.
3. *Yawalapití* – porque havia um pé de *yawala* (tucum) no círculo da aldeia, informa finado *Maipu Yawalapití*. Apesar de terem mudado de aldeias várias vezes, continuaram se auto-denominando de ‘*yawalapi-tí*’ (dental-alveolar), que significa, o ‘local ou conjunto de tucum, tucunzal’.
4. *Kamaiurá* – vem de palavra Aruak ‘*kamayulá*’,- nome de pássaro de bico avermelhado e plumagem preta, espécie de gaviãozinho, que, numa certa época alimentou-se dos cadáveres de pessoas mortas pelos Kamaiurá, estes eram vistos atirando pauzinhos em outro sítios do Alto Xingu, informa Kuyakuyakalu. Já os Kamaiurá autodenominam-se de *apy’ap* que significa ‘*ouve de longe*’, segundo Paltu Kamaiura (comunicação pessoal), o qual informa também que, antes os Kamaiurá viveram numa aldeia só, com os Tapirapé, fora do Xingu, e com a chegada dos não indígenas à sua terra, saíram em busca de novo lugar e os Tapirapé teriam se perdido deles ao segui-los, indo pelo caminho da anta, o que deu a origem ao nome ‘*Tapirapé*’ (caminho de anta).
5. *Awetí* – sua autodenominação é ‘*awitiza*’, referindo-se ao coletivo deles. Já ‘*enumaniã*’ era o nome do que foi seu subgrupo da família Awetí, o qual falava uma língua um pouco diferente dos *awytyza*- relata Wary Kamaiura.

Este informa que ainda existem descendentes dessa família, residentes na aldeia Mirasol, com seus filhos, netos e bisnetos.

6. *Kuikuro* – Este nome surgiu pelo fato dos kuikuro terem fundado sua aldeia a poucos metros da lagoa em que havia concentração dos ‘*kugi*’, peixinhos bicudos e lisos (‘peixe agulha’, *potamorraphis belonidae*), dando origem ao novo nome dos grupos deslocados de antiga aldeia *Oti*, agora habitantes de “*kuhi ikugu* “lagoa dos peixes kuhi” (MEHINAKU, 2010, p.138). Quando moravam na aldeia *Lahatua*, os Mehináku os chamavam pelo nome ‘*alahatuanãu*’ (referindo-se aos moradores de Lahatua), senão pelo nome generalizado “*Yanapukua-nãu*”, pelo qual designam os falantes de línguas da família linguística Karib alto-xinguana.
7. *Kalapalo* – provavelmente uma designação Aruak, dos Mehinaku(?) ou, outros Aruak Alto Xinguano(?), já que este quer dizer ‘*outro lado*’ em Mehinaku. Os Mehinaku chamam os Kalapalo de *Akuku*.
8. *Nahukuá* – é uma denominação genérica Aruak (sobretudo dos Mehinaku) para se referir aos grupos étnicos falantes de línguas da família linguística Karib, denominados de “*nayapukuá*” – assim como confirma Kamawa Nahukuá. Também percebido pelo Steinen (1940, p. 194), em 1887, “ o nome de “Nahukuá”, é dado pelos índios exclusivamente aos habitantes da aldeia do Kulisehu. Os Yaurikumá, Guikuro etc. não se chamam, a si mesmos, de Nahuquá. E só pelo fato de termos visitado em primeiro lugar os “Nahuquá”, que me sirvo desta palavra como denominação tribal”. Baseando-me na datação do Galvão e Simões (1965, p.15), em 1950, os habitantes reduzidos de *Ahuahütü⁶-Jaramü*, separados de seus antepassados, hoje os Kalapálo da antiga aldeia *Timpa*, fundiram-se com os habitantes da aldeia *Uagihütü*, a família separada dos seus antepassados, hoje Kuikuro, da antiga aldeia *Oti* (MEHINAKU, 2010, p.13-135). Em 1944, foi o ano em que se transferiram da *Ahuahütü-Jaramü* para a *Ihumbá* (Lagoa), em função do último ataque dos Ikpéng, que chegaram a matar 16 pessoas no total em 1942 e 1944 (cf. GALVÃO e SIMÕES, 1965, p.4). Estes dois povos Karib,

⁶ O nome “*Yanumakapü*” (*Yanumakapühü* em Mehináku) é o que aparece no registro do Karl von den Steinen (1940, p.160), sendo na verdade tradução da palavra Ahua, ‘onça’ em Aruak.

Kalapálo e Kuikúru, se juntaram e formaram a identidade Nahukuá da aldeia Magijapé, atualmente com predominância Nahukuá, segundo Mutuá (2010, p.135).

9. *Matipu* – no momento há poucos registros sobre a origem do nome *Matipu*. Galvão e Simões (1965, p.16) são os únicos que trazem o nome “Nahuquá-Mahipúhy⁷ no seu registro. Provavelmente este nome teria sido dado pelos habitantes da região para se referirem aos habitantes da aldeia *Uagihütü*, que eram famílias separadas dos seus antepassados, hoje Kuikuro, da antiga *Oti*, mas fundidos com os remanescentes de sete famílias de aldeia *Ahuahütü-Jagamü(Nahukuá)*, em função de ambos se encontrarem em número reduzido de pessoas, em decorrência de surtos virais, sarampo, conforme Mutuá (2010, p.139). Fundidas estas duas famílias em termos linguísticos, abrem a aldeia *Magijapé*, levados por Orlando Vilas-Boas para o posto onde pudessem escolher um novo local para viver (MEHINÁKU, 2010, p.139-140). Anos depois, estas famílias se separaram por motivo de acusação de feitiçaria, formando a aldeia *Matipu*, próximo à lagoa mítica sagrada, onde tiveram a vantagem de ganhar sua identidade própria, ‘*Matipu*’.

Recentemente uma família residente das aldeias *Matipu* e *Nahukuá* retornou a sua terra natal, *Jaramü*, região de antiga aldeia *Ahuahütü-Nahuquá-*, de 1887 até 1944 (cf. Galvão e Simões, 1965, p.4), à margem direita do rio Kurisevo. Com o retorno a este lugar, e com a formação da aldeia *Jaramü*, *Kajua* e seu filho *Amatiwana*, ambos com a identidade *Matipu* e seu irmão *Jamiku*, com seus filhos de identidade *Nafukua (Nahukuá)*, lamentam por não terem valorizado sua identidade *Jagamü* na carteira de identificação (RG), pois eles moraram nessas duas aldeias. Eles acreditam que um dia ainda vão mudar o status atual para ‘*Jaramü*’.

Com base nisso, podemos dizer que os nomes identitários acima são resultantes de processo de contato interétnico e contato com os membros da sociedade envolvente, os quais, por sua vez, os registraram. Os nomes são ainda resultantes de mudanças de aldeia em aldeia, conforme as condições necessárias oferecidas pela natureza, assim como motivada pelos conflitos intertribais. Podemos também estender esse mesmo caso

⁷ Mahipúhy, provavelmente origem de nome de *Matipu*.

a todas às etnias do Médio, Baixo e Leste do Território Indígena do Xingu e às etnias do território nacional brasileiro.

O registro desses fatos é relevante para as comunidades indígenas que lutam para reconstituir sua legítima identidade. O registro é também relevante para as gerações presentes e futuras, pois estas precisam saber mais sobre as etnias a que pertencem, levando em conta a sua história e mestiçagem ocorrida entre eles. Os mais velhos são as mais valiosas fontes de pesquisa, ocupando, dessa forma, papel fundamental na transmissão desses conhecimentos. As informações fornecidas por pesquisadores – antropólogos, etnólogos, linguistas e outros – são também deveras importantes, como por exemplo, o legado de *Karl von den Steinen*.

Nesse sentido, as universidades que estão abrindo a oportunidade aos próprios indígenas assumirem um papel fundamental, pois nelas podemos sistematizar os registros que fazemos e discutir as nossas histórias cientificamente. Devemos com isso pensar também na criação de um centro de pesquisa para documentação histórica dos povos indígenas, sob-responsabilidade total dos próprios indígenas, e que sejam locais de seu protagonismo, onde possam escrever sua visão sobre o modo amparados por modelos analíticos apropriados.

2.1 Origem do Povo Mehináku

Os Mehináku se originaram de flechas, narra o Iumuin Mehináku (68 anos), transformadas pelos irmãos gêmeos Kamü (Sol) e Kexü (Lua), ambos netos do Kuamutũ. Kamü, irmão mais velho do Kexü, que era vaidoso, diferentemente do seu irmão Kexü, e também abusivo no seu poder. Procurava sempre provocar os outros agentes da história. Já o seu irmão Kexü era mais calmo, cauteloso, inteligente e sempre corrigiu os erros do irmão. Numa outra situação Kexü foi vítima do golpe do próprio irmão.

O avô deles, Kuamutũ, era sábio, sabia da existência das coisas e conhecia onde elas ficavam e a quem pertenciam. Ele mandava seus netos para conquistá-las dos seus donos em benefício de toda a humanidade mítica e da população humana de hoje. Ele tinha o dom de ouvir o que pensavam os outros seres e, quando era necessário se comunicava com eles usando dom, mas também se comunicava pessoalmente com esses

seres. Ele não criou as coisas para a humanidade, mas sabia da existência delas e assim apontava a direção ou dizia o nome delas para que os seus netos gêmeos, além dos outros netos, fossem conquistá-las dos proprietários. Kuamutũ ocupa a primeira fase da história mítica, junto os outros seres míticos. Com isso os Mehináku não saberiam dizer quem foi o primeiro a existir na fase da história mítica. Seus netos Sol e Lua, filhos de sua filha Atanumakalu, que foi a madeira esculpida pelo Kuamutũ, ocupam a terceira geração do ser mítico e ancestral dos Mehináku.

No primeiro momento, eles (os gêmeos) fincaram várias flechas de cana-de-ubá emplumadas e outras não emplumadas, feitas de *ulawalatü* (tipo de tucum), e as varetas de *tixümatü* e *pialätü* (ramo de plantas que tem leite), as quais formaram um círculo. Completado o círculo, ambos os irmãos começaram a transformá-las, sacudindo-as, balançando-as e agitando-as, transformando-as em gente. Quando tudo já estava transformado em gente, eles começaram a se pintar para guerrear entre si. No meio da confusão, o pai dos gêmeos, a onça, quase foi morto, assim resolveram salvá-lo arremessando-o para o céu, lançando junto sua alimentação, que são as caças, o tamanduá principalmente. Este tamanduá é o que vemos como manchado escuro no céu, denominado de *alama nutütai* ou *yanumaka nutütai* (olhos de alama e olhos de onça).

Nessa transformação originaram-se as seguintes etnias dos seguintes materiais:

- Txucamarrãe: originaram-se de flechas sem emplumação “*mayutuxütü mayatiwá*”;
- Yawalapühü (Yawalapití): originaram-se de flechas feitas de “*ulawalatü*” (tipo de tucum). Como esta planta é meio marrom, cinza e escuro, ficaram morenos;
- Mehináku: originaram-se de flechas que possuíam emplumação;
- Wauja, os Karib Alto Xinguano e os Tupi Alto Xinguanos: originaram-se de flechas que possuíam emplumação(?);
- Os brancos (não indígenas): também surgiram no meio dessa sociedade, isto é, estavam entre os xinguanos.

Após o término de guerra, cada grupo foi organizado com seus líderes, dando origem às etnias diferentes. Na sequência, cada grupo ia recebendo seus objetos desejáveis, os quais seriam seus símbolos identitários. Aí expuseram os seguintes

objetos: txitxakati (enfeite que se amarra no tornozelo); pitsapuku (cuiá grande); hexuãkãî (cocar); yanakuĩpi, walupi (colares de caramujo); ũtai (arco); yukumi (lança); kamalupü (panela grande de cerâmica); mutu, atapiyã, kulutu, elekepé (armadilhas de pegar peixe); e arma de fogo, etc. Nisso, então, cada grupo presente passara a escolher os seguintes materiais:

- Kamaiurá e Awetí: escolheram arco preto muyapi e cocar;
- Kuikuro, Kalapálo, Nafukua e Matipu: colares de caramujo walupi e yanakuĩpi;
- Mehináku: armadilhas de pegar peixe, como mutu, atapiyã, kulutu, elekepe (rede de pesca);
- Waurá: o mesmo objeto dos Mehináku, além das panelas de cerâmica (kamalupü);
- Yawalapití: yukumi (lança zagaia) para matar peixe, por isso passaram a ser considerados bons nisso.
- O branco: este escolheu a arma de fogo, a vaca. Todos os objetos que os outros povos recusaram.

Kamü e Kexü, fizeram esta transformação para dá origens aos povos existentes no Alto Xingu.

O momento mais lamentável para o Kuamutũ foi quando nenhum desses grupos indígenas presentes escolheu o que o ancestral dos brancos escolheu. Diante dessa sua insatisfação tentou utilizar outra estratégia para que os futuros indígenas presentes respondessem ao grito da pedra, e gritou duas vezes, mas não foi respondido, pois era para sinalizar a vida longa e assim tornar a população numerosa. E lamentou dizendo que por isso não durarão por mais tempo e nem serão populosos – porque a pedra dura muito.

Em seguida, vem o grito da árvore *walapa*, que foi respondido por eles como não devia, era para os ancestrais dos brancos terem respondido. Os gêmeos não gostaram e lamentaram dizendo que não seriam populosos.

Os irmãos gêmeos então batalharam para conquistar alimentos e fogo para estes povos por eles transformados. A mandioca brava, eles tomaram do porco do mato, e o fogo, tomaram da raposa.

2.2 Identidade Mehináku

É comum entre os Mehinako o casamento exogâmico, o que tem lavado a um quadro considerável de mestiçagem. Assim, o indivíduo Mehináku passa a possuir duas identidades étnicas, a do pai e a da mãe, Mehinaku e uma das seguintes etnias: Awetí, Yawalapití, Waurá, Nahukuá, Matipu, Kalapálo, Kuikúro, Kamayura, Trumai e Kisêdje, o que demonstrarei no quadro posterior.

O casamento tradicional entre os Mehináku já apresenta mudanças hoje. Já foi muito rígido e rigoroso no passado em comparação aos dias de hoje. Existem também dois tipos de casamentos entre os Mehináku, casamento arranjado na época da adolescência ou na fase adulta e aquela comprometida pelos próprios pais da menina, desde criança, de acordo com seu interesse, ou senão dos pais do futuro esposo. O casamento pode ocorrer entre os Mehináku e entre Mehináku e outra etnia. Essa conjuntura define o quadro identitário Mehináku que veremos na seção seguinte.

Um rapaz Mehináku deve casar com sua prima, filha do tio, irmão da sua mãe e, da mesma forma, com a filha de sua tia, irmã do seu pai. Normalmente a realização de casamento ocorre no fim do dia, onde a família da moça chama os primos da moça e alguns dos filhos do irmão do pai para buscar a rede do rapaz que se encontra em namoro com a moça. O consenso dos pais do rapaz no momento da solicitação da rede para fazer o casamento é importante para o arranjo de casamento, caso contrário não rola casamento, mas isso é caso raro. Ao vir com a rede na mão, todos os homens da aldeia gritavam imitando o choro da criança: uã, uã, *mamã*, *yũyũ* (mãe, quero mama), pois irão ter crianças.

A tarefa obrigatória do rapaz inicia-se no dia seguinte do casamento, apanhando a madeira pindaíba seca para rachar de lenha para sua sogra e sogro, sinal de respeito e compromisso assumido, sendo essa a forma de pré-pagamento ou compromisso. As lenhas são distribuídas pela mãe e o pai da moça, levando-a para os seus irmãos, irmãs, os primos de primeiro grau, como pedido de respeito ao rapaz. A partir daí todas as famílias passam a não falar ou chamar mais o rapaz pelo nome, sendo como referencia

somente a esposa, dizendo: “*esposo de tal fulana*”. A comunicação do sogro e da sogra será através da filha, e também para manter a distância desejável na convivência.

Abrir a roça e pescar para sustentar a família da moça é uma obrigação que o rapaz deve assumir. Por isso os Mehináku não casavam antes dos 20, pois precisavam passar pelo preparo atingindo no nível de independência da sua própria família em termo de sua produção, com sua própria roça e sabendo pescar, justamente para dá conta do sustento de sua família, da esposa e seus futuros filhos.

Entre os Mehináku, o lutador de *kapĩ* (kapĩyekehü), bom pescador e possuidor de roça de mandiocal brava eram maridos ideais, e os próprios pais de uma moça estimulavam a filha para que não rejeitasse o pedido de namoro ou de casamento desse tipo de pessoa, pois são seus homens ideais, independente da moça gostar e ou não do pretendente. O lutador ganhava um valor de respeito visto como “símbolo de luta”. Mas o casamento teria que respeitar a linhagem de ‘primos’, conforme explicação anterior.

Sobre o noivado, a mãe do menino é quem normalmente escolhe a futura esposa do filho, dando a esta objetos de valor, na cultura. Durante o seu crescimento, recebe alimentação e os presentes da família do futuro esposo, assim como o futuro esposo recebe presentes da futura esposa.

A menina ao menstruar fica reclusa por um ano, de forma que possa receber tratamento de preparo físico, conselhos e ensinamentos da mãe e da avó, como forma de educação. A menina, para conseguir desenvoltura do corpo, é escarificada com a arranhadeira feita de dente de peixe-cachorro pequeno, específico para isso, e ela também vomita os tipos de ervas ingeridas justamente para ganhar desenvolvimento físico. Ao terminar esta fase, a sua franja é cortada, um sinal de que sairá da reclusão e já pronta para casar com o seu noivo, podendo ser o casamento em sessão ritualística ou sem ritual.

Com relação ao casamento Mehináku com a mulher de outra etnia, ou, homem de outra etnia com uma Mehináku, já é uma prática antiga. Porém, casar com a moça de outra etnia era uma questão de coragem e preparo do pretendente. E não era para qualquer pessoa, pois precisava de preparo na luta *kapĩ*, precisava se competente na pescaria e na roçada. Muitas vezes, iam casar com uma mulher que já haviam visto em alguma ocasião, mesmo sem ter namorado com ela. Normalmente isso acontecia com

respeito às filhas do irmão da mãe ou da irmã do pai, mas podia acontecer com às filhas de outro parente próximo. Esse tipo de casamento arranjado muitas vezes dava certo, mas às vezes não. O homem neste tipo de casamento chama-se de *ĩyeri* e a mulher *ĩtsui*. No seu primeiro ou no seu segundo dia, todos os homens da aldeia lutam com ele.

O homem nesta condição tem por obrigação permanecer na comunidade da sua esposa quase pelo resto da vida. Ele deve respeitar a comunidade em todas as suas atividades e deve marcar a presença nas atividades coletivas, no trabalho mutirão, nas festas, sem demonstrar sequer o desânimo diante do público. Ali não deve tomar a frente das pessoas ou se posicionar como fazem as pessoas da própria comunidade, por exemplo, receber o peixe em primeiro ou segundo lugar, mas sempre dando a prioridade à gente local. Voltar a morar na sua comunidade de origem só é possível se o pai e a mãe da sua esposa já estiverem falecidos. Essa seria uma boa justificativa para não continuar mais na comunidade da esposa. Outra possibilidade é estar com os filhos quase adultos. Mas como já possui a vida construída naquela comunidade com os seus filhos já jovens, adultos casados ou não, dificilmente ele voltará a sua comunidade de origem.

Nesse contexto, a definição da identidade divide a opinião dos Mehináku na hora da que deve priorizar, seria primeiro a da sua mãe ou a do pai? Se nascerem, crescerem e construírem sua vida na comunidade da mãe vai, a referência maior é a identidade da mãe que prevalece em primeiro lugar, e em segundo plano, a do pai. Da mesma forma, se tiverem nascido, crescido e construído sua vida entre o povo do pai, prevalece a identidade do pai. Pode ocorrer que, os parentes do filho que optou pela identidade da mãe reajam argumentando que a mãe só acomoda e dá a luz à criança, já o pai é quem tem sangue forte e foi quem realmente fez a criança, por isso deve ser priorizada a identidade do pai. Diante disso, os filhos defendem-se dizendo terem crescido e desenvolvido sua vida naquela comunidade, e por conseguinte, consideraram em primeiro lugar a identidade da mãe, assim como podem argumentar em favor da identidade paterna. Uma coisa importante é ver o laço forte dos jovens entre as duas etnias a que pertencem, ao participarem das festas juntos com todos os parentes, embora não estejam vivendo entre às suas duas etnias.

Situações como essas são frequentes entre os Mehináku e no Alto Xingu, em geral, onde os casamentos interétnicos tem ocorrido historicamente. Karl von den

Steinen já havia constatado a presença de pessoas de outras comunidades nas aldeias por ele visitadas, mas não sabia o que significava essa presença. Hoje o casamento interétnico se fortificou e intensificou demais, permitindo que uma pessoa, mesmo sem ser parente de consideração, sobretudo sobrinho, case com sua filha.

O quadro a seguir mostra o resultado de casamentos interétnicos já ocorridos antes, o que influenciará o quadro identitário Mehináku, colocando-se como quebra de barreira na sua preservação.

Quadro 2. A família da *Kuyakuyakalu*, casada com finado *Yanapá*:

Cônjuge	Cônjuge filhos(as)	Etnia	Netos(as)	Etnia	Nº bisnetos(as)	Etnia
Kuyakuya kalu Yanapá		Mehináku Mehináku				
1º filho	Yahati Kayanaku	Mehináku Awetí Yawalapití	1. Pakuyura 2. Makaulaka 3. Paipualu 4. Kulikyurda 5. Wayuni 6. Tsukujyt 7. Waxamani 8. Kautá, 9. Makuai, 10. Kawiru	Mehináku Awetí Yawalapití	1. 3M 2F=06 2. 3M 1F=04 3. 1M 4F=05 4. 3M 1F=04 5. 2F=02 6. 1F=01	Mehináku Awetí Yawalapití Kamaiura Nahukuá
2º filho	Anapatuti Kurimatá	Mehináku Waurá	1. Wakuyukuma 2. Kamaikiakalu 3. Itsaukuma *Tewe(falecida) 4. Kuyeto 5. Kanapü	Mehináku Waurá	1. 1M 1F=02 2. 1M 5F=06 3. 1M 1F=02 *1M 1F=02 4. 2M(G)=02	Mehináku Waurá Nahukuá Yawalapití Kuikuro
3º filho	Ahula Yualu	Mehináku Waurá Awetí	1. Yamanipalu 2. Meyeke 3. Tepuri 4. Yawaitxe 5. Uanulatapa 6. Alua 7. Prawantsi, 8. Apú 9. Riquelme	Mehináku Waurá Aweti	1. 2M 1F=03 2. 1F=01 3. 2F=02 4. 1 F=01 5. 1M=01	Mehináku Waurá Nafukua Kuikuro Aweti
4º filho	Kamala Elsá Yuatani	Mehináku Kuikuro Kuikuro	1. Yanapa 2. Joel 3. Makula 4. Fabíola 5. Mira 6. Paulo 7. Upi 8. Osfalto 9. Rika 10. Akira, 11. Menina	Mehináku Kuikuro	1. 1M 1F=02 2. 1F=01 3. M=01	Mehináku Kuikuro

5ª filha	Uheku Kawakana mu	Mehináku Mehináku	1. Penuan 2. Yatapi 3. Mayawari 4. Yaruru	Mehináku Mehináku	1. 04 filhos com Makaulaka 2. 02 filhos com a Yamanipalu 3. 01 filha com a Wayuni	
6º filho	Yuta	Mehináku				

A Kuyakuyakalu relata que seu primeiro filho faleceu quando a perna já se firmava bem para andar, e que um feiticeiro o matou com feitiço - “*etunawiku, kihitxala katüwiku, ünuka künapaiku*” - disse ela. E relata como seu filho *Yahati* casou com a *kayanaku* Awetí:

“atutüpá patã üutsa ayatühã, nutsa aitsa ayatawühã, iyukaka mamã üupai papáhã. Ipieitsa künala pünüiku, payãkualutai neku, ahimiyuãküneneku, atsitsüpalu umukatala, kaliku, mamikuhã, papá üuwikuhã, yitxakawakali, Kahala ütenuïkuhã”.

Tradução

“sua finada avó foi quem pediu à Yanapa para que ele noivasse com sua mãe., mas a mim nada foi solicitado, e foi assim que seu pai casou com sua mãe. Assim sua mãe ficou noiva, ficou reclusa ao menstruar, cortaram a franja dela e a sua finada avó levou sua mãe para casar com seu pai, e assim vocês existiram, você e a Kahala”.

Seu filho *Anapatü* também casou com uma Waurá, dizendo ter gostado da ‘*wauxenexu*’ (feminina waurá). “*Yawatua piri püxü. Wauxenexu xãhã, initsupalu xãhã*” trad: “seu tio a achou bonita. Esta é a waurá, filha de uma waurá.

Seu terceiro filho, *Ahula*, também casou com uma mestiça Mehináku Waurá – “*imiehünakunexu tsatueku, katapaxutüwa wauxenexu piepei nehẽ, katapaxutüwaya wauxenexu piepei üxüiné, pawüxütüpa ükahitsa* – trad: “é Mehináku, é mestiça waurá por parte do finado pai dela”.

Com *Kamala*, também não foi diferente, casou com uma mulher de etnia Kuikuro. Já a sua única filha *Uheku* casou com um Mehináku e relata:

-“Imiehünaku ünéku, aitsamiäya katapaxutüwa ünéku. Nutami. Ünüxü tūpanāu ükahitsa nutami piepei nanü néhê. Ününu tūpalu ükahitsa nutäiyāu piepei nanüné. Katakia epenexu ününu tūpalunāuwiku, epenexuiku. Kalahã, papa katikuhã, ekepenetua künápai kata tsitsanāu ütenuwiku, nupenexu piepei ününu tūpalunāupahã”.

Tradução:

“Esse não é mestiço Mehináku. Ele é meu sobrinho de consideração por parte do finado pai, tios deles. Já pela consideração, por parte da mãe, tias deles, é que esses são meus filhos, isto é, sobrinhos, pois as tias deles são nossas parentes. Veja que há consideração entre parentes, pois assim é da nossa consideração. Assim como existe uma forma de consideração pelas outras pessoas, suas finadas mães eram minhas parentes”.

A Kuyakuyakalu também relata ter tido uma irmã mais velha, *Apükatualu*, que teve os filhos falecidos. *Anapatüi*, o primeiro filho, faleceu jovem quando passava pelo estágio de puberdade na vida, e estava recluso: “*aitsa kanu tükeku, akama kalikuhã, ünuka küna payäkuaita[.]. Atayatueku, üné kamuhitxapapiriwiku, akapakaita künawiku, ünuka künawiku, aitsa tüka kanuïkuhã, aitsa tüka kamüxuwikuhã*” - “nem chegou a casar, ainda não tinha casado, faleceu, foi feiticeiro que o matou (com o feitiço) quando estava na reclusão, após de ter tomado a erva, causando inveja , o que culminou com sua morte, pois nem havia namorado ainda”. As irmãs desse falecido *Anapatüi* foram *Wükepe* e *Kayanatapá* - “*tsapatama, aitsa tüka kemé hewepeku, ünüxexu tūpalu, ipieinetua, aitsa iya küna pánupei. Amamalata küna íratá künehené. Kamaluku, initsupalu tūpalunāu kenékuhã, ünüxü tūpeku, mamalatã* “, tradução: – “aconteceu do mesmo modo do irmão, ainda nem chegaram a casar, a finada irmã *Kayanatapá* e sua irmã, ainda moças, ainda ninguém havia casado com elas, as fizeram pálidas com o feitiço e, assim, morreram. Ambas eram as filhas do finado *Kamaluku*, morreram todas”.

Quadro 3. A família da *Alama*, casada com finado *Matamatã*:

Cônjuge	Cônjuge filhos(as)	Etnia	Netos(as)	Etnia	Nº bisnetos(as)	Etnia
Alama Matamatã		Mehináku Yanapühü				

1º filho	Kemenha Kamahu	Yanapühü Mehináku Mehináku Waurá	1. Tsaulu 2. Tsurihĩ 3. Kuyapitsapa 4. Nanã 5. Helena	Yanapühü Mehináku Waurá	1. 1F=01	Yanapühü Mehináku Waurá Kamaurá Yawalapití
2º filho	Uruhu Paipualu	Yanapühü Mehináku Mehináku Awetí Yawalapití	1. Itxuna 2. Yatsima 3. Samara 4. Lara 5.Mara	Yanapühü Mehináku Awetí Yawalapití		
3º filho	Tamayua Maria	Yanapühü Mehináku Waurá	1. Saída 2. Kuyapitsapa 3. menina	Yanapühü Mehináku Waurá		
4ª filha	Apükalu Uretsu	Yanapühü Mehináku Mehináku Yawalapití Waurá	1. Mirau 2. Tsulupe 3. Noeli 4. Sawirá 5. Micael 6. menina	Yanapühü Mehináku Yawalapití Waurá		
5º filho	Apahu	Mehináku				

Matamatã segundo a *Kuyakuyakalu* veio de uma família pertencente ao sub-grupo Mehináku, *Yanapühü*, grupo extinto, embora seus descendentes ainda existam entre os *Imiehünaku*, ou melhor, estes que são os Mehináku hoje. Com o passar de tempo, a família pertencente aos Yanapühü sentiram-se despercebidas pela maioria dos Mehináku que predominavam linguisticamente, Yanapühü. *Alama* é filha única da irmã de *Kuyakuyakalu*.

Quadro 4. A família da Aramiã (65), casada com o primeiro esposo, finado Alapüku e com o finado Maipu.

Cônjuge	Cônjuge filhos(as)	Etnia	Netos(as)	Etnia	Nº bisnetos(as)	Etnia
Aramiã		Mehináku Waurá				
Alapüku Maipu		Mehináku Yawalapití				
	Tukuyari	Mehináku	1. Yahu 2. Pitsalu		1. 01 filha com a Tepuri Q2,	Mehináku

1º filho	Mukura	Waurá Mehináku Trumai	3.Kutsarapü 4.Karatsipá 5.Wapitsewe 6.Warakina 7. Kiko	Mehináku Waurá Trumai	linha 4. 2. 4M=04 3. 1F=01	Waurá Nahukuá Trumai
2º filho	Palawatuá (falecido) Wala	Mehináku Waurá Mehináku Nahukuá	1. Akuku 2. Tafarel 3. Yumuitsu 4. Pulatü 5. Katsatsu	Mehináku Waurá Nahukuá Matipu	1. 1M 1F=02 2. 2M=02 3. 1M 1F=02 filhos com Itsaukuma Q2, linha 3. 4. 3M=03 5. 1M=01	Mehináku Waurá Nahukuá Matipu
3º filho	Kapulupi Taxama	Mehináku Waurá Mehináku Kamaiurá	1. Ayalaha 2. Etsiri 3. Umai 4. Kuyupe 5. Atsüpe 6. Carlos 7. Maciel 8. Menina	Mehináku Waurá Kamaiurá	1. 2M=02	Mehináku Waurá Kamaiurá Yawalapití
4ª filha	Makalu Tropi	Mehináku Waurá Kamaiurá Trumai	1. Yanuku 2. Talatakuma 3. Metsulu 4. Murikapi 5. Tukun 6. Lino	Mehináku Waurá Kamaiurá Trumai	2. 2F=02	Mehináku Waurá Kamaiurá Trumai Aweti
5ª filha	Kaparu Kamaluvê	Yawalapití Mehináku Waurá Mehináku Nahukuá	1. Pulatü 2. Metukã 3. Yanunu 4. ?? 5. menina	Yawalapití Mehináku Waurá Nahukuá	1. 01 filha com Kutsarapü Q4, linha 2. 2. 1F=01	Yawalapití Mehináku Waurá Nahukuá
6º filho	Kataya Kamakiakalu	Yawalapití Mehináku Waurá Mehináku Waurá	As 5 netas (os) são bisnetas de Q2, linha 3.	Yawalapití Mehináku Waurá		
7ª filho	Kuiarapi Yakupelu	Yawalapití Mehináku Waurá Mehináku	1. Yamulawa 2. Luan 3. Menina	Yawalapití Mehináku Waurá		
8º filho	Uleitawa Kapihi	Mehináku Waurá Yawalapití Mehináku Waurá	1. Menina	Yawalapití Mehináku Waurá		

Alapüku teve três filhos e uma filha com *Aramiã*. Com o *Maipu* também teve três filhos e uma filha. *Uheku* relata que o finado *Maipu* executou o *Alapüku* para ficar com sua esposa *Aramiã*. Ela é uma filha de *Palawatua*, irmão mais velho do *Yanapá*. *Palawatua* foi casado com a *Waurá*, *Kayualu*, com quem teve a filha *Aramiã* e o filho *Kuyaparé*. O parentesco relativo a *Palawatua* é parte do quadro 2 e do quadro 5:

Atsa nutata nekene, patuküxü tûpanãuwîku. Wãitxa patsai nutatapai kené patuküxü tûpekuhã(Yanapá). Upawa tûpanãu atsa nutatawüku. Küküyêtpa pakutsai nekené. Mamalawapi, xãtûka, Itxamatüxüpühü, paputãkã wáxiüwîku, ünãípia tükaíku, amamalata künawapiku. Kiriyumai kutsa kené patuküxü tûpanãu üputãkêpei Itxamatüxüpühü, mapühüku xupakuiku. Ulawapühü takuikuhã, üxü kalikuhã, hitxakiakkepene ünatsiku, tapüká, mamalá ünãtsa.

Tradução:

“eu não sei quem foram e são esses seus finados avôs, apenas eu sei sobre esse seu finado avô (Yanapá), e sei que eles eram muitos irmãos. Acabaram, faleceram todos na *Itxamatüxüpühü*, antiga aldeia legítima deles, quando ainda moravam por lá, onde acabaram com eles. *Itxamatüxüpühü*, foi a primeira aldeia dos seus finados avôs. Hoje lá é mato fechado, fica na região da *Ulawapühü*, lugar de onde todos se mudaram” (fala de *Kuyakuyakalu*).

Quadro 5. Os filhos da *Atalu*, casada com *Iepe*:

Cônjuge	Cônjuge filhos(as)	Etnia	Netos(as)	Etnia	Nº bisnetos(as)	Etnia
Atalu Iepe		Mehináku Mehináku				
1º filho	Paitxuma Hiãlu	Mehináku Mehináku	1.Mawaia 2. Mapü 3. Yakaxü 4.Yakupelu 5. Makauxükuma 6. Iepe	Mehináku Nahukuá Matipu	1. 1M 2F=02 2. 1M 1F=02 4. 1M e +03 filhos com Kuarapi Q4, linha 8.	Mehináku Nahukuá Matipu
2º filho	Kawakanamu Uheku	Mehináku Mehináku	Os 4 netos também são netos de Q2, linha 6.			

A *Atalu* é irmã caçula do *Yanapá*, nascida depois dele. A mãe da *Aria* é irmã mais velha de todos os irmãos: *Waxamani* é o segundo, teve duas esposas, *Kamaiurá Kaka* com quem não teve filho e a *Waurá*, com quem teve filha e filho. Os filhos da filha dele todos moram na aldeia *Piyulaga*, *Waurá*: *Waxamani* (falecido), *Marikawa*, *Walaku*, *Tuhu* e *Muxuleu*, filhos de uma filha dele. *Kawakanamu* foi um filho dele, que teve filha *Ulé*, filha de *Puyutiütewe* de etnia *Mehináku*. A *Ulé* tem uma filha que está no quadro 8. *Palawatuá* é o terceiro irmão. O *Yanapá* também teve duas esposas, *Apükatualu*, mãe da *Alama* do quadro 3, irmã mais velhas de sua esposa *Kuyakuyakalu*.

Quadro 6. A família do *Ayuruá* casado com a *Kaiti*:

Cônjuge e	Cônjuge filhos(as)	Etnia	Netos(as)	Etnia	Nº bisnetos(as)	Etnia
Ayuruá Kaiti		Mehináku Waurá				
1ª filha	Kayaluku Kuiaparé	Mehináku Waurá Mehináku Waurá	1. Tamalui 2. Yamuni 3. Assalu 4. Aiurua 5. Kumaiú 6. Kayualu	Mehináku Waurá Mehináku	1. 6M 8F=14 2. 1M 2F=03 3. 6M 2F=08 4. 2M 1F=03 5. 3M 4F=05 6. 1M 2F=03	Mehináku Waurá Yawalapití Kamayurá Kisédje Funiô
2º filho	Munain Aritsé	Mehináku Waurá Yanapühü Mehináku Yawalapití	1. Uretsu 2. Kanuaku 3. Ulawalu 4. Karaun	Mehináku Waurá Yanapühü Mehináku Yawalapití	1. 06 filhos com Apükalu Q3, linha 5. 2. 5M=05 3. 05 filhos com Kumayu, Q6, linha 2. 4. 02 filhos com Kumayu, Q6, linha 2.	Mehináku Waurá Yawalapití Kamaiurá
3º filho	Iumuin Takulalu	Mehináku Waurá Waurá	1. Kaiti 2. Ciucarte 3. Maykuti 4. Kamahu 5. Mahim 6. Kawakani 7. Ayuruá 8. Kamiru 9. Kapihi	Mehináku Waurá	1. 5M=05 2. 05 filhos com Pakuyura, Q2, L2. 3. 2F=02 4. 05 filhas com Kemenha, Q3, L2. 5. 2M 2F=04 7. 01 filha com a Metukã, Q4, L6.	Mehináku Waurá Nahukuá

					8. 03 filhos com Tafarel, Q4, L3. 9. 01 filha com Uleitawa, Q4, L9.	
--	--	--	--	--	--	--

Ayurua teve duas esposas, Kaiti Waurá e uma Yawalapití, irmã do Ayukuri Yawalapití.

Quadro 7. Os filhos da *Yatamalu* (falecida) casada com *Ayama* (falecido):

Cônjuge	Cônjuge filhos(as)	Etnia	Netos(as)	Etnia	Nº bisnetos(as)	Etnia
Yatamalu Ayama		Mehináku Trumai Mehináku				
1ª filha	Mukura Tukuyari	Mehináku Trumai Mehináku Waurá	Os 7 netos são netos de Q4, linha 2.		06 bisnetos são bisnetos da Aramiã, Q4, linha 2.	
2ª filha	Kaminawiru Kanawa	Mehináku Trumai Nahukuá	1.Tupé 2. Tiwari 3. Ayapá 4.Seni 5.Apotxo 6.Ireni 7. Tukulé	Mehináku Trumai Nahukuá	3. 1M=01 filho com Kulikyda, Q2, L2.	Mehináku Trumai Nahukuá Awetí Yawalapití
3ª filha	Uleiru	Mehináku Trumai	1. Īpi 2. Awāü 3. Andresa 4. Menina	Mehináku Trumai		
4º filho	Kanaiu Andreia	Mehináku Trumai Kalapálo	1. menino	Mehináku Trumai Kalapálo		

Araku é de etnia Trumai Yawapaliti e é pai de *Yatamalu*. Ele casou com duas irmãs, *Yemelu*, mãe da *Yatamalu*, e sua irmã *Ana*, avó da *Hiälü*.

Quadro 8. Os filhos do *Yanunu*, casado com a *Maniyü*:

Cônjuge	Cônjuge filhos(as)	Etnia	Netos(as)	Etnia	Nº bisnetos(as)	Etnia
Yanunu Maniyũ		Mehináku Nahukuá				
1º filho	Aparita Kaiti	Mehináku Nahukuá Mehináku Waurá	1. Iumuin 2. Ihimiäkuma 3. Autu 4. Mole 5. Tukula (estes são tataranetos do Q6, linha 4)	Mehináku Nahukuá Waurá	01 bisneta é tataraneta de Q6, linha 2.	Mehináku Nahukuá Waurá Yawalapití Kamaiura
2ª filha	Wála Palawatuá Talã (2º)	Mehináku Nahukuá Mehináku Waurá Kuikuro	4 netos são netos de Q4, linha 3. 5. Keretxũ 6. Maitxe	Mehináku Nahukuá Kuikuro	08 bisnetos são bisnetos do Q4, linha 3. 5. 1F=01	Mehináku Nahukuá Kuikuro
3º filho	Kamaluvê Kaparú	Mehináku Nahukuá Mehináku Waurá Yawalapití	5 netos são netos de Q4, linha 3.		02 bisnetas são bisnetas de Q4, L6, e tataraneta de Q6, L4.	
4ª filha	Yahita Wakuyuku ma	Mehináku Nahukuá Mehináku Waurá	1 neta é do Q4, linha 3, e 2 netos são bisnetos do Q2.			
4º filho	Karanai Pitsalu	Mehináku Nahukuá Mehináku Trumai Waurá	4 netos são bisnetos de Q4, L2.			
5º filho	Uyai Karuapó	Mehináku Nahukuá Kamaiura Mehináku	1. Temepuhu 2. menino 3. menino 4. menino 5. menina	Mehináku Nahukuá Kamaiura		

Quadro 9. A família de Mauká, casada com o finado Mayuxüká e com seu segundo esposo, Tamasu:

Cônjuge	Cônjuge filhos(as)	Etnia	Netos(as)	Etnia	Nº bisnetos(as)	Etnia
Mauká Mayuxüká		Mehináku Waurá Awetí				

Tamasu		Waurá				
1ª filha	Yualu Ahula	Mehináku Waurá Awetí Mehináku	9 netos são netos de Q2, L4		9 bisnetos são bisnetos de Q2, L4, de Q4, L2.	
2ª filha	Yumuitsum alu Yapatsiama	Mehináku Waurá Awetí Waurá	6M 7F=13	Mehináku Waurá Awetí	M2+3M+1M=06 6F+1F +1F+1F=09	Mehináku Awetí Waurá
3ª filha	Apikaku Karapütá	Mehináku Waurá Awetí Waurá	2M 5F=07	Mehináku Waurá Awetí		
4º filho	Malusin Kamairu	Mehináku Waurá Awetí Waurá	3M=03	Mehináku Waurá Awetí		
5º filho	Aria Pitsa	Mehináku Waurá Awetí Waurá	1M 3F=04	Mehináku Waurá Awetí		
6º filho	Puitxa Kuyauku	Mehináku Waurá Awetí Waurá	1M=01	Mehináku Waurá Awetí		
7º filho	Asariku Kayanaku	Mehináku Waurá Awetí Waurá	2M= 02	Mehináku Waurá Awetí		

Mauká reside entre os Wauja, na aldeia Piyulaga, mas até nos idos de 1983 morou entre os Mehináku, na aldeia Xalapapühü. Boa parte de sua família reside entre os Wauja, mas apenas uma filha mora entre os Mehináku do Q2. Yualu relata que seu finado pai Mayuxüká é neto de um filho de um Awetí: *”Awütü (Awetí) kutsa papá. Papá üpukakali, ünixütüpa, kalahã, ünixüné tsepeteme, Awütü kutseku. Ükahitsa Awütü paxutüpei papá hekuyëkuhã”*, - “disse que meu pai é Awetí, é antepassado dele, finado pai dele e pai dele também é Awetí. Nisso meu pai fazia parte de Awetí?”.

Os quadros ilustrativos acima demonstram a procedência geográfica e étnica, no contexto de casamentos interétnicos, responsáveis pela formação de um sistema de parentesco entre as famílias Mehináku que se fazem presentes nas aldeias Mehináku e

em outras comunidades, moldando um quadro considerável de mestiçagem e um perfil identitário diferenciado, que se caracteriza pelo que é chamado de “*Imiehünaku*”, possuidor de duas, três, quatro ou mais identidades étnicas, resultado de antigo casamento dos avós ou dos bisavós.

Gostaria de esclarecer que nas colunas dos quadros acima, netos e bisnetos que possuem mais de uma identidade não se reconhecem mais como pertencente a essas etnias e acham engraçados se alguém falar que pertencem a uma etnia por parte do bisavô, avô e tataravô. Vão se reconhecendo como igual ao pai ou a mãe.

2.3 Língua Imiehünaku, línguas de outros povos do Alto Xingu e a Língua Portuguesa

A língua Mehináku como já mencionamos na introdução desta dissertação, pertence à família linguística Aruak, e é falada na região sul do Alto Xingu, no Parque Indígena do Xingu (PIX), Mato Grosso, Brasil.

A maioria dos Mehináku não sabe que existem outros grupos étnicos no estado de Mato Grosso, ou melhor, no estado brasileiro, que falam línguas da mesma família linguística Aruák, com formas linguísticas às vezes idênticas às suas. Quando veem essas semelhanças se espantam e acham que é casual ou coincidência. Dificilmente os Mehináku podem acreditar que pertenceram a um agrupamento único há muitos atrás, pois esta visão contraria a categoria de ‘*putaka*’ a forma que categorizam os povos alto-xinguanos, já que as etnias fora do PIX são da categoria ‘*waxayu*’, sentido ‘desconhecido’.

Entretanto, os estudos linguísticos podem convencer os estudantes falantes destas línguas Aruak, por esses estudos apontarem indícios e evidências resultantes da aplicação de métodos comparativos, como são os casos de Rodrigues (1986), ou por sensibilidade linguística como foi o caso de Martius, (1867) e Karl von den Steinen (1887).

O estado de vitalidade da língua Mehináku é boa, pois é falada pela maioria dos seus falantes. Há, entretanto, casos em que filhos não falam dentro de casa a língua do pai Mehinaku e sim a língua da mãe, que é de outra etnia, como ocorre com os filhos do senhor Tamalui e de seu irmão Assalu, que usam predominantemente as línguas da mãe

que são Kamaiura e Kuikuro. Além disso, a língua Mehináku se faz presente quase em todas as comunidades, entre os Kuikuro, Yawalapití, Nahukuá, Waurá, o que, portanto, não pode ser visto como negativo, mas é uma consequência de casamentos interétnicos antigos e recentes. Os filhos desses, em muitas situações não falam a língua do pai por não ser hábito diário, mas a podem entender bem ou mais ou menos, embora haja casos de pessoas que não aprenderam a língua Mehináku. A língua Mehináku também não enfrenta tanta dificuldade quando é falada pelos filhos de Mehináku que se encontram nas comunidades Yawalapití e Wauja, o que se justifica pela proximidade entre essas línguas.

Os Mehináku aprendem sua língua no convívio familiar e, conforme o avanço da idade, mudam de ambiente de aprendizagem, vão ouvir as narrativas míticas contadas pelo avô ou pela avó, depois vão para o ambiente coletivo, no ritual, atividade praticada pelo adolescente em reclusão. Esta é a fase preparatória para a vida adulta, onde são aconselhados com tipos de discursos educativos. Essa aprendizagem da língua Mehináku é para possibilitar o aprendiz a falar e expressar o conhecimento Mehináku em várias circunstâncias. No caso do canto sagrado, trata-se de canto do pajé, exclusivo deste, pois a música vem do mito ou do espírito. Assim o discurso sagrado é usado para receber *waká* (mensageiro) e o convidado do *kayumai* (kuarup), ou para convidar as outras etnias a participarem de um ritual, seguindo as formas de orações.

A língua Mehináku em contato com a língua portuguesa é adotada como uma das segundas línguas pelos falantes de língua Mehináku.

A aprendizagem do Português pelos Mehináku nos pareceu uma solução para este problema de diálogo interétnico, passando a língua portuguesa a ocupar gradativamente o espaço de uma interlíngua. Antes, aprender a falar a língua portuguesa pelos Mehináku era o motivo de se instrumentalizar para que assim soubessem se defender, lutar, e se comunicar com os brancos. Em pouco tempo esta se tornou uma língua franca entre os indígenas alto-xinguanos, que puderam ter condição de falar por eles mesmos, representando seu próprio povo, enquanto que antes requisitavam a pessoa falante de português para traduzir sua fala aos brancos nas reuniões.

A língua portuguesa, portanto, passou a ser um instrumento de comunicação com os não índios e paralelamente entre os índios do Xingu e de fora, acionada nas situações em que os indígenas não entendiam as línguas uns dos outros. Falar a língua

portuguesa hoje é indispensável para os jovens nas tomadas de decisões, nas reuniões, representando seu povo dentro e fora do Brasil, interagindo sobretudo com representantes de instâncias governamentais.

Hoje muitos jovens falam o Português, o que é resultado de formação, capacitação, oficinas realizadas, diferentemente dos velhos que não tiveram esta mesma oportunidade, e que são promotores e transmissores dos saberes festivos e ritualísticos do seu povo. Imaginamos como se desdobrará o interesse de se falar o português no futuro, já que muitos a veem como uma solução de seu problema de comunicação, muitas vezes se levando pela ilusão relativa à ideia de que falar o português é ter condição de conseguir um emprego. A pessoa que fala o português é útil para os caciques e lideranças que necessitam dos seus intérpretes no espaço político, podem exercer, assim, pequena profissão e sem sequer ocupar cargo político.

Olhando para essa situação, questionamos se realmente a língua mais desejada pela geração atual os beneficiarão ou os dividirão, no grupo de jovens politizados no ambiente escolar e aqueles jovens não escolarizados?

Pela experiência observada, como acreditavam os mais velhos antes, falar o português é dialogar com os membros da sociedade não índia, é sempre se colocar na luta pela causa comum, para defender seus direitos, diante da ocupação territorial em avanço.

A importância de implantação de escola nesta comunidade Mehináku, como relata a Penuan Mehináku (30), se deu quando o cacique Iumuin Mehináku aconselhava os pais das crianças e jovens sobre a importância dos filhos estudarem para que soubessem defender a sua terra quando essa fosse tomada pelos brancos que chegariam à sua região. Ela conta que o estímulo se dava através de exibição de documentário de alguma etnia do Brasil que mostrava a sua terra sendo tomada e as mulheres sendo estupradas, mutiladas, justamente pela falta de saber falar o português para se defender dos brancos. Na escolha dos estudantes então os de sexo masculino eram ideais para estudar e, no segundo plano, as meninas, com intuito de que fossem capazes de se não entregarem ao branco ou moreno, dizendo a eles com quem devem se casar.

Assim se construiu o conceito da escola como produtor de falantes de língua portuguesa e de defensores de direitos. Hoje esse conceito mudou para os Mehináku,

pois estes perceberam que a língua portuguesa é a chave de acesso ao recurso financeiro, de interesse maior, pois quem fala e estuda tem a condição de ganhar emprego e de poder vender artesanato. O sentido e função da escola com isso mudou para um significado de acesso ao emprego. Ensinar a língua indígena então para as crianças não era uma solução, pois não preparava as crianças e jovens para acessar o emprego e muito menos saber lutar pelo direito individual ou coletivo – justificavam.

Na atualidade, o ensino na língua Mehináku às crianças e aos jovens passou a significar fortalecimento e valorização da língua, uma forma de manter a identidade e cultura fortes, porque a língua é a identidade. Esse equívoco de que a língua indígena não defende interesse coletivo e individual em termos salarial e político foi muito preocupante, por não atenderem aos anseios dos velhos que pretendiam vê-los como conhecedores das legislações e defensores dos direitos presentes nas leis nacionais e internacionais, o que eles não tiveram a oportunidade de conhecer, dizem eles. Do mesmo modo, os Mehináku ainda não sabem que a língua Portuguesa pode vir a extinguir outras línguas do Brasil, desconfigurando a identidade dos povos nativos.

No início da implantação da escola, de 1995 até 2000, os Mehináku foram iludidos de que ela era um espaço exclusivo de ensino de língua e a cultura dos não indígenas aos alunos, causando certas preocupações para os professores indígenas em processo de formação para magistério, onde recebiam e construíam a metodologia de instruções a serem trabalhadas com os alunos na sala de aula com os conteúdos interculturais.

A partir do contato do uso da interlíngua entre indígenas e não indígenas, montamos o quadro a seguir para mostrar a situação das falas e compreensões de algumas crianças, adolescentes, jovens e adultos Mehináku de aldeia Utawana, CTL Kurisevo, Uyaipiuku, Aturua, e as famílias em trânsito, com a idade entre oito a 57 anos.

Quadro 10. Uyaipiuku, Aturua, e as famílias em trânsito, com a idade entre oito a 57 anos.

Nome	Línguas indígenas			Língua portuguesa		
	fala e entende	Entende Pouco	não fala mas entende	fala e entende	Fala e entende pouco	Não fala e entende
Yahati			Awetí Waurá		X	

Mapanu	Awetí		Waurá		X	
Makuai			Awetí	X		
Pakuyura	Awetí	Kamaiura	Waurá		X	
Ciucarte		Awetí	Waurá	X		
Maritawa			Waurá	X		
Thiago			Waurá	X		
Erei			Waurá	X		
Priscíla			Waurá	X		
Makaulaka	Awetí	Kamaiurá	Waurá	X		
Penuan		Awetí	Waurá		X	
Kayanaku			Waurá	X		
Aluari					X	
Yakariwana					X	
Uruhu		Awetí			X	
Paipualu	Awetí	Kamaiurá	Waurá			X
Itxuna		Waurá			X	
Yatsima		Waurá			X	
Kulikyrda	Awetí		Kamaiurá Waurá	X		
Kapulupi			Waurá		X	
Taxama	Kamaiura	Kuikuro	Waurá			X
Etsiri			Waurá	X		
Umãí			Waurá	X		
Kuyupé		Waurá			X	
Atsupe		Waurá			X	
Kamaikiakalu			Waurá		X	
Kataya			Waurá	X		
Kuatapa		Waurá			X	
Itsautai					X	
Mawaya			Waurá Nahukuá		X	
Tanumakalu	Nahukuá					X
Tukuyui	Nahukuá					X
Kuiarapi			Waurá	X		
Yakupelu			Waurá			X
Fábio						X
Kaintoron		Karib	Waurá			X
Īpi		Waurá				X
Awãü		Waurá				X
Kanayu			Waurá Karib		X	
Anapuãtã			Waurá	X		
Kanapü		Waurá			X	
Kuyetu			Waurá		X	

Punhotsi	Karib	Waurá	Kamaiura	X		
Tukuyari		Karib	Waurá		X	
Mukura		Karib				X
Warakina		Waurá				X
Kutsarapü			Waurá		X	
Pulatü		Waurá				X
Talatalakuma			Waurá			X
Tepuri			Waurá			X
Karatsipa			Waurá		X	
Makalu			Waurá		X	
Renato		Awetí	Waurá	X		
Metsulu		Waurá		X		
Tukü		Waurá		X		
Lino					X	
Uleitawana			Waurá		X	
Kapihi		Waurá			X	
Kawakanamu			Waurá		X	
Uheku		Yawalapití	Waurá		X	
Yaruru			Waurá	X		
Yatapi			Waurá	X		
Yamanipalu			Waurá		X	
Yawaki		Waurá			X	
Mayawari			Waurá	X		
Tsukujyt	Awetí		Waurá		X	
Yutá		Awetí	Waurá	X		
Ahula		Awetí	Waurá		X	
Yualu	Waurá	Yawalapití			X	
Meyeke			Waurá	X		
Sofia			Waurá		X	
Yawaitxe			Waurá	X		
Alua		Waurá			X	
Prawantsi		Waurá			X	
Apu		Waurá			X	
Tamalui			Kamaiurá Karib	X		
Teteko	Kamaiurá	Waurá Karib		X		
Ayué	Kamaiurá	Waurá		X		
Arutsapi	Kamaiurá	Waurá		X		
Katiwai	Kamaiurá	Karib			X	
Ayalaha			Waurá	X		
Ikaru	Kamaiurá	Waurá		X		
Ihimiäkumã		Waurá			X	

Assalu			Karib Waurá	X		
Corran	Kuikuro	Waurá			X	
Mahimpia	Kuikuro	Waurá		X		
Traiu	Kuikuro	Waurá		X		
Emiliane	Kuikuro	Waurá	Mehináku	X		
Kamaluve			Karib Waurá	X		
Kaparu		Yawalapití	Waurá			X
Metukã		Waurá				X
Ayuruá			Waurá		X	
Aparitá			Karib Waurá		X	
Kaiti			Waurá			X
Iumuin			Waurá	X		
Autu		Waurá			X	
Mole		Waurá			X	
Maykute			Waurá Karib	X		
Kemenha			Waurá	X		
Kamahu			Waurá		X	
Tsurihĩ		Waurá			X	
Uretsu		Yawalapití	Waurá	X		
Apükalu			Waurá		X	
Mirau		Waurá			X	
Tsulupe		Waurá			X	
Kumaiu			Waurá	X		
Ulawalu			Waurá			X
Karaũ			Waurá		X	
Reque		Waurá			X	
Karari		Waurá		X		

As crianças com idade a partir de oito anos adiante é a fase em que as crianças Mehináku, residentes na aldeia, começam aprender a falar e compreender um pouco a língua portuguesa de forma gradativa. A família destas crianças, em vista de ritmo de aprender gradativo, esgotam a paciência ao observar a demora do desenvolvimento escolar dos seus filhos que não falam e compreendem o português dentro do tempo que gostariam, passando a cobrar a escola, isto é, professor com o pensamento de que não está ensinando bem as crianças a dominarem a referida língua, sem levar em conta a língua falada em casa.

O quadro ilustrativo acima também demonstra o baixo índice de mulheres Mehináku que falam e entendem o português, o que indica que o contato das mulheres com os membros da sociedade não índia é ainda raro, embora as meninas tenham frequentado a escola com muita dificuldade em termos de tempo suficiente de

permanência delas na escolas. Note-se que, quando menstruam ficam afastadas da escola, em reclusão, por um período de um ano ou menos, dependendo de desenvoltura do corpo. Ainda apontamos outro fator, o casamento, que impede a menina de continuar estudando, por dever estar ao lado do esposo e da família dele, com responsabilidade aumentada.

Já as meninas que moram na cidade ou em outro lugar com a família têm muita chance de aprender a falar o Português igual aos filhos de uma pessoa de outra etnia que pode aprender a falar a língua do pai ou da mãe, estando entre as etnias destes, conforme ilustra a primeira coluna da tabela acima.

A tabela mostra também falantes de línguas de outras etnias, entre os quais, filhos com cônjuges de outras etnias. Também ilustra a coluna quatro, que é possível ver os filhos com membro de outras etnias manterem vínculo raro com o povo do pai ou da mãe, de forma que se não falam a língua do pai ou da mãe, podemos entendê-la.

Os Mehináku desde muito tempo não se viam tão obrigados a falar e compreender as línguas de outras etnias, embora alguns fizessem esforços para entender. Já aquela ansiedade de falar português cresce a cada dia. Hoje ainda não vemos interesse de se falar as línguas de outras etnias, mas futuramente veremos como isso ficará, porque falar a língua de outra etnia significa desprezar a língua de outro povo para o Mehináku. Além disso, alguns Mehináku já chegaram a achar a sua língua melhor do que as outras, desprezando as outras línguas presentes entre eles, como ocorreu com respeito à língua Awetí, que consideraram como uma língua estrangeira, por ela ser língua incompreensível comparada com as outras, o que causava acanhamento nos falantes dessa língua.

Compreender a língua de outras etnias é positivo, pode facilitar a compreensão dos caciques nas reuniões, pois na atualidade costumam ser sempre em português, causando grande dificuldade aos líderes tradicionais, por essa língua ser vista como a solução de comunicação interétnica em qualquer circunstância mesmo não sendo bem falada. Esta é uma política a ser repensada pela geração atual que tem o olhar direcionado para o futuro.

PARTE 2 - CLASSES DE PALAVRAS

Nesta segunda parte da presente dissertação apresentamos o nosso estudo linguístico da língua Mehináku. Apresentamos inicialmente uma breve introdução às classes de palavras identificadas na língua Mehináku, as quais serão descritas nos capítulos subsequentes.

A língua Mehináku é uma língua aglutinante, com processos morfo-fonológicos automáticos, que acionam alterações no acento e nas formas fonológicas dos morfemas, como ocorre em várias outras línguas Aruák (cf. MATTESON, 1950; COUTO 2011; ARCHENVALD). Quanto à ordem de palavras, a ordem básica de construções transitivas é SPO, de construções intransitivas ativas é SP e de intransitivas estativas é P S. Possui posposições e os adjetivos seguem os nomes que modificam. Verbos e nomes e posposições se combinam com prefixos pessoais. Mehináku marca no verbo o sujeito. O objeto e o sujeito de predicados essivos são marcados por pronomes pessoais. Mehináku distingue dois tipos de predicados intransitivos não ativos, o estativo e o essivo, o que aciona uma cisão no seu alinhamento.

Breves notas sobre os fonemas da língua Mehináku

O Mehináku possui 14 fonemas consonantais e seis vocálicos (cf. Mori, 2008a, 2009; CARVALHO, a aparecer). As consoantes contrastam em seis modos de articulação e sete pontos de articulação. Há 3 consoantes labiais, /p, m, w/, 1 retroflexa /ɣ/, uma velar /k/ e uma laringal /h/. As demais consoantes são coronais, 5 alveolares, sendo uma oclusiva /t/, outra nasal /n/, outra lateral /l/, outra um flepe /r/ e uma africada /ts/. Duas consoantes são palatais, uma fricativa, que é retroflexa, uma africada /tʃ/ e uma aproximante /j/. As vogais distinguem dois graus de abertura +/- baixo, duas anteriores /i, e/ duas centrais /i, a/ e duas posteriores arredondadas /u, o/. Processos de palatalização afetam as oclusivas /t e k/ e nasalização tem como fonte consoantes nasais e a laringal /h/. Harmonia vocálica é outro fato pervasivo na língua. Acento em Mehináku é sujeito a operações morfofonêmicas e pode mudar cada vez que morfologia é acrescentada à palavra (MEHINÁKU, CRUZ, MEHINÁKU e CABRAL, em preparação).

Breves notas sobre as classes de palavras em Mehináku

O Mehináku distingue duas classes de palavras abertas, a dos nomes e a dos verbos. Há entre as classes de palavras fechadas as classes dos pronomes, dos demonstrativos, dos numerais, adjetivos e posposições.

Os nomes em Mehináku, de acordo com os seus referentes podem ser dependentes ou absolutos. Os dependentes recebem morfologia própria para funcionarem como absolutos e os absolutos recebem igualmente morfologia própria quando funcionam como núcleo de uma relação de determinação nominal. Nomes são marcados por classificadores, gênero e número. Classificadores classificam os nomes de acordo com a consistência ou forma do referente, gênero distingue humanos do gênero masculino e feminino e número distinguem referentes humanos e não humanos. O estado de existência do referente de um nome é obrigatoriamente marcado, e marcas de atenuação ou de intensificação afetiva podem modificar os nomes.

Adjetivos funcionam como atributos ou como núcleos de predicados. Quando predicados se combinam com um sufixo estativo que ocorre também com verbos, mas neste caso marcam o aspecto continuativo. Adjetivos podem funcionar como nomes, mas para tanto são nominalizados.

Verbos são os únicos que predicam naturalmente. Para tanto, combinam-se com prefixos subjetivos. Recebem marcas de aspecto, de voz e de modalidade, estas todas sufixais.

Há cinco posposições em Mehináku, todas locativas. Mas noções locativas podem ser expressas por meio de predicados estativos, formados pelo sufixo estativo.

Demonstrativos em Mehináku marcam a distância do que é indicado em relação ao falante. Demonstrativo marcam duas distâncias, a distal e a proximal.

Nos capítulos seguintes descrevemos as classes de palavras do Mehináku.

CAPÍTULO 3 – NOMES

Neste capítulo tratamos dos nomes e de sua morfologia. Descremos as categorias expressas nos nomes e o status gramatical dos morfemas que as expressam e a alomorfa destes. Primeiramente trataremos da morfologia derivacional, em seguida trataremos dos nomes como núcleos de construções sintáticas ou como complementos.

Os elementos que pertencem à classe dos nomes em Mehináku se distinguem dos elementos que constituem as demais classes de palavras por funcionarem na enunciação como núcleos de frases que correspondem ao agente de predicados transitivos, ao sujeito de predicados intransitivos, ao objeto direto de predicados transitivos, ao complemento de posições e a determinantes de nomes, como veremos nas seções que tratam de cada uma dessas funções especificamente.

Semanticamente, os nomes se distinguem das demais palavras por nomearem seres. Estes são percebidos como relativos a um todo, a algo, ou a alguém, ou como autônomos ou absolutos. Os referentes dos nomes são classificados segundo sua projeção no espaço, de acordo com sua forma, dimensão ou consistência. Distinguem-se uns dos outros quanto à sua natureza humana ou não, uma distinção que se associa à natureza contável ou não dos seus respectivos referentes. Finalmente, os nomes de referentes humanos, distinguem-se quanto ao sexo biológico destes, em masculino ou feminino. Essas distinções, como veremos adiante, são todas expressas morfologicamente.

Os nomes, consideradas todas essas características dos seus respectivos referentes, podem ser atenuados ou intensificados, e seu estado de existência é obrigatoriamente marcado, como sendo atual, retrospectivo ou prospectivo; e todas essas nuances aspectuais são também marcadas morfologicamente, de sorte que estruturalmente a um núcleo nominal podem ser acrescidos até seis morfemas satélites.

Nas seções seguintes descrevemos a morfologia própria dos nomes em Mehináku, através da qual essas noções são expressas.

3.1. Morfologia derivacional

A morfologia nominal derivacional é constituída de prefixos e de sufixos. Apresentamos, em seguida, os morfemas derivacionais sufixais específicos dos nomes e as categorias que expressam.

3.2. Morfemas classificadores

A língua Mehináku possui um sistema de classificação nominal que classifica, por meio de sufixos classificadores, nomes de animais, de objetos e de plantas, de acordo com as seguintes propriedades semânticas dos seus respectivos referentes:

FORMA: *-tapa* ‘em forma de cacho, ramificado, volumoso’; *-taku* ‘superfície plana’, *-ka* ‘superfície larga’, *-pi* ‘curvilínea/linear e saliente’; *-ti* ‘semente, ou conteúdo de algo ou alguém’; *-kana* ‘côncavo’, *-pana* ‘foliforme’.

CONSISTÊNCIA: *-ja* ‘líquido’, *-pe* ‘pastosa, cremosa, macia’

Esses morfemas têm como escopo o nome, razão pela qual são descritos classificadores, seguindo Craig (2002) e Craig e Seifart (2004).

3.2.1. Classificadores de forma:

-tapa ‘em forma de cacho, ramificado, volumoso’

ãhã-tapá

ser.genérico-CL.CACHO

‘algo/pessoa volumosa’

ata-tapá

pau-CL.CACHO

‘raiz de árvore’

banana-tapá

banana-CL.CACHO

‘cacho de banana’

juku-tapa

urucum-CL.cacho

‘cacho de fruto de urucum’

halu-tapa

FECHADO-CL.CACHO

‘beiju assado só de um lado’

maiki-tsapa

milho- CL.CACHO

‘pirão de milho’

kahirí-tsapa

embrulho-CL.cacho

‘embrulho’

katí-tsapa

perna-CL.CACHO

‘batata da perna’

nu-kati-tapa

1-perna-CL.CACHO

‘minha batata da perna’

kujũ-tapa-j

tipo .de.cesto-CL.CACHO-ABS

‘saco escrotal’

nu-kujũ-tapa

1- tipo .de.cesto -CL.CACHO

~

‘saco escrotal’

kana-tapa-j
côncavo-CL.CACHO-ABS
'pulso'

nu-kana-tapa
1- côncavo-CL.CACHO
'meu pulso'

O alomorfe *-tsapa* ocorre quando o tema precedente termina com a vogal *i*:

kati-tsapa
perna-CL.CACHO
'batata da perna'

kahirí-tsapa
embrulho-CL.CACHO
'embrulho'

-kana 'côncavo'

ãhã-kaná
algo- CL.CÔNCAVO
'coisa côncava'

ata-kana
árvore-CL.CÔNCAVO
'canoa de tábua'

umaki-tʃana
trabalho-CL.CÔNCAVO
'equipamento de trabalho'

uiʃati-kana

tipo de taquarinha-CL.CÔNCAVO

‘cesto de uiʃatü (tipo de taquarinha)’

amüna-kana

frio-CL.CÔNCAVO

‘roupa de frio’

ata-pana-kana

árvore-FOLHA-CL.CÔNCAVO

‘caixa de papelão’

tipihi-kana

buraco-CL.CÔNCAVO

‘buraco’

-ti ‘semente, ou conteúdo de algo ou alguém’

O morfema classificador *-ti* tem três alomorfes fonologicamente condicionados: *-ti*, *-tsi* e *t-*

O alomorfe *-tsi* ocorre seguindo tema terminado pela vogal *i*:

ulei-tsi

plantação.de.mandioca-CL.SEMENTE

‘mandioca’

maiki-tsi

milho-CL.SEMENTE

‘grão de milho’

i-wĩ-tsi

3-fígado-CL.SEMENTE

‘fígado dele’

O alomorfe *t-* ocorre precedendo o sufixo absolutivo *-í*, sendo resultado da queda da vogal *i* precedendo o *i* acentuado do referido sufixo.

-tĩ+ -í -> ti

ka-t-í

perna-CL.SEMENTE-ABS

‘perna’

kana-t-í

CÔNCAVO-CL.SEMENTE-ABS

‘boca’

jeşe-t-í

nádega-CL.SEMENTE-abs

‘nádega’

kujũ-t-í

cesto kujũ-CL.SEMENTE-ABS

‘testículo’

hĩ-t-í

mama-CL.SEMENTE-ABS

‘mamilo’

tulũ-t-í

orelha-CL.SEMENTE-ABS

‘brinco’

jana-t-í

pintura-CL.SEMENTE-ABS

‘instrumento de pintar’

panaka-t-í

plantação-CL.SEMENTE-ABS

‘muda’

kanatapa-t-í

pulso-CL.SEMENTE-ABS

‘pulseira’

kalu-t-í

lágrima-CL.SEMENTE-ABS

‘lágrima’

ʃʃiʃa-ka-t-í

amarrilho-CL. larga-cl.SEMENTE-abs

‘enfeite de tornozelo’

O alomorfe *-tí* ocorre nos demais ambientes:

mepe-ti

peixinho-CL.SEMENTE

‘peixinho’

nu-mepe-ti-za

1-peixinho-CL.SEMENTE-MRN

piza-ti

pulga-CL.SEMENTE

‘pulga’

nu-piza-ti-za

1-pulga-CL.SEMENTE-MDN

‘minha pulga’

taw-ti

ferro-CL-SEMENTE

‘ferro’

nu-taw-ti-za

1-ferro-cl.SEMENTE-MDN

‘meu ferro’

şapi-ti

espino.de.folha.de.buriti-cl.SEMENTE

‘espino de folha de buriti’

nu-şapi-ti-za

1-espino.de.folha.de.buriti-CL.SEMENTE-MDN

‘meu espino de folha de buriti’

ana-ti

pilão -CL.semente

‘mão de pilão’

n-ana-ti-za

1-pilão.de.pilão-CL.SEMENTE-MRN

‘minha mão de pilão’

ata-ti

paw-CL.SEMENTE

‘pauzinho’

n-ata-ti-za

1-paw-CL.SEMENTE -MRN

‘meu pauzinho’

wazaju-ti

feijão-CL.SEMENTE

‘feijão’

n-wãzaju-ti-za

1-feijão-CL.SEMENTE-MDN

‘meu feijão’

wa-ti

coco.de.tucum-cl.SEMENTE

‘coco de tucum’

n-wã-ti-za

1- coco.de.tucum-CL.SEMENTE-MDN

‘meu coco de tucum’

heşe-ti

amendoim-CL.SEMENTE

‘amendoim’

nu-heşe-ti-za

1-amendoim-CL.SEMENTE.MDN

‘meu amendoim’

kunu-ti

porta-CL.SEMENTE

‘fechadura’

nu-kunu-ti-za

1-porta-CL.SEMENTE-MRN

‘minha fechadura’

julaka-ka-ti

moqueado-perna-CL.SEMENTE

‘jirau de moquear peixe’

n-julaka-la ka-ti-za

1-moqueado-MRN perna-NOM-CL.SEMENTE-MRN

‘meu j. moq. peixe’

julu-ti

torrado-cl-SEMENTE

‘milho torrado’

nu-julu-ti-za

1-torrado-CL-SEMENTE-MRN

‘meu milho torrado’

jue-ti

castanha.de.pequi-CL.SEMENTE

‘castanha de pequi’

n-juẽ-ti-za

1-castanha.de.pequi-CL.SEMENTE-MRN

‘minha cas. de pequi’

melele-ti

tipo.de.coceira.alérgica-CL.SEMENTE

‘coceira’

nu-melele-ti

1- tipo.de.coceira.alérgica-CL.SEMENTE

‘minha coceira’

kupa-ti

peixe-CL.SEMENTE

‘peixe’

hayãka-ti

amassado-CL.SEMENTE

8

‘cego’

ama-ti

capim-CL.SEMENTE

‘capim’

kupiza-ti

gavião-CL.SEMENTE

‘pássaro/passarinho’

enu-tu-ti

em.cima-quebrado-CL.SEMENTE

‘granizo’

eputi

mutuca-CL.SEMENTE

‘mutuca’

ezũ-ti

cigarra-CL.SEMENTE

‘mosquito’

kaja-ti

emplumado-CL.SEMENTE

‘flecha emblumada de pena’

nu-kana-ti

l-côncavo-CL.SEMENTE

‘minha boca’

ni-jeşe-ti

1-nádega-CL.SEMENTE

‘minha nádega’

nu-kujũ-ti

1-cesto.kujũ-CL.SEMENTE

‘meu testículo’

nu-nihi-ti

1-carne-CL.SEMENTE

‘minha carne’

nu-hi-ti

1-mama-cl.SEMENTE

‘meu mamilo’

nu-tulũ-ti

1-orelha-CL.SEMENTE

‘meu brinco’

nu-jana-la-ti

1-pintura-MRN-CL.SEMENTE

‘meu instrumento de pintar’

nu-pana-ti

1-muda-CL.SEMENTE

‘minha muda’

nu-kanatapa-ti

1-pulso-CL.SEMENTE

‘minha pulseira’

nu-kalu-ti

1-lágrima-CL.SEMENTE

‘minha lágrima’

-*pi* ‘curvilnear/linear e saliente’

tua-*pi*

esteira-CL.CURV./LINEAR

‘esteira’

nu-tua-*pi*-ra

1-esteira-CL.CURV./LINEAR-MDN

‘minha esteira’

kuja-*pi*

fio-CL.CURV./LINEAR-MDN

‘barbante/linha clea’

nu-kuja-*pi*-ra

1-fio-CL.CURV./LINEAR-MDN

‘meu barbante/ linha clea’

taw-*pi*

ferro-CL.CURV./LINEAR

‘cabo de ferro’

nu-taw-*pi*-ra

1-ferro-CL.CURV./LINEAR-MDN

‘meu cabo de ferro comprido’

ezuhi-niã-*pi*

anzol-fio.NOM-CL.CURV./LINEAR

‘linha de pesca’

n-ezuhi-za-niã-pi

1-pescar-MRN-NOM-CL.CURV./LINEAR-MDN

‘minha linha de pesca’

mami-pi

espião-CL.CURV./LINEAR

‘espião’

wati-pi

tucum-CL.CURV./LINEAR

‘colar de tucum’

n-wãti-pĩ

1-tucum-CL.CURV./LINEAR

‘meu colar de tucum’

walu-pi

caramujo- CL.CURV./LINEAR

‘colar placa de caramujo’

n-wãlũ-pĩ

1-caramujo-CL.CURV./LINEAR

‘meu colar placa de caramujo’

janakuĩ-pi

colar.volta.de. caramujo-CL.CURV./LINEAR

‘colar de caramujo’

nu~n-jãnakuĩ-pi-ra

1- colar.volta.de.caramujo-CL.CURV./LINEAR-MDN

‘meu colar volta de caramujo’

wajala-pí

veia-CL.CURV./LINEAR-ABS

‘veia’

-*pi* ‘formato grande e arredondado’

ãhã-*pi*

algo-CL.GRANDE/ARRED.

‘algo grande’

kamalu-*pi*

argila-CL.GRANDE/ARRED.

‘panela grande de barro’

aw-*pi*

exc-CL.GRANDE/ARRED.

‘panela grande n. 60’

ala-*pi*

aguapé-CL.GRANDE/ARRED.

‘aguapé’

ka-na-*pi*

??-espinho-CL.GRANDE/ARRED.

‘que tem espinho e osso’

-*ka* ‘algo largo e plano’

ãhã-*ká*

algo-CL.LARGO

‘coisa larga plana, achatada’

ata-*ka*

árvore-CL.LARGO

‘tábua’

alata-ka

alumínio-CL.LARGO

‘telha de alumínio’

tana-ka-j

asa-CL.LARGO-ABS

‘costa’

nu-tana-ka

1-asa-CL.LARGO

‘minhas costas’

pawa-ka-j

rosto-CL.GRANDE/ARRED.-ABS

‘rosto’

nu-pawa-ka

1-rosto-CL.LARO

‘meu rosto’

aw-ká

exc.de.dimensão-CL.LARGO

‘dimensão em círculo grande’

elewü-ká

tela-CL.LARGO

‘tela’

O alomorfe *-fã* ocorre seguindo temas terminados por *i*.

ulei-fã

mandiocal-CL.LARGO

‘mandiocal’

mepehi-tʃa

cera.de.abelha-CL.LARGO

‘cera de abelha’

enuʃi-tʃa

trovão-CL.LARGO

‘trovão’

-taku ‘superfície plana’ área

enu-taku

em.cima-CL.SUPERFÍCIE PLANA

‘céu’

ata-taku

pau-CL.SUPERFÍCIE PLANA

‘floresta’

kehi-taku

terra-CL.SUPERFÍCIE PLANA

‘chão’

weneku-taku

pátio.da.casa.dos.homens-CL.SUPERFÍCIE PLANA

‘pátio da casa dos homens’

epe-teku

capim-navalha-CL. CL.SUPERFÍCIE PLANA

‘capim-navalharal’

hehé-teku

tacho-CL.SUPERFÍCIE PLANA

‘em cima de tacho’

mesa-taku

mesa-CL.SUPERFÍCIE PLANA

‘em cima da mesa’

maiki-tsaku

milho-CL.SUPERFÍCIE PLANA

‘milharal’

wati-taku

tucum-CL. SUPERFÍCIE PLANA

‘tucunzal’

alapi-taku

aguapé- CL.SUPERFÍCIE PLANA

‘acampamento na lagoa de aguapé’

nupana-taku-j

peito-CL. SUPERFÍCIE PLANA -ABS

‘peito’

pawaka-taku-j

rosto-CL. SUPERFÍCIE PLANA -ABS

‘rosto’

nu-pawaka-taku

1-rosto-CL. SUPERFÍCIE PLANA

‘meu rosto’

kitsapa-taku-j

pé-CL. SUPERFÍCIE PLANA-ABS

‘palma do pé’

-mepe ‘amontoado saliente’

juhija-mepe-j

sombrancelha-CL.AMONTADO-ABS

‘sobrancelha’

nu~ni-juhija-mepe

1- sombrancelha-CL.AMONTADO

‘minha sobrancelha’

itsej-mepe

cinza-CL.AMONTADO

‘um monte de cinza’

nijě-mepe

‘cinza de meu fogo’

kuşu-mepe-j

pubis-CL.AMONTADO-ABS

‘pubis’

3.2.2. Consistência

-ja ‘líquido’.

aw-ni_za-já

EXC-sangue-CL.LÍQUIDO

‘que tem muito sangue’

aw-putu-já

EXC-coriza-CL.LÍQUIDO

‘coriza em excesso’

awn-ihifá

EXC-fezes-CL.LÍQUIDO

'que tem fezes em excesso'

aw-hapa-já

EXC-barriga-CL.LÍQUIDO

'barrigudo'

uhu-já

batata-CL.LÍQUIDO

'mingau de batata'

kapizala-já

sopa.de.pimenta-CL.LÍQUIDO

'sopa de pimenta'

kanawija-já

cana-CL.LÍQUIDO

'caldo de cana'

hĩjã-j-já

leite-abs-CL.LÍQUIDO

'leite'

aruĩ-já

arroz-CL.LÍQUIDO

'mingau de arroz'

kulata-já

quente-CL.LÍQUIDO

'água líquido quente'

katika-já

frio-CL.LÍQUIDO

‘água gelada’

kaha-já

molhado-CL.LÍQUIDO

‘molhado’

kati-pe-jé

caldo-CL.PASTOSO -CL.LÍQUIDO

‘caldo grosso’

kehe-pe-jé

espuma-CL.PASTOSO-CL.LÍQUIDO

‘líquido cheio de espuma’

akāj-pje-je

pequi-CL.PASTOSO-CL.LÍQUIDO

‘mingau de pequi’

jana-ĩ-ja

pintura-ABS-CL.LÍQUIDO

‘tinta para pintar’

nu~ni-jana-la-ja

1-pintura-MRN-CL.LÍQUIDO

‘minha tinta de pintar’

mukura-já

mandioca doce -CL.LÍQUIDO

‘caldo preparado de mandioca doce’

tipuka-ja

polvilho.diluído -CL.LÍQUIDO

‘mingau de polvilho diluído’

nuka-ja

perereba-CL.LÍQUIDO

‘perereba (caldo de mandioca brava)’

ata-ja

pau -CL.LÍQUIDO

‘erva para vomitar’

n-ata-ja-la

1- pau-CL.LÍQUIDO-MRN

‘minha erva de vomitar’

-pe ‘pastosa, cremosa, macia’

pjulame-pe

trairão-CL.PASTOSO

‘pirão de trairão’

pujŋe-pe

matrinxã-CL.PASTOSO

‘pirão de matrinxã’

jajtsape-pe

tucunaré-CL.PASTOSO

‘pirão de tucunaré’

walaku-pe

piau-CL.PASTOSO

‘pirão de piau’

ihikume-pe

podre-CL.PASTOSO

‘pirão de peixe podre’

hayãke-pe

amassado-CL.PASTOSO

‘polvilho amassado para secagem’

jueti-pe

castanha.de.pequi-CL.PASTOSO

‘pirão de castanha de pequi’

juluti-pe

torrado-CL.PASTOSO

‘pirão com a mistura de milho torrado socado’

tipe-pe

pedra -CL.PASTOSO

‘argila vermelha que serve de pintar’

nu-tipe-pe-şe

1-pedra-CL.PASTOSO-mrn

‘minha argila’

ulu-pe

ralar-CL.PASTOSO

‘massa de mandioca’

n-ulu-le-pe

1-ralar-MRN-CL.PASTOSO

‘minha massa de mandioca’

ule-pe

ular-CL.PASTOSO

‘beiju’

n-ule-pe

1-ralar-CL.PASTOSO

‘meu beiju’

aju-pe

algodão-CL.PASTOSO

‘algodão’

n-aju-pe-le

1-algodão-CL.PASTOSO-mrn

‘meu algodão’

ije-pe

nuvem-CL.PASTOSO

‘nuvem’

unü-pe

água-CL.PASTOSO

‘nuvem escurecida’

malake-pe

raspado-CL.PASTOSO

‘massa ralada’

kuju-pe

capim.águário-CL.PASTOSO

‘capim aquário’

tukuju-pé

monte.de.terra.mole-CL.PASTOSO

‘barranco de areia’

kati-pé

que.tem.semente -CL.PASTOSO

‘caldo grosso’

izi-pé

matinho.sujo-CL.PASTOSO

‘mata suja fechada ’

kehe-pé

espuma-CL.PASTOSO

‘espumoso’

aw-tiw-pé

EXC-cabeça-CL.PASTOSO

‘cabelo desajeitado ou enrolado’

O alomorfe *-pje* ocorre seguindo temas terminados por i:

hali-pje

socado-CL.PASTOSO

‘peixe socado’

akãj-pje

pequi-CL.PASTOSO

‘massa de pequi’

n-akãj-pje-ze

1-pequi-CL.PASTOSO-MRN

‘minha massa de pequi’

Parte dos classificadores tem origem claramente lexical, como são os casos de *-tĩ* ‘semente, grão’ e *-ja* ‘líquido’ e *-taku* ‘superfície’. Os exemplos seguintes mostram as palavras fontes desses classificadores:

maiki-tsi

milho-CL.SEMENTE

‘semente de milho’

aju itĩ

‘semente de algodão’

kulueju-kumã itĩ

‘semente de abóbora’

mimã itĩ

‘semente de cabaça’

melancia itĩ

‘semente de melancia’

mamão itĩ

‘semente de mamão’

manga itĩ

‘semente de manga’

laranja itĩ

‘semente de laranja’

wati itĩ

‘semente de coco tucum’

uhu itĩ

‘semente de batata’

ulei itĩ

‘semente de mandioca’

Por outro lado, o classificador *-tí* é uma forma reduzida da palavra para semente *-ití*, que enquanto lexema, pode ocorrer com a forma *-#í* ou *-tí*, e também *-tsi*, mas enquanto elemento classificador, ocorre sempre na forma *-tí* ou *-tsi*.

Observamos que o classificador *-ja* é originário do lexema *-eja* [eje] ‘líquido’, mas que enquanto classificador sua forma é *-ja*, o que nos permite considerar que essa forma é atualmente um morfema distinto da raiz *-eja*.

i-n-eja > *in-eje* /1-líquido/ ‘líquido dele’

Entretanto, não foi possível, até presente, encontrar uma origem lexical para os classificadores *-tapá*, *-kána*, *-pé* e *-pi*. Chamamos a atenção para a combinação de *-kana* com o morfema *ãhã* ‘ser.genérico’:

n-ahã-kana-paj

1-nome.gen-CL.CÔNCAVO-EST

‘eu estou corcunda’

Fica evidente que *-kanã* não pode sozinho predicar.

O exemplo que segue reforça mais ainda a natureza classificadora de *-já*, visto que o classificador se combina com a própria palavra para ‘água’:

uni-kulata-já

água-quente-CL.LÍQUIDO

‘água quente’

uni-katika-já

água-fria-CL.LÍQUIDO

‘água fria/gelada’

Já o próximo exemplo evidencia a natureza derivacional dos classificadores:

itseijá

fogo-cl.LÍQUIDO

‘inflamáveis’

3.3. Gênero

A língua Mehináku distingue, em algumas situações, o gênero biológico do referente dos nomes – masculino e feminino. Vejamos quais são essas situações:

Em composições envolvendo o tema para ‘dono’, ‘senhor’ e um nome, as quais resultam (a) em nomes de profissões, (b) em nomes de praticantes de conhecimentos tradicionais, ou (c) em nomes de tipos de tarefas exercidas habitualmente por alguém. Nos três casos as construções correspondem à especialidade de alguém. As composições dessa natureza recebem o sufixo *-hi* ‘masculino’ ou o sufixo *-tu* ‘feminino’. Exemplos disso são os seguintes:

Masculino

apai-jeke-hi

canto-dono-M

‘cantor’

eṣekeki-jeke-hi

reza-dono-M

‘rezador’

atatapá-weke-hi

raiz-dono-M

‘raizeiro’

huluki-jeke-hi

troca-dono-M

‘dono de huluki(troca)’

kapĩ-jeke-hi

luta-dono-M

‘lutador’

janai-yeke-hi

Feminino

apai-jeke-tu

canto-dono-F

‘cantora’

eṣekeki-jeke-tu

reza-dono-GF

‘rezadora’

atatapá-weke-tu

raiz-dono-F

‘raizeira’

huluki-jeke-tu

troca-dono-F

‘dona de huluki(troca)’

kapĩ-jeke-tu

luta-dono-F

‘lutadora’

janai-yeke-tu

pintura-dono-M
'pintor'

pintura-dona-F
'pintora'

janati-yeke-hi
instr.pintar-dono-M
'professor'

janati-yeke-tu
instr.pintar-dono-F
'professora'

jajakai-miälũ-weke-hi
fala-inútil-dono-M
'fofoqueiro'

jajakai-miälũ-weke-tu
fala-inútil-dono-F
'fofoqueira'

umaki-jeke-hi
trabalho-dono-M
'trabalhador'

umaki-jeke-tu
trabalho-dono-F
'trabalhadora'

ipjane-weke-hi
feitiço-dono-M
'feiticeiro'

Na cultura Mehináku, apenas pessoas do sexo masculino podem exercer a função de 'feiticeiro', daí porque essa palavra é sempre marcada por - hi

Uma outra expressão de distinção de gênero se dá nas nominalizações de agente de verbos transitivos. Quando o agente é masculino, o tema se combina com o morfema sufixal \emptyset , mas quando o agente é feminino, o tema se combina com o morfema sufixal *-lu*.

Masculino
nukaki-tsupá- \emptyset
matança-executor-M
'matador'

Feminino
nukaki-tsupá-lu
matança-executor-F
'matadora'

pijá-tupá- \emptyset
instr. escarificar- executor-M
'escarificador'

pijá-tupá-lu
instr. escarificar- executor-F
'escarificadora'

umaki-tsupá-∅	umaki-tsupá-lu
trabalho-executor-M	trabalho-executor-F
‘trabalhador’	‘trabalhadora’

Essa mesma marcação é feita em nomes de certas classes de idade (ver no final desta seção uma breve explicação sobre gênero e classes de idade).

Exemplos:

jamuku-tipá-∅	jamuku-tipá-lu
embrião-Cl.de.idade-M	embrião- Cl.de.idade -F
‘rapaz, jovem, moço’	‘moça’

heritja-tipá-∅	aripi-tjipjá-lu
velho- Cl.de.idade -M	velha- Cl.de.idade -F
‘idoso’	‘idosa’

weke-tipá-∅	weke-tipá-lu
grande- Cl.de.idade -M	grande- Cl.de.idade -F
‘homem alto’	‘mulher alta’

A palavra para pajé é marcada com essas mesmas marcas de gênero: -∅ para masculino e -lu para feminino.

Masculino	Feminino
jatamã-∅	jatama-lu
‘pajé’	‘pajé’

Em Mehináku há um tipo de marcação lexical de gênero, realizada por meio do morfema para ‘fêmea’ -neşu. Esse morfema se combina com etnônimos e com nomes como ‘líder’. O masculino de etnônimos é marcado com -∅.

enişa	ti-neşu
‘macho’	base-fêmea

amunãu-∅ líder-macho	amulu-neşu líder- fêmea
imiehinaku-∅ Mehináku-macho	imiehinaku-neşu Mehináku-fêmea
wauja-∅ waurá-m	wauje- neşu waurá-fêmea
Kamajulá-∅ Kamaiurá-m	kamajule-neşu kamaiurá-fêmea
kaşaiपा-∅ não-índio-m	kaşaiपा-neşu não-índio-fêmea
kaşaiपा-kumã-∅ não-índio-super-m 'homem branco estrangeiro'	kaşaiपा-kume-neşu não-índio-super- <i>fêmea</i> 'mulher branca estrangeira'
apapajěj-∅ ser.bicho-m	apapajěj-jeşu ser.bicho-fêmea

Finalmente, há alguns termos de parentesco que marcam com \emptyset , o masculino e com os morfemas sufixais '-lu' '-tu' '-şu', o feminino.

Masculino	feminino
nu-tāj-∅ 1-filho-M 'meu filho'	ni-tsupa-lu 1-filha-F 'minha filha'

nu-tukaká⁹ -∅
1-irmão mais velho-M
'meu irmão mais velho (de homem e de mulher)'

nu-tukaka-lu¹⁰
1-irmão mais velho-F
'minha irmã mais velha (de homem e de mulher)'

ni-jãiri¹¹ -∅
1-cunhado-M
'meu cunhado'

ni-jêu-lu¹²
1-cunhada-F
'minha cunhada'

nu-pișũ-∅
1-namorado-M
'meu namorado'

nu-pișu-lu
1-namorado-F
'minha namorada'

ni-șé-∅
1-irmão mais novo-M
'meu irmão mais novo'

ni-șe-șu
1-irmã mais nova-F
'minha irmã mais nova'

nu-tanulé-∅
1-primo-M
'meu primo'

nu-tanule-șu
1-prima-F
'minha prima'

nu-hĩ-∅
1-neto-M
'meu neto'

nu-wĩ-tu
1- neta-F
'minha neta'

Nos exemplos seguintes nota-se uma alternância de -șĩ 'masculino e -șu 'feminino':

na-tuki-șĩ
1-avô-M
'meu avô'

na-tĩ-șu
1- avó-F
'minha avó'

⁹ Fala feminina.

¹⁰ Fala masculina.

¹¹ Fala feminina.

¹² Fala feminina.

nu-matuki-ši	nu-mati-šu
1-sogro-M	1-sogra-F
'meu sogro'	'minha sogra'
nu-kuki-ši ¹³	na-ki-šu ¹⁴
1-tio-M	1- tia-F
'meu tio (de mulher)'	'minha tia (de ambos os sexos)'
nu-tapi-ši ¹⁵	nu-tapi-šu ¹⁶
1-irmão mais velho-M	1-irmão-F
'meu irmão mais velho'	'minha irmã mais velha'

Finalmente, destacamos uma outra distinção de gênero que se dá no âmbito das classes de idade. quando o ser humano ainda é um embrião, como não se conhece o sexo, não há distinção de gênero. Para ambos os sexos usa-se o termo *jamuku*. Depois do nascimento, a distinção de gênero se aplica. Assim *hauka(tāj)* é o termo para 'recém nascido e durante o primeiro ano de vida', *jamukuhĩ* 'terceira fase ou estágio, criança de dois a aproximadamente dez anos', *jamukutipá* 'jovem homem', *janunu* 'homem adulto', *heritfa* 'homem de idade', *heritfatipá* 'homem de idade avançada'. Quanto ao sexo feminino, as classes de idade ou fases da vida são as seguintes: *jamuku* 'primeira fase ou estágio, ou classe de idade, que é a de embrião', *tinešutāj* 'recém nascido até nove anos, aproximadamente', *majumekēti* 'menina moça em fase de menstruação', *jamukutipálu* 'moça completa, já se tornou jovem mulher, até uns 18 anos', *tinešusu* 'mulher adulta', *aripi* 'mulher de idade' aripitsipialu, 'mulher de idade avançada.

Há ainda muito a ser estudado sobre gênero em Mehinaku, o que pretendemos aprofundar na sequência dos estudos acadêmicos, ou seja, no doutorado.

3.4. Aspectos nominais

¹³ Fala feminina para referir-se ao irmão da mãe.

¹⁴ Fala dos ambos sexos para referir-se á irmã do pai.

¹⁵ Fala masculina.

¹⁶ Fala feminina.

3.4.1. Estado de Existência dos seres

Em Mehináku, como são os casos de várias outras línguas indígenas sul americanas, é importante distinguir o estado de existência dos referentes dos nomes, se atual, retrospectivo ou prospectivo (cf. RODRIGUES, 2001).

3.4.2. Estado de existência atual

O estado de existência atual de um ser é marcado pelo morfema $-\emptyset$. Trata-se de um estado que situa algo ou alguém como existente em um intervalo temporal; essa existência podendo ser física ou funcional, como veremos com a ilustração dos exemplos seguintes.

tiw-tepu-i- \emptyset
cabeça-franja-abs-retr
'cabeça'

pawaka-i- \emptyset
rosto-abs-at
'rosto'

3.4.3. Estado de existência retrospectivo

O estado retrospectivo de um ser corresponde a um estado acabado, ou um estado em que o ser não exercendo mais uma função determinada. Exemplos ilustrativos disso são:

juhija-mepe-i-jëi
cílio-CL.AMONTADO-ABS-RETR
'ex-sombrancelha'

pāj-jëi
casa-RTR
'ex-casa'

tiwí-jěi

cabeça- ABS-RETR

'ex-cabeça'

n-ĩũ-wěj

1-esposa-RTR

'minha ex-esposa'

tiw-tepu-i-jěj

cabeça-ponta-ABS-RTR

'ex-franja'

pawaka-i-jěi

rosto-ABS-RETR

'ex-rosto'

hehekirá-i-jěi

testa-ABS-EX

'ex-testa'

3.3.4. Estado de existência prospectivo

O estado de existência prospectivo de um ser, projeta a existência desse ser. A marca do prospectivo é o morfema -pajtje.

tiw-tepu-i-pajtje

cabeça-ponta-ABS-PROSP

'futura franja'

pawaka-i-pajtje

rosto-ABS-PROS

'vai ser rosto'

pāj-pajtʃe
casa-PROS
‘futura casa’

n-ijũ-pajtʃe
1-esposa-PROS
‘minha futura esposa’

3.4. Combinação dos morfemas aspectuais retrospectivo e prospectivo

É possível que um mesmo nome tenha em sua estrutura interna a combinação dos morfemas retrospectivo e prospectivo, como mostra o exemplo seguinte:

n-ijũ-paitʃe-wěj
1-esposa-PROSP-RETR
‘minha ex-futura esposa’ (estava prometida para mim, mas foi dada a outro)

nu-ketula-jã-paitʃe-wěj
1-mangaba-cl.líquido-PROSPEC-RETR
‘minha ex-futura bola’ (ela ia ser minha , mas não tive o dinheiro para comprá-la’

n-ulekẽ-paitʃe-wěj
1-comida-RETR-PROSP
‘minha futura-ex-comida’ (já tinha a comida reservada, mas não a comi’

3.5. Aspecto Atenuativo

O Mehináku atenua o significado dos nomes por meio do sufixo *-tāj*, cuja origem é a raiz para filho homem de qualquer idade. É importante salientar que, embora seja muito comum a sua função de diminutivo de tamanho de objetos, de animais e de pessoas, não se trata de um mero aumentativo, mas ressalta do seu seu significado um tom afetivo, muitas vezes de carinho quando associado aos nomes, como veremos em alguns dos exemplos seguintes:

wawaw-tãj
abanador-AT
'abanadorzinho'

tuapi-tsãj
esteira-AT
'esteirinha'

n-ĩta-tãj-tsãj
1-arco-filhote-AT
'meu arquinho'

pi-kihi-şa-tãj
2-facão-MRN-AT
'tua faquinha'

n-ulekẽ-těj
1-comida-AT
'minha comidinha'

ineũne-těj
gente/pessoa-at
'homenzinho'

tineşu-tãj
mulher-filhote
'criancinha feminino/mulherzinha'

enişa-tãj
homem-filhote
'criancinha masculino/homenzinho'

uni-tãj
água-filhote

‘espelhinho’

pahi-tāj

macaco-filhote

‘filhote de macaco/macaquinho’

kupati-tāj

peixe-filhote

‘peixinho’

makula-tāj

panela-filhote

‘panelinha de barro’

kīhi-tāj

facão-filhote

‘faquinha’

ĩta-tāj

arco-filhote

‘arco pequeno’

pitsa-tāj

cua-filhote

‘cua pequena’

majaku-tāj

cesto.majaku-filhote

‘cesto majaku pequeno’

O morfema *-tāj* quando combinado com o tema *jamukutīpalu* ‘moça.nova’, resulta em ‘moçinha’, ‘filha pequena’, ou moça nova ainda pequena’. O exemplo seguinte traz o morfema *-tāj* combinado com o tema ‘filha moça’, resultando em ‘filhinha’, usado tanto com referência a tamanho quanto para expressar afetividade.

ni-tsupalu-tāj

1-filha.moça-filhote

‘minha filhotinha de moça/filhinha’

3.6. Plural

Na língua Mehináku há dois morfemas que se combinam com nomes, cujos referentes são contáveis, contribuindo com o significado de um plural genérico. Um desses morfemas é *-nāw*, que marca o plural genérico de humanos, o outro é *-tipe*, que marca o plural genérico de não-humanos.

Assim, um nome como *kapitiwí* ‘dedo’, nomeia um referente contável, de forma que pode se combinar com *-tipe*, *kapitiwítsipje*, resultando em ‘mais de um dedo’ ou ‘dedos (genérico e plural)’.

Referentes como os das palavras água, areia, e terra, como não são contáveis, mas vistos como um único todo, não se combinam com o plural *-tipe*. O mesmo ocorre com nomes de processos psicológicos como lembrança, esquecimento, e com nomes de sensações como frio, calor, alegria, entre outros. Como veremos adiante, lua e água podem até constituir expressões contáveis, mas esses casos são usos metafóricos ou metonímicos dos referentes originais. Vejamos em seguida exemplos com os dois morfemas pluralizadores.

Exemplos com *-tipe*:

tíw-tepu-i-tsipjé

cabeça-ponta-ABS-PL

‘franjas’

juhija-mepe-i-tsipjé

cílio-cl.amontado-ABS-PL

‘sombrancelhas’

Exemplos com *-nāw*:

i-tāj-jāw

3-filho-PL

‘filhos dele/dela’

ini-tsupalu-nāw

3-filha-PL

‘filhas dele/dela’

a-tāj-jāw
123 -filho-PL
'nossos filhos'

ai-tsupalu-nāw
123-filha-PL
'nossas filhas'

ji-tsāj-jāw [t] » [ʈ]
23-filho-PL
'filhos de vocês'

ji-tsupalu-nāw
23- filha-PL
'filhas de vocês'

É importante notar que o plural de uma terceira pessoa é marcado com a forma *-pe*.

i-niz̃i-nāw-pa putuka-wa
3-pai-PL.H-PL.3 chegar-perf
'Os pais deles chegaram'

i-niz̃i-pa putuka-wa
3-pai-PL.3 chegar-perf
'o pai deles chegou'

Os exemplos seguintes ilustram a combinação de *-pe* com *-tipe* e com *-nāw*:

i-tana-tipe-pe
3-asa-PL.NH-PL3
'as asas deles (pássaros)'

i-tiw-tepu-tipe-pe
3-cabeça-ponta-PL.3
'franjas delas/deles'

i-juhija-mepe-tipe-pe
3-cílio- CL.MONTE- PL.NH-PL3
'sombrelhas delas/deles'

i-tāj-pja
3- filho-PL.3
'filho deles/delas'

ini-tsupalu-pa
3- filha- PL.3
'filha deles/delas'

i-tāj-jāw-pa

ini-tsupalu-nāw-pa

3- filho- PL- PL.3		3-filha-PL- PL.3	
‘filhos deles/delas’		‘filhas deles/delas’	
pawaka-i-jëi-tsipié		hekirá-i-jëi-tsipié	
rosto-ABS-RETR-PL.NH		testa-ABS-EX-PL	
‘eram rostos’		‘eram testas’	
ou			
pawaka-i-tsipié-wëi		hehekirá-i-tsipié-wëi	
rosto-ABS-PL-RETR		testa-ABS-PL-RETR	
‘ex-rostos’		‘ex-testas’	
nu-kanu-nãw-wěj	miã-zì-ku,	nu-ka-tãj-jãw	miã
1-casamento-PL.H-RETR	SUBJ-NO-FOC	1-ter-filho-PL.H	SUBJ
‘se eu tivesse tido (várias mulheres) teria tido filhos’			

3.7. Relações de determinação nominal em Mehináku

Neste capítulo descrevemos as expressões de relações de determinação nominal na língua Mehináku. Privilegiamos aqui uma abordagem semântica das relações de determinação nominal, partindo do princípio de que o referente de um nome, sendo um objeto, animal, pessoa, sensação, qualidade ou sentimento entra em uma relação de determinação nominal, enquanto núcleo dessa relação, como parte inseparável ou não de um determinante, no primeiro caso seja por se tratar de inseparabilidade congênita, emocional, habitual ou necessária. Essa abordagem aproxima-se da proposta de Bally (1996 [1926]). Consideramos neste estudo a descrição preliminar feita por Mori (2007) do que ele chamou de possessão nominal em Mehináku, assim como outros estudos sobre o tema em outras línguas Aruák (cf. FACUNDES 2002, RAMIREZ, 2005), embora tratemos as estruturas pertinentes na qualidade de relações de determinação nominal.

3.8. Relações determinação nominal

As relações de determinação nominal podem ser estabelecidas em Mehináku entre dois nomes [Nome ↔ Nome] ou por meio de um tema nominal flexionado por pessoa [pp-Nome]. Estas duas possibilidades correspondem a relações de determinação não marcadas, ou seja, o núcleo nominal tem um referente cuja existência é relativa a um determinante, assim como uma mão naturalmente é associada ao corpo de alguém, por ser parte desse corpo. Essa é a relação inerente de determinação nominal. Por outro lado, nomes com referentes absolutos, ou seja, aqueles que não são inerentemente associados a um determinante, podem também constituir o núcleo de um sintagma nominal com determinante, mas neste caso, ou têm a relação de determinação mediada por um nome genérico, ou recebem um sufixo mediador dessa relação. Estes são nomes como os de animais, de plantas, de elementos da natureza, de certos utensílios, dentre outros. Por outro lado, os nomes relativos, quando ocorrem sem um determinante, recebem um sufixo que os tornam absolutos. Já os nomes com referentes absolutos, ocorrem na sintaxe naturalmente sem nenhuma marca.

Neste capítulo focalizamos os significados dessas relações expressas pela língua Mehináku e as estratégias morfossintáticas ou sintáticas para marcá-las. Descreveremos também os processos fonológicos acionados na formação de temas em que tais relações são marcadas.

3.9. Marcadores de pessoa nos nomes

A língua Mehináku possui um único paradigma de prefixos pessoais, que ocorre nas funções de determinante de um nome, como sujeito de verbos transitivos, como sujeito de predicados intransitivos e como complemento de posposição. Nesta seção descrevemos a combinação dessa série de prefixos pessoais com nomes. Trataremos da sua combinação com verbos, adjetivo e posposições respectivamente nas seções X, Y e.

Série pronominal que funciona como sujeito de predicados nominais estativos essivos, objeto de verbos transitivos e como pronomes independentes.

Quadro 11. Pronomes pessoais

glosa	Tabela - Pronomes
-------	-------------------

1	Natu
2	pitsu
12(3)	ajtsu
23	Jitsu
3	∅

Pronomes demonstrativos podem ser usados nessas mesmas funções para referir terceiras pessoas: *izhã* ‘este aqui’, *zahã* ‘aquele lá’

A série de prefixos pessoais é a seguinte:

Quadro 12. Prefixos pessoais

glosa	Tabela - Prefixos pessoais
1	nu-
2	pi-
12(3)	a-
23	ji-
3	i-/∅-

O quadro seguinte apresenta os alomorfes fonologicamente condicionados dos prefixos pessoais do Mehináku:

1	nu-	ni-	temas nasais iniciados por consoante, cuja primeira vogal é i
		na-	temas iniciados por consoante, quando a primeira vogal é a
		ni-	temas iniciados por consoante, quando a primeira vogal é i

		ne-	temas iniciados por consoante, quando a primeira vogal é e
		n-	tema iniciado por vogal
		nu-	n.d.a.
2	pi-	pa-	temas iniciados por consoante, quando a primeira vogal é a
		pi-	temas iniciados por consoante, quando a primeira vogal é i
		pe-	temas iniciados por consoante, quando a primeira vogal é e
		p-	temas iniciados por vogal
		pi-	n.d.a.
123	aw-	a-	temas iniciados por consoante
		aw-	temas iniciados por vogal
23	ji-	ji-	temas iniciados por consoante, cuja primeira vogal é i
		ji-	temas iniciados consoante cuja primeira vogal é i
3	i-	i-	tema iniciado por consoante, por j ou por temas cuja primeira vogal é i
		in-	temas nasais, temas cuja primeira vogal é i

		i-	n.d.a
--	--	----	-------

Passemos agora à descrição das estruturas que envolvem relações de determinação nominal.

3.10. Nomes relativos e absolutos

3.10.1 Nomes relativos

Nesta seção apresentamos vários tipos de nomes relativos, de forma a cobrir diferentes campos semânticos, contrastando as suas formas relativas e absolutas e pondo em relevo os processos morfofonológicos que afetam as raízes quando estas se combinam com prefixos pessoais. Os nomes relativos, quando em função absoluta, se combinam com o sufixo *-í*, quando este é o último elemento do nome. Quando este morfema precede outro morfema, sua forma é *-ítsi*:

- **Corpo humano**

Forma absoluta

	tiw-í	‘cabeça’		tiw-kah-í	‘cabelo’
	tiw-í-tsipjé	‘cabeças’		tiw-kah-í-tsipjé	‘cabelos’

Forma relativa

	nu-tiw	1-cabeça		nu-tiw-kahi	1-cabeça-cabelo
	pi-tiw	2-cabeça		pi-tiw-kahi	2-cabeça-cabelo
	i-tiw	3-cabeça		i-tiw-kahi	3-cabeça-cabelo
	a-tiw	123-cabeça		a-tiw-kahi	123-cabeça-cabelo
	ji-tiw	23-cabeça		ji-tiw-kahi	23-cabeça-cabelo
	i-tiw-pa	3-cabeça		i-tiw-kahi-pa	3-cabeça-cabelo

Forma absoluta

	pawaka-i	‘rosto’		hehekira-i	‘testa’
--	----------	---------	--	------------	---------

	pawaka-i-tsipjé	‘rostos’		hehekira-i-tsipjé	‘testas’
--	-----------------	----------	--	-------------------	----------

Forma relativa

	nu-pawaka	1-rosto		nu-hehekira	1-testa
	pi-pjawaka	2-rosto		pi-jehekira	2-testa
	i-pawaka	3-rosto		i-hehekira	3-testa
	a-pawaka	123-rosto		e-hehekira	123-testa
	ji-pjawaka	23-rosto		ji-hehekira	23-testa
	i-pawaka-pa	3-rosto		i-hehekira-pa	3-testa

Forma absoluta

	utita-í	‘olho’		utita-í-pjénu	‘pálpebra’
	utita-í-tsipjé	‘olhos’		utita-í-pjénu-tipe	‘pálpebras’

Forma relativa

	n-utitai	1-olho		n-utitai-pjénu	1- pálpebra
	p-utitai	2-olho		p-utitai-pjénu	2- pálpebra
	in-utitai	3-olho		in-utitai-pjénu	3- pálpebra
	a-utitai	123-olho		a-utitai-pjénu	123- pálpebra
	j-utitai	23-olho		j-utitai-pjénu	23- pálpebra
	in-utitai-pja	3-olho		in-utitai-pjénu-pa	3- pálpebra

Forma absoluta

	juhija-i	‘cílio’		halapa-i	‘bochecha’
	juhija-i-tsipjé	‘cílios’		halapa-i-tsipjé	‘bochechas’

Forma relativa

	nu-juhija	1-cílio		nu-halapa	1-bochecha
	pi-juhija	2-cílio		pi-halapa	2-bochecha
	i-juhija	3-cílio		i-halapa	3-bochecha
	a-juhija	123-cílio		a-halapa	123-bochecha
	ji-juhija	23-cílio		ji-halapa	23-bochecha

	i-juhija-pa	3-cílio-PL.3		i-halapa-pa	3-bochecha- PL.3
--	-------------	--------------	--	-------------	------------------

Forma absoluta

	kir-í	‘nariz’		kiri-jāku-i	‘buraco do nariz’
	kir-í-tsipjé	‘narizes’		kiri-jāku-i-tsipjé	‘buracos do narizes’

Forma relativa

	nu-kiri ~ ni-kiri	1-nariz variação diageracional		nu-kiri-jāku ~ ni-kiri-jāku	1-nariz-buraco
	pi-kiri	2- nariz		pi-kiri-jāku	2-nariz-buraco
	i-kiri	3- nariz		i-kiri-jāku	3-nariz-buraco
	a-kiri	123- nariz		a-kiri-jāku	123-nariz-buraco
	ji-kiri	23- nariz		ji-kiri-jāku	23-nariz-buraco
	i-kiri-pja	3-nariz		i-kiri-jāku-pa	3-nariz-buraco

Nesse exemplo, ocorre uma assimilação das vogais da primeira pessoa nu-, da segunda do plural ji- e da terceira pessoa do singular i - com a vogal acentuada i da raiz:

ni-kiri ji-kiri i-kiri

	kişap-í	‘lábio’		tewe-i	‘dente’
--	---------	---------	--	--------	---------

	nu-kişapi	1-lábio		nu-tewe	1-dente
	pi-kişapi	2-lábio		pi-tewe	2-dente
	i-kişapi	3-lábio		i-tewe	3-dente
	a-kişapi	123-lábio		e-tewe	123-dente`
	ji-kişapi	23-lábio		ji-tewe	23-dente
	i-kişapi-pja	3-lábio-PL.3		i-tewe-pe	3-dente-PL.3

Forma absoluta

	kitsapa-i	‘pé’		kitsapa-taku-i	‘palmo do pé’
--	-----------	------	--	----------------	---------------

Forma relativa

	nu-kitsapa ~ ni-kitsapa	1-pé		nu-kitsapa-taku ~ ni-kitsapa-taku	1-palmo do pé
	pi-kitsapa	2-pé		pi-kitsapa-taku	2-palmo do pé
	i-kitsapa	3-pé		i-kitsapa-taku	3-palmo do pé
	a-kitsapa	123-pé		a-kitsapa-taku	123-palmo do pé
	ji-kitsapa	23-pé		ji-kitsapa-taku	23-'palmo do pé
	i-kitsapa-pa	3-pé-PL.3		i-kitsapa-taku-pa	3-palmo do pé-PL.3

- **Nomes dos objetos**

- **Objetos pessoais**

Forma absoluta

	nuta-í	'corda'		ĩta-i	'arco'
--	--------	---------	--	-------	--------

Forma relativa

	nu-nutai	1-corda		n-ĩta	1-arco
	pi-jutai	2-corda		p-ĩta	2-arco
	i-nutai	3-corda		in-ĩta	3-arco
	a-nutai	1-corda		a-ĩta	123-arco
	ji-jutai	2-corda		j-ĩta	23-arco
	i-nutai-pja	3-corda-PL.3		in-ĩta-pa	3-arco-PL.3

Forma absoluta

	ĩta-tãj	'arquinho'
--	---------	------------

Forma relativa

	n- ĩta-tãj	1-arquinho
	p- ĩta-tãj	2-arquinho
	in- ĩta-tãj	3-arquinho
	a- ĩta-tãj	123-arquinho

	j-ĩta-tãj	23-arquinho
	in-ĩta-tãj-pja	3-arquinho-filhote-PL.3

- **Termos de parentesco**

Forma absoluta

	tã-í	'filho'		tsupa-lu-i	'filha'
--	------	---------	--	------------	---------

Forma relativa

	nu-tãj	1-filho		ni-tsupa-lu	1-filha-F
	pi-tsãj	2- filho		pi-tsupa-lu	2-filha-F
	i-tãj	3-filho		ini-tsupa-lu	3-filha-F
	a-tãj	123- filho		ai-tsupa-lu	123-filha-F
	ji-tsãj	23-filho		ji-tsupa-lu	23-filha-F
	i-tãj-pja	3- filho-PL.3		ini-tsupa-lu-pa	3- filha-F-PL3

Forma absoluta

	ir-í	'pai'		inu-j ~ ninu-ĩ	'mãe'
--	------	-------	--	----------------	-------

Forma relativa

	n-iși	1-pai		n-inu	1-mãe
	p-iși	2-pai		p-inu	2-mãe
	in-iși	3-pai		in-inu	3-mãe
	aw-iși	123-pai		aw-inu	123-mãe
	j-iși	23-pai		j-inu	23-mãe
	in-iși-pa	3-pai-PL.3		in-inu-pa	3-mãe-PL.3

- **Sensações**

Forma absoluta

	Kulatá	'quente'		elele-ki	'choro'
--	--------	----------	--	----------	---------

Forma relativa

	nu-kulatã	1-quente.nom		n-elelê	1-choro.nom
	pi-ʈʈulatã	2-quente.nom		p-elelê	2-chorar.nom
	i-kulatã	3-quente.nom		in-elelê	3-chorar.nom
	a-kulatã	123-quente.nom		ew-elelê	1-chorar.nom
	ji-ʈʈulatã	23-quente.nom		j-elelê	2-chorar.nom
	i-kulatã-pa	3-quente.nom-PL.3		in-elelê-pe	3-chorar.nom-PL.3

Forma absoluta

	apa-i	'canto'		jukuana-i	'habilidade'
--	-------	---------	--	-----------	--------------

Forma relativa

	n-apã	1-cantar.nom		nu-jukuanã ~ ni-jukuanã	1-habilidade.nom
	p-apã	2-cantar.nom		pi-jukuanã	2-habilidade.nom
	in-apã	3-cantar.nom		i-jukuanã	3-habilidade.nom
	aw-apã	123-cantar.nom		a-jukuanã	123- habilidade.nom
	j-apã	23-cantar.nom		ji-jukuanã	23-habilidade.nom
	in-apã-pa	3-cantar.nom-PL.3		i-jukuanã-pa	3-habilidade.nom-PL.3

Forma absoluta

	kajataka-ki	'resistência'
--	-------------	---------------

Forma relativa

	nu-kajatakã	1-resistência.nom
	pi-ʈʈajatakã	2-resistência.nom
	i-kajatakã	3-resistência.nom

	a-kajatakã	123-resistência.nom
	ji-ʔajatakã	23-resistência.nom
	i-kajatakã-pa	3-resistência.nom-PL.3

3.10.2. NOMES ABSOLUTOS

	kamalu-pi	‘panela.de.barro grande’ (nova)		nukãj	panela.de.barro.grande(usada)
--	-----------	------------------------------------	--	-------	-------------------------------

Forma relativa

	nu- kamalu- pi-la	1-panela.de.barro.grande cl.arred-MRN		nu- nukãi- ra	1-panela.de.barro.grande- MRN
	pi- ʔamalu- pi-la	2-panela.de.barro.grande- cl.arred-MRN		pi- jũkãi- ra	2-panela.barro.grande- MRN
	i-kamalu- pi-la	3-panela.de.barro.grande- cl.arred-MRN		i- nukãi- ra	3-panela.barro.grande MRN
	a-kamalu- pi-la	123-panela.de.barro.grande- cl.arred –MRN		a- nukãi- ra	123- panela.de.barro.grande- MRN
	ji-ʔamalu- pi-la	23-panela.de.barro.grande- cl.arred-MRN		ji- jukãi- ra	23- panela.de.barro.grande- MRN
	i-kamalu- pi-la-pa	3-panela.de.barro.grande- cl.arred-MRN-PL		i- nukãi- ra-pa	3-panela.de.barro.grande- MRN-pl

	Wawaw	'abanador'		Tuapi	'esteira'
--	-------	------------	--	-------	-----------

Forma relativa

	nu-wāwaw-la	1-abanador-MRN		nu-tuapi-ra	1- esteira-MRN
	pu-wawaw-la	2-abanador-MRN		pi-tsuapi-ra	2- esteira-MRN
	i-wawaw-la	3-abanador-MRN		i-tuapi-ra	3- esteira-MRN
	a-wawaw-la	123-abanador-MRN		a-tuapi-ra	123- esteira-MRN
	i-wawaw-la	23-abanador-MRN		ji-tsuapi-ra	23- esteira-MRN
	i-wawaw-la-pa	3-abanador-MRN PL.3		i-tuapi-ra-pa	3- esteira-MRN PL.3

	k̄hi	'facão'		k̄hi-tapa-puku	'facão médio'
--	------	---------	--	----------------	---------------

Forma relativa

	nu-k̄hi-şa	1-facão-MRN		nu-k̄hi-şa-tapa-puku	1-facão médio
	pi-k̄hi-şa	2-facão-MRN		pi-k̄hi-şa-tapa-puku	2-facão médio
	i-k̄hi-şa	3-facão-MRN		i- k̄hi-şa-tapa-puku	3-facão médio
	a-k̄hi-şa	123-facão-MRN		a-k̄hi-şa-tapa-puku	1-facão médio
	ji-k̄hi-şa	23-facão-MRN		ji-k̄hi-şa-tapa-puku	23-facão médio
	i-k̄hi-şa-pa	3-facão-MRN-PL		i-k̄hi-şa-tapa-puku-pa	3-facão médio-pl

	jakulapi	'sombra'		aunakĩ	'história mítica'
--	----------	----------	--	--------	-------------------

Forma relativa

	nu-jakulapi-ra ~ n-jākulapi-ra	1-sombra-MRN		n-aunakĩ-ra	1-história-MRN
	pi-jakulapi-ra	2-sombra-MRN		p-aunakĩ-ra	2-história-MRN
	i-jakulapi-ra	3-sombra-MRN		in-aunakĩ-ra	3-história-MRN
	a-jakulapi-ra	123-sombra-MRN		aw-aunakĩ-ra	123-história-MRN
	ji-jakulapi-ra	23-sombra-MRN		j-aunakĩ-ra	23-história-MRN

i-jakulapi-ra-pa	3-sombra-MRN-PL.3	in-aunakĩ-ra-pa	3-história-MRN-PL.3
------------------	-------------------	-----------------	---------------------

mitaja	1-história recente
--------	--------------------

Forma relativa

ni-mitaja-la	1-história recente-MRN
pi-mitaja-la	2-história recente-MRN
i-mitaja-la	3-história recente-MRN
a-mitaja-la	1-história recente-MRN
ji-mitaja-la	2-história recente-MRN
i-mitaja-la-pa	3-história recente-MRN-PL.3

- NOMES DE ANIMAIS

mapija-i	‘pescado/matado’	kupati	‘peixe’
----------	------------------	--------	---------

Forma relativa

nu-mapija	1-pescado/matado	nu-kupati-za	1-peixe-MRN
pi-mjapija	2-pescado/matado	pi-ɸupati-za	2-peixe-MRN
i-mapija	3-pescado/matado	i-kupati-za	3-peixe-MRN
a-mapija	123-pescado/matado	a-kupati-za	123-peixe-MRN
ji-mjapija	23-pescado/matado	ji-ɸupati-za	23-peixe-MRN
i-mapija-pa	3-pescado/matado-PL.3	i-kupati-za-pa	3-peixe-MRN -PL.3

pahi	‘macaco prego’	ipju	‘tracajá’
------	----------------	------	-----------

Forma relativa

	nu-pahi-şa	1-macaco prego		n-ipju-la	1-tracajá
	pi-pjahi-şa	2-macaco prego		p-ipju-la	2-tracajá
	i-pahi-şa	3-macaco prego		in-ipju-la	3-tracajá
	a-pahi-şa	123-macaco prego		a-ipju-la	123-tracajá
	ji-pjahi-şa	23-macaco prego		j-ipiju-la	23-tracajá
	i-pahi-şa-pa	3-macaco-MRN- PL.3		in-ipiju-la-pa	3-tracajá-MRN-PL.3

3.11. Classificadores genéricos mediadores de relações nominais

Há em Mehináku um conjunto de classificadores que mediam relações de pertencimento de seres que são, em princípio absolutos, quando na natureza, como nomes de animais. Esses classificadores são *mapijá-i* 'pescado/matado', *pişa-i* 'animal de estimação', *apapala-j* 'objeto', *ulekê-j* 'comida',

mapijá-i kupatî, ipjú,
pescado/matado-ABS peixe, tracajá

pişa-i awajulukumã, pahî, kupişatî, watapa, îtsuku, itikuşutapa.
animal.de.estimação-abs cachorro, macaco prego; pássaro, pombo, bem-te-vi, arara.

3.12. Morfologia derivacional prefixal

Há dois prefixos derivacionais que se combinam com nomes, os morfemas que contribuem com o significado “privativo” *ma-* *-wa* e o “morfema excessivo” *aw-* .

3.12.1. Privativo:

ma-jajaka-wa
PRIV-fala.abs-PRIV
'mudo'

ma-tumala-wa

PRIV-fazer-PRIV

‘inútil, preguiçoso’

ma-palawã-wa

PRIV-tristeza.abs-PRIV

‘sem tristeza’

ma-kitepeminã-wa

PRIV-alegria.abs-PRIV

‘triste’ ou ‘sem alegria’

ma-wiziku-wa

PRIV-mão.abs-PRIV

‘sem mão’

3.12.2. Excessivo

Este morfema equivale ao sufixo Português *-ud*, que forma adjetivos e que contribui com o significado que denota a qualidade ou posse de algo em excesso ou em preponderancia. Note-se que, em Português, o sufixo *-ud* se associava originalmente a nomes de partes do corpo, estendendo-se posteriormente para outros nomes, o que parece ter sido o caso também do Mehináku. Por meio deste morfema formam-se adjetivos, principalmente relativos a partes do corpo.

aw-tiw EXC-cabeça ‘cabeçudo’, ‘cabeção’	aw-tiw-pé EXC-cabeça- CL.PASTOSO ‘cabeludo’
aw-tiw-tepu-kanã EXC-cabeça-ponta-CL.CÔNCAVO	aw-pawaká EXC- rosto

'franja cobrindo rosto de pessoa'	'rostão'
aw-juhije-mepé EXC-cílio-monte 'sobrancelhudo'	aw-juhijá EXC-cílio 'que tem muito cílio'
aw-hehekirá EXC-testa 'testaça'	aw-kirí EXC-nariz 'narigudo'
aw-halapá EXC-bochecha 'bochechudo'	aw-kişa-pí EXC-lábio-cl.curv./linear 'labio grande'
aw-kiri-pí EXC-nariz-cl.curv./linear 'nariz comprido'	aw-tewé EXC-dente 'dentudo'
aw-kanati EXC-boca 'bocão'	aw-pijũ-naku-pé EXC-pescoço-dentro-CL.PASTOSO 'pescoção caído'
aw-něj-pí EXC-LÍNGUA-CL.CURV./LINEAR 'línguão comprido'	aw-tulũ EXC-ORELHA 'orelhudo'
aw-pijuna-pi EXC-pescoço-CL.GRANDE ARRED 'pescoção comprido'	aw-tana-ká EXC-asa-CL.LARGO 'costas largas'
aw-henepu-ká EXC-ombro-CL.LARGO 'ombros largos'	aw-puti EXC-COXA 'coxa grande'

aw-tapú EXC-cintura 'cintura larga'	aw-típulú EXC-CALCANHAR 'calcanhar grande'
aw-kati EXC-PERNA 'perna grossa'	aw-wişikú-takú EXC-mão-superfície 'palma da mão'
aw-wişikú EXC-MÃO 'mão grande'	aw-hupá EXC-unha 'unhudo'
aw-kapi-tiw EXC-pulso-cabeça 'dedudo'	aw-jãpiku EXC-pelo.pubiano 'monte de pelo pubiano'
aw-hĩ EXC-seio 'seio grande'	aw-kitsapá EXC-pé 'pezão'
aw-kujũ-tapá EXC-cesto-cl.cacho 'saco escrotal grande'	aw-hejũ EXC-SALIVA 'que cuspe muito'
aw-nãpi EXC-osso/espinho 'osso grosso/espinhoso'	awn-ejũkã EXC-urina 'que urina em excesso'

O prefixo adjetivizador *aw-* também forma adjetivos a partir de nomes que denominam relações de parentesco, como mostram os exemplos seguintes:

aw-tāj

EXC-filho

‘que têm filhos em excesso/filho alto’

awn-akişu-nāw

EXC-tia-PL.H

‘possuidores de muitas tias’

aw-tanulé-nēw

EXC-primo-PL.H

‘possuidores de muitos primos’

No exemplo precedente, *-nāw* pluraliza o possuidor e o *aw-* refere-se a quantidade grande de primos.

aw-tanulé-şu-nāw

EXC-primo-F-PL.H

‘possuidores de muitas primas’

awn-ijũ

EXC-esposa

‘que tem muita esposa’, ‘que tem esposa alta’

˘ O prefixo *aw-* se combina ainda com nomes que referem sentimentos e sensações:

aw-palawã

EXC-triste.NOM

‘tristeza em excesso’

aw-majalã
EXC-majala.NOM
'cansaço em excesso'

awn-elelẽ
EXC-chorar-NOM
'que chora muito'

aw-kaw-tãj
EXC-doer-corpo.afet
'doença duradoura'

Combina-se também com nomes de objetos, de animais, de tubérculos significando um atributo em excesso como em aw-tunuma-lá /EXC-rede-MRN/ 'que tem redes em excesso e grande'. Outros exemplos ilustrativos disso são:

aw-nutai
EXC-corda
'que tem corda em excesso'

aw-nĩtã
EXC-arco
'tem arco enorme, fora do normal, ou, muitos arcos'

awn-uku-lã
EXC-flecha-MRN
'que tem flecha enorme (fora do normal)', ou 'que tem muitas flechas'

aw-neté
EXC-colar
'que tem colar em excesso'

aw-watanã

EXC-flauta.watanã

'que tem muita flauta, ou flauta comprida'

aw-palatã

EXC-pente.nom

'que tem muito pente, ou pente grande'

awn-ulekẽ

EXC-comida

'que tem comida em excesso'

aw-kãhi-za-pí

EXC-faca-MRN-CL.LINEAR

'que tem facão comprido'

aw-kula-la

EXC-miçanga-MRN

'que tem muita miçanga'

aw-nãj-pí

EXC-roupa-CL.LINEAR

'que tem roupa comprida'

awn-işa-pí

EXC-calção-CL.LINEAR

'que usa calção/short comprido '

aw-puti-nãj-pí

EXC-coxa-roupa-CL.LINEAR

' que usa calça comprida'

aw-kitsapa-nãj-pí

EXC-pé-roupa-CL.LINEAR

'que usa calçado grande'

aw-jakulapi-rá

EXC-sombra-MRN

'que tem sombra em excesso'

aw-mitaja-lá

EXC-história-MRN

'que não pára de contar fato ocorrido'

aw-kehi-şá

EXC-terra-MRN

'que tem muita terra e grande extensão de terra'

awn-uni-şa

EXC-água-MRN

'que apanha água em quantidade maior'

aw-peteşé

EXC-roça

'que tem roça de mandiocal grande'

aw-kene-ti

EXC-mandioca-CL.SEMENTE

'que arrancou mandioca em quantidade maior'

aw-janá

ex-pintura

'que tem pintura grande'

awn-akãj-ra

EXC-pequi-MRN

'que apanhou pequi em quantidade maior'

aw-keşi-şa

EXC-lua-MRN

'que dura meses, ou duradoro '

CAPÍTULO 4 – POSPOSIÇÕES

Há em Mehináku um conjunto de morfemas posposicionais que se flexionam para pessoa e que expressam os seguintes casos semânticos:

íw ‘dativo’

Trata-se de uma posposição que se cliticiza quando combinado com pronomes pessoais com forma fonológica, mas se realizam como formas fonologicamente independentes quando marcam nomes:

nu-muka-li pi-w5rfc

1-dar-proj 2-dat

‘eu dou para você’

pu-muka-li nu-w [nu]

2-dar-PROJ 1-DAT

‘você vai dar a mim’

nu-muka-la Makaw iw computador

1-dar-PROJ Makaw DAT computador

‘eu vou dar computador para Makaw’

nu-muka-la Ø iw computador

1-dar-PROJ 3 DAT computador

‘eu vou dar computador para Makaw’

-naj ‘locativo pontual’

Universidade-naj

Universidade-LP

‘na universidade

putakanaku-naj

aldeia-LP

‘na aldeia’

-tenu, tsenu ‘comitativo’

ne-kewěj-tsa alata pi-tsenu

1-trocar-CAUS panela 2-COM

‘eu troquei panela com você’

ne-kewěj-tsa nete-j pi-tsenu

1-trocar-CAUS colar 2-COM

‘eu troquei colar com você’

n-ijã-la pi-tsenu

1-ir-prosp 2-com

‘eu vou com você’

Ø-tua-la e-tenu

3-vir-PROSP 3-COM

‘ele vem com nós’

j-ija-la i-tenu-pa

23-ir-PROSP 3-com-PL.3

‘vocês vão com eles’

itenu ‘instrumentivo’

kĩhi itenu ni-kizuta nihĩti
terçado INSTR 1-cortar carne
‘cortei a carne com o terçado’

anati itenu nu-hemute-ne julaka
mão.de.pilão COM 1-socar-perf moqueado
‘eu soquei o peixe moqueado com a mão de pilão’

jawalawi itenu ne-šepe-ni
agulha COM 1-costurar-perf
‘eu costurei com agulha’

Sabão itenu nu-hukute-heněj nãí
Sabão COM 1-lavar -REP roupa
‘lavo roupa com sabão’

kahiwa ‘relativo’ (com respeito a, sobre)

Ø katine papakua-paj nu-kahiwa
Ø essa colado-EST 1-rel
‘ela está junto de mim’

a-papakua-paj pi-ťahiwa
123-colado-EST 2-rel
‘nós estamos junto de você’

Sábado kahiwa n-ijã-la
Sábado rel 1-ir-prosp
‘eu vou no sábado’

Domingo kahiwa n-ijã-la
domingo rel 1-ir-PROSP
‘eu vou no domingo’

pãj naku+jtsa

casa dentro-LP

‘dentro da casa’

makula naku+jtsa

panela.de.barro dentro-ABS+LP

‘dentro da panela de barro’

nu-pi naku-jtsa-la natu

1-casa dentro-LOC-MRN 1

‘eu vim de minha casa/eu estou vindo de minha casa’

taku-jtsa ‘sobre’

mesa taku-jtsa-paj atapapana

mesa superfície-ABS-LOC-EST caderno

‘caderno está em cima da mesa’

penu-jtsa ‘sobre’

pano take-ne pãj penu-jtsa

pano cair-PERF casa superfície-ABS-LOC

‘o pano caiu em cima da casa’

tepi-tsa ‘na parte inferior de’, ‘embaixo’

kujá tepi-tsa

jirau embaixo-LP

‘embaixo do jirau’

şepi tepi-tsa-paj jamukuhĩ

banco embaixo-LOC-EST menino

‘o menino está embaixo do banco’

A língua Mehináku combina o sufixo estativo *-paj* com temas como dentro, superfície e parte inferior, ou com nomes combinados por posposições, na criação de expressões equivalentes aos casos marcados por posposição:

kujá tepi-tsa-paj k̄hi-tāj
jirau embaixo-LOC-EST facão-AT
‘a faca está embaixo do jirau’

unjã-wa-paj itsa ~ uni ija-wa-paj itsa
água-PERL -EST canoa
‘a canoa está na água’

paj-ãku-paj natu
casa-dentro-EST 1
‘eu estou em casa’

ulei-ŋã-paj natu
mandocal-loc-EST 1
‘eu estou na roça (mandiocal)’

carro naku-paj pitsu
carro dentro-EST 2
‘você está no carro’

barco naku-paj aitsu
barco dentro-EST 123
‘nós estamos no barco’

barco naku-paj kupatĩ
barco dentro-EST peixe

‘o peixe está dentro do barco’

majaku naku-paj uleitsi
cesto.majaku dentro-EST mandioca

‘a mandioca está no cesto’

nu-miža-paj p+iw-tsa
1-MEDO-EST 2+DAT-LOC

‘eu estou assustado de você’

A combinação do dativo *-iw* com o alomorfe *-tsa* do locativo *-itsa* resulta em um significado ‘ablativo’

-iw-tsa ‘ablativo’

nu-miža-paj p+iw-tsa
1-MEDO-EST 2-DAT lp

‘eu tenho medo de você’

pi-pjalu-jtsa-paj aitsu
2-lado-LOC-EST 123

‘nós estamos do teu lado’

nu-palu-jtsa-paj pitsu
1-lado-LOC-EST 2

‘você está do meu lado’

tizizika-jtsa ‘em frente de’

pi-tsizizika-itsa-paj aitsu
2-frente-LOC-EST 123

‘nós estamos na tua frente’

pāj tizizika-itsa-paj aitsu

casa frente-LOC-EST 123

‘nós estamos na frente da casa

tukiri>*tsukiri-tsa* ‘atrás de’

pã-tsukiri-tsa-paj aitsu (pãj tukiri-tsa-paj ou pãj-tsukiri)

casa-coluna-LOC-EST 123

‘nós estamos atrás da casa’

pãj tsapa+jtsa-paj natu

casa sobre+LOC-EST 1

‘eu estou sobre a casa’

pãj tepi+tsa-paj pitsu

casa embaixo-LOC-EST 2

‘você está embaixo da casa’

CAPÍTULO 5 – NUMERAIS E DEMONSTRATIVOS

5.1. Numerais

O Mehináku possui três palavras básicas para expressar noções de quantidade correspondentes respectivamente a 1, 2 e 3. Estas podem se combinar com certos nomes, verbos e posposições para formar expressões numerais correspondentes a quantidades crescentes. Exemplificaremos a formação de numerais acima de três, até 20, pois, embora o processo criativo possa se estender, além de 20 é improdutiva.

Os três numerais são:

Pawitsa	‘um’
Mipjama	‘dois’
Kamajukula	‘três’

Os demais numerais são combinações desses três numerais com as palavras –waka ‘recíproco’, wizīku ‘mão’, taputá ‘atravessar’, ijá ‘ir’, kitsapaj ‘pé’, kahi ‘nele’.

um	Pawitsa	
dois	Mipjama	
três	kamajukula	
quatro	mipjama-waka	dois e dois
cinco	pawitsa-wizīkũ	uma mão
seis	pawitsa-taputá-wizīkuj	atravessar mão e um
sete	mipjama-taputá-wizīkuj	atravessar mão e dois
oito	kamajukula-taputá-wizīkuj	atravessar mão e três
nove	mipjama-waka-taputá-wizīkuj	atravessar mão e dois e dois
dez	mamala-wizīkuj	acabar mão
onze	pawitsa-ijá-kitsapaj-kahi	um vai com pé
doze	mipjama-ija-kitsapaj-kahi	dois vai com pé

treze	kamajukula-ijá-kitsapaj-kahi	três vai com pé
catorze	mipjama-waka ijá-kitsapaj-kahi	dois e dois vai com pé
quinze	pawitsa-mamalá-kitsapaj	acabar um pé
dezeseis	pawitsa-taputá-kitsapaj	atravessar um pé
dezessete	mipjama-taputá-kitsapaj	atravessar pé e dois
Dezoito	kamajukula-taputá-kitsapaj	atravessar pé e três
Dezenove	mipjama-waka-taputá-kitsapaj	atravessar pé e dois e dois
Vinte	mamala-kitsapaj	acabar pé

Exemplos contextualizados dos numerais são:

Pawitsa na-jatá nāj
um 1-comprar roupa
‘eu comprei uma roupa’

Mipjama papá tuma şepi
dois pai fazer banco
‘meu pai fez dois bancos’

Kamajukula a-mukatá a-palu-nāw i-tu-naku
três 123-marcas 123-adversário-PL.H 3.gen-dentro
‘nós marcamos três gols contra nosso adversário’

Mipjama-waka in-uku-la a-jata-kiná
dois-refl 3-flecha-MDN foi-comprar-subj
‘comprou-se quatro flechas dele’ ou ‘foi comprado quatro flechas dele’

Pawitsa-wizikũ -la i-waku-pa, pjula-wa
um-mão-prosp 3-REFL-PL.3 pescaria-LP
‘eles vão ficar cinco dias na pescaria’

pawitsa-taputá-wizikuj i-kitsapa-nāj

um-atravesar-mão 3-pé-roupa-NOM

‘ele tem seis calçados’

Mipjama-taputá-wizɨkuj i-nuká autu

dois-atravesar-mão 3-matar porco

‘ele matou sete porcos’

Kamajukula-taputá-wizɨkuj jamuku-nãw i-nuká kupati

três-atravesar-mão criança-pl.h 3-matar peixe

‘as crianças pescaram oito peixes’

Mipjama-waka-taputá-wizɨkuj i-tuká atapana

dois e dois-atravesar-mão 3-pegar folha

‘ele recebeu nove reais’

Mamala-wizɨkuj aw-ata-la in-amunujã

acabar-mão 123-paw-MRN 3-muito/bastante.NOM

‘a quantidade de nosso pau são dez’

Pawitsa ijá-kitsapaj-kahi a-melancia-la in-amunujã

um ir-pé-junto 123-melancia-MRN 3-muito/bastante.NOM

‘são onze nossa melancia’

Mipjama ijá-kitsapaj-kahi i-wapalakumã-la-pa in-amunujã

dois ir-pé-junto 3-abacaxi-MDN-PL 3-muito/bastante.MDN

‘são doze abacaxis deles’

kamajukula ijá-kitsapaj-kahi tineşu-nãw i-majaku-la

três ir-pé-junto mulher-PL 3-cesto-MD

‘são treze cestos das mulheres’

Jamuku-nãw tuma mipjama-waka ijá-kitsapaj-kahi pa-uku-la-pa

criança-pl.h fazer dois e dois ir-pé-junto 3-flecha-md-pl

‘as crianças fizeram quatorze flechas delas’

Tineşu-nãw a-jata pawitsa-mamala-kitsapaj alata
mulher-pl.h 23-comprar um-acaba-pé panela
‘as mulheres compraram quinze panelas de alumínio’

Makaulaka muka pawitsa-taputá-kitsapaj ezuhi pa-tãj-iw
Makaulaka dar um-atravesar- pé anzol 3-filho-dat
‘Makaulaka deu dezesseis anzóis para filho dele’

Mamala-kitsapaj a-waku kazaipa maka-niã
Acaba-pé 123-durante não.indígena por lá
‘nós passamos vinte dias na cidade’

Note-se que os numerais não são modificadores de nomes formando com estes constituintes, haja vista os exemplos seguintes:

Kamajukula ijá-kitsapaj-kahi tineşu-nãw i-majaku-la
três ir-pé-junto mulher-PL 3-cesto.majaku -MDN
‘são treze cestos das mulheres’

Mipjama-waka-taputá-wizikuj i-tuká atapana
Dois e dois-atravesar-mão i-pegar folha
‘ele/a recebeu nove reais’

5.2. Demonstrativos

Os demonstrativos do Mehináku apresentam três contrastes, quanto à distância do que é indicado – perto do falante, mais ou menos perto do falante e distante do falante, tendo como referência o falante.

Perto do falante

izî-hã ‘este aqui’

Mais ou menos perto do falante

şené - ‘esse’

Longe do falante

zã-hã ~ zã-hã ‘aquele lá’

5.2.1. Os demonstrativos em função de modificadores de nomes

Na função de modificadores de nomes, os demonstrativos precedem os nomes.

nu-nupa izî enizã
1-ver este homem
‘eu vi este homem’

nu-nupa zã enizã
1-ver aquele homem
‘eu vi aquele homem’

5.2.2. Os demonstrativos em função pronominal

Em função pronominal os demonstrativos se combinam com os morfemas –hã e –∅. –hã se combina com izî e com zã, enquanto que –∅ se combina com şené:

izî-hã ‘este aqui’

şené-∅ ‘esse ai’

zã-hã ‘aquele lá’

Exemplos:

natu izi-hã

1 este

‘este aqui é meu’

natu şené

1 esse aí

‘esse aí é meu’

natu zã-hã

1 aquele lá

‘aquele ali é meu’

5.2.3. Demonstrativos em função predicativa locativa

Os demonstrativos podem constituir núcleos de predicados estativos, combinados com o sufixo –paj ‘estativo’, funcionando como locativos, como mostram os exemplos seguintes:

izi-paj

izi -EST

‘está aqui’

şené-pej

esse-EST

‘está aí’

zã-hã-paj

aquele-EST

‘está lá’

CAPÍTULO 6 – ADJETIVOS

A classe de adjetivos é constituída de palavras que funcionam como atributos de nomes. Tornam-se nomes por meio do nominalizador e mediador suprasegmental ~ associado à última vogal do tema. Funcionam também como predicados, caso em que se combinam com o estativo *-paj*.

6.1. Função atributiva

Em sua função natural, que é a de atributo, ocorre justaposto ao nome que modifica:

jamukuhĩ awitsiri putuka-wi-ku
menino bonito chegar-perf.conf
'o menino bonito chegou'

nu-tuma pãj weke
1-fazer casa.abs grande
'fiz casa grande'

nu-nupa kupatĩ weke
1-ver peixe grande
'vi peixe grande'

mama tuma-paj makula weke
mamãe fazer- panela.de.barro grande
'mamãe faz panela grande'

O adjetivo posposto ao nome forma com este uma unidade sintática, um sintagma nominal, sendo a classe do núcleo, a que prevalece. Como todo nome, o resultado da justaposição de um adjetivo a um nome, recebe sufixos próprios dos nomes, como por exemplo o pluralizador *-tipe*.

mama	tuma-paj	makula	weke-tipe
mamãe	faz-asp	panela.de.barro	grande-pl

‘mamãe faz panelas de barro grandes’

izi-nāj-pjaj	pāj	weke-tipe
este-loc-pred/est	casa.abs	grande-pl

‘aqui há casas grandes’

aitsa	awizi-paj	nu-piri	pāj	kulata-tipe
neg	bom-pred/est	1-com.resp.a	casa.abs	quente-pl

‘eu não gosto de casas quentes’

aitsa	awizi-paj	nu-piri	pāj	katika-tipe
neg	bom-pred/est	1-instr	casa.abs	fria-pl

‘eu não gosto de casas frias’

aitsa	awizi-paj	nu-piri	pāj	kulepe-tipe
neg	bom-pred/est	1-instr	casa.abs	sujo-pl

‘eu não gosto de casas sujas’

6.2. Adjetivos em função predicativa

Adjetivos, em função predicativa, combinam-se com o sufixo estativo *-paj*, e são flexionados por prefixos pessoais, como exemplificado em seguida:

nu-katika-paj 1-gelado-EST 'eu estou gelado'	katika-waka-paj ni~nu-piri gelado-existir-EST 1-para 'está fazendo frio para mim'
pi-ʃatika-paj 2-gelado-EST 'você está gelado'	katika-waka- paj pi-piri gelado-existir-EST 2-para 'está fazendo frio para você'
∅-katika-paj 3-gelado-EST 'ele/a está gelado'	katika –waka-paj i-piri gelado-existir-EST 3-para 'está fazendo frio para ele/a'
ai-ʃatika-paj 123-gelado-EST 'nós estamos gelados'	katika-waka-paj a-piri gelado-existir- EST 123-para ' está fazendo frio para nós'
ji-ʃatika-paj 2l-gelado-existir-EST 'vocês estão gelados'	katika-waka-paj ji-piri gelado existir-EST 2-para ' está fazendo frio para vocês'
katika-paj-pja 3-gelado-EST-PL 'eles estão gelados' estão com frio'	katika-waka-paj i-piri-pja gelado-existir-está 3-para-pl ' está fazendo frio para eles/as' 'isto é: 'eles

Adjetivos são nominalizados por meio do morfema suprasegmental ~:

katiká

gelado

'gelado'

katiká +~ = katikã 'gelado'

nu-katikã
1-gelado.nom
'meu gelado'

pi-ʃatikã
2-gelo.nom
'seu gelado'

i-katikã
3-gelado.nom
'frio dele'

a-katikã
1-gelo.nom
'nosso frio'

ji-ʃatikã
2-gelo.nom
'frio de vocês'

i-katikã-pa
3-gelo.nom-pl
'frio deles'

kulatá 'quente'
kulatá +~ = kulatã 'quentura'

nu-kulatã
1-quente.nom
'minha quentura'

pi-ʃulatã
2-quente.nom

'sua quentura'

i-kulatã

3- quente.nom

'quentura dele'

a-kulatã

123- quente.nom

'nossa quentura'

ji-ŧulatã

23- quente.nom

'quentura de vocês'

i-kulatã-pa

3- quente-nom-pl

'quentura deles'

kulepé 'sujo'

kulepé +~ = kulepẽ 'sujeira'

nu-kulepẽ

1- sujo.nom

'minha sujeira'

pi-ŧulepẽ

2- sujo.nom

'sua sujeira'

i-kulepẽ

3- sujo.nom

'sujeira dele/dela'

a-kulepẽ
123-sujo.nom
'nossa sujeira'

ji-ʈfulepẽ
23-sujo.nom
'sujeira de vocês'

i-kulepẽ-pe
3-sujo.nom-pl
'sujeira deles/delas'

Outros exemplos são apresentados em seguida:

n-imirã
1-calor.nom
'meu suor'

nu-kahajã
1-molhado.nom
'meu molhado'

p-imirã
2-calor
'seu suor '

pi-ʈfahajã
2-molhado
'seu molhado'

in-imirã
3-calor
'suor dele'

i-kahajã
3-molhado
'molhado dele'

a-imirã
123-calor
'nosso suor'

a-kahajã
123-molhado
'nosso molhado'

j-imirã
23-calor
'suor de vocês'

ji-ʈfahajã
23-molhado
'molhado de vocês'

in-imirã-pa 3-calor.nom-pl 'suor deles'	i-kahajã 3-molhado 'molhado deles'
nu-kejẽĩ 1-liso.nom 'minha lisura'	nu-kejẽĩ-pjai 1-liso-EST 'eu estou liso'
pi-tfejẽĩ 2-liso 'sua lisura'	pi-tfejẽĩ-pjai 2-liso-EST 'você está liso'
i-kejẽĩ 3-liso 'lisura dele/a'	Ø-kejẽĩ-pjai 3-liso-EST 'ele está liso'
e-kejẽĩ 123-liso 'nossa lisura'	e-kejẽĩ-pjai 123-liso-EST 'nós estamos liso'
ji-tfejẽĩ 23-liso 'lisura de vocês'	ji-tfejẽĩ-pjai 23-liso-EST 'vocês estão lisos'
i-kejẽĩ-pja 3-liso-pl 'lisura deles'	kejẽĩ-pjai-pja 3-liso-EST-PL 'eles estão lisos'

Adjetivos nominalizados podem ser núcleo de predicados com –paj, mas para tanto é requerido o recíproco -waka:

kejêi-jaka-paj ni-piri
liso-rec-EST 1-para
'está liso para mim'

kejêi-jaka-paj pi-piri
liso- rec-EST 2-para
'está liso para você'

kejêi-jaka-paj i-piri
liso- rec-EST 3-para
'está liso para ele/ela'

kejêi-jaka-paj a-piri
liso- rec-EST 123-para
'está liso para nós'

kejêi-jaka-paj ji-piri
liso- rec-EST 23-para
'está liso para vocês'

kejêi-jaka paj i-piri-pja
liso- rec-EST 3-para
'está liso para eles/elas'

As construções resultantes da combinação do reflexivo *-waka* com um adjetivo e com *-paj* 'estativo' resultam em um predicado existencial sem sujeito. Comparem-se os seguintes exemplos: o da coluna esquerda é um predicado estativo com sujeito sintático, o da coluna da direita é um predicado existencial sem sujeito:

kulata-paj kami

quente-EST sol

kulata-waka-paj

quente-existir-EST

'o sol está quente'

'está quente'

Os exemplos seguintes mostram outros tipos de predicação, os que contêm um malefeciário/beneficiário:

kulata-paj kami nu~ni-piri
quente-EST sol 1-para
'o sol está quente para mim'

kulata -waka-paj nu~ni-piri
quente-existir-EST 1-para
'está quente para mim'

kulata-paj kami pi-piri
quente-EST sol 2-para
'o sol está quente para você'

kulata-waka-paj pi-piri
quente existir- EST 2-para
'está quente para você'

kulata -paj kami i-piri
quente-EST sol 3-para
'o sol está quente para ele'

kulata -waka-paj i-piri
quente-existir-EST 3-para
'está quente para ele'

kulata-paj kami a-piri
quente-EST sol 123-para
'o sol está quente para nós'

kulata -waka -paj a-piri
quente-existir-EST 123-para
'está quente para nós'

kulata-paj kami ji-piri
quente-EST sol 23-para
'o sol está quente para vocês'

kulata -waka -paj ji-piri
quente-existir-EST 23-para
'está quente para vocês'

kulata-paj kami i-piri-pja
quente está sol 3-para-pl
'o sol está quente para eles'

kulata -waka -paj i-piri-pja
quente-existir-EST 3-para-pl
'está quente para eles'

n-imira-taj-pjaj
1-suor- corpo.afet-EST
'eu estou suado'

imira-waka-paj nu~ni-piri
calor-existir-EST 1-para
'está fazendo calor para mim'

p-imira-taj-pjaj
2-suor- corpo.afet-EST
'você está suado'

imira-waka -paj pi-piri
calor-existir-EST 2-para
'está fazendo calor para você'

imira-tai-pjaj
3-calor-corpo.afet-EST
'ele está suado'

imira-waka-paj i-piri
calor-exist-EST 3-para
'está fazendo calor para ele'

a-imira-tai-pjaj
123-calor-corpo.afet-EST
'nós estamos suados'

imira-waka -paj a-piri
calor-existir-EST 123-para
'está fazendo calor para nós'

j-imira-tai-pjaj
23-calor- corpo.afet-EST
'vocês estão suados'

imira-waka -paj ji-piri
calor-existir-EST 23-para
'está fazendo calor para vocês'

imira-tai-pjaj-pja
3-suor- corpo.afet-EST-PL
'eles estão suado'

imira waka-paj i-piri-pja
calor existir-EST 3-para-PL
'está fazendo calor para eles'

CAPÍTULO 7 – VERBOS

Verbos em Mehináku exprimem processos. Distinguem-se das demais classes de palavras por naturalmente predicarem. De acordo com a transitividade, há dois tipos de verbos em Mehináku, verbos intransitivos, que são os que têm um argumento obrigatório, verbos transitivos os que requerem dois argumentos obrigatórios. Tanto os intransitivos quanto os transitivos possuem variedades extendidas, assim chamadas por Dixon (1994). Estas variedades são os verbos intransitivos, que possuem além do sujeito um argumento objeto indireto e os transitivos que têm além do agente e do objeto direto, um objeto indireto. Verbos se combinam com marcas pessoais que marcam o sujeito. O objeto não é marcado no verbo, mas é expresso sintaticamente.

Um tema verbal se combina com prefixos pessoais que marcam o sujeito, mas há situações em que o tema verbal não recebe essas marcas. O objeto é marcado sintaticamente. Um tema verbal se combina com morfemas que codificam voz – causativa, reflexiva e recíproca – assim como aspecto e modalidade.

7.1. Verbos intransitivos

Como mencionamos na seção precedente, há duas variedades de verbos intransitivos. O intransitivo simples requer um único argumento e um intransitivo extendido requer dois argumentos, o sujeito e um objeto indireto.

Exemplos de intransitivos simples:

etuna	‘andar’
ahimãitsa	‘correr’
wahifátua	‘cair’
taputa	‘atravessar’

Exemplos de intransitivos estendidos:

kakãjɟɟɪɟu ‘pensar’
akijütua ‘vingar-se’

Exemplos de verbos transitivos simples

aĩɟa ‘comer’
maĩɟa ‘bater’
ahitsa ‘morder’

Exemplos de verbos transitivos estendidos

muka ‘dar’
awanakata ‘enviar’

7.3 Tempo, aspecto e modalidade em Mehináku

Um fato a ser observado sobre o Mehináku é que, nessa língua, sufixos que poderiam receber uma interpretação de puro aspecto, não podem ser categorizados como semanticamente relacionados a uma variedade aspectual específica. Aspectualidade pode ser expressa por morfemas ou por outras formas, como por exemplo, por ordem de palavras. Não há marcas propriamente que expressem “tempo” no sentido que é dado, por exemplo, ao pretérito perfeito do Português (cf.), como ‘eu cantei’, usado somente com respeito ao passado. Em Mehináku, há várias formas de se expressar o que foi realizado, assim como projeções, seja por meio de morfologia, por meio de auxiliares ou pela combinação destes com ordem de palavras (Mehináku Makaulaka e Cabral, em preparação). Nesta seção apresentaremos uma breve descrição de algumas expressões de aspecto na língua Mehináku. Em seguida, apresentamos algumas considerações sobre expressões aspectuais em Mehináku.

-∅ marca temas verbais contribuindo com o significado de processo ‘realizado’ (acompli). Na imagem seguinte, o que está entre [] é o processo, ou seja, trata-se de um processo que se iniciou e que foi concluído:

{.....[_____]}

comer

n-aĩɟa-∅ kupati-ku

1-comer peixe-acabado-decl
'eu comi o peixe'

O esquema seguinte traz a idéia de que o processo encontra-se de alguma forma em realização, e que não foi ainda concluído:

.....[_____][.....

n-aĩtʃa-paj kupatĩ
1-comer-EST peixe
'eu estou comendo peixe'

Com o sufixo *-la* expressa-se a ideia de que o processo ainda vai se realizar. Trata-se de uma projeção, portanto, de uma expressão de modalidade. Há vários modos de expressar o irrealis, o hipotético, o desejado, o potencial. Esta é apenas uma delas. O esquema seguinte representa esta possibilidade:

{.....[_____]}.....{

n-aĩtʃa-la kupatĩ
1-comer-prosp peixe
'eu vou comer peixe'

Em seguida, damos vários exemplos expressões de aspecto e modalidade, mas salientando que, a realidade da língua quanto à expressão de modo-tempo-aspecto e modalidade é muito mais complexa, como mostramos em Makaulaka Mehináku e Cabral (a aparecer).

Exemplos ilustrativos de expressões dos aspectos 'realizado', 'progressivo' e da modalidade 'projetiva'.

etuna 'andar'

n-etuna apuj-a n-etuna-paj apuj-a n-etuna-la apuj-a
 1-andar caminho-perl 1-andar-EST caminho-perl 1-andar-mrn caminho-loc
 ‘eu andei no caminho’ ‘eu estou andando no caminho’ ‘eu vou andar no caminho’

p-etuna apuj-a p-etuna-paj apuj-a p-etuna-la apuj-a
 2-andar caminho-PERL 2-andar-PERL caminho-PERL 2-andar- caminho-PERL
 ‘você andou no caminho’ ‘você está andando no cam’ ‘você vai andar no cam’

∅-etuna apuj-a ∅-etuna-paj apuj-a ∅-etuna-la apuja
 3-andar caminho-PERL 3-andar-EST caminho-PERL 3-andar-proj caminho-PERL
 ‘ele andou no caminho’ ‘ele está andando no caminho’ ‘ele vai andar no caminho’

ew-etuna apuj-a ew-etuna-paj apuj-a ew-etuna-la apuj-a
 123-andar cam.-PERL 123-andar-EST cam.-PERL 123-andar-PROJ cam.-PERL
 ‘nós andamos no cam.’ ‘nós estamos andando no cam.’ ‘nós vamos andar no cam.’

j-etuna apuj-a j-etuna-paj apuj-a j-etuna-la apuj-a
 23-andar caminho-PERL 23-andar-EST caminho-perl 23-andar-PROJ caminho-PERL
 ‘vocês andaram no caminho’ ‘vocês estão andando no cam.’ ‘vocês vão andar no cam.’

∅-etuna-wa-pa apuj-a ∅-etuna-paj-pja apuj-a ∅-etuna-pa-la apuj-a
 3-andar-perf-PL cam.-PERL 3-andar-EST-pl cam.-PERL 3-andar-PL-proj cam.-perl
 ‘eles andaram no cam.’ ‘eles estão andando no cam’ ‘eles vão andar no cam.’

ahimaĩtsa ‘correr’

n-ahimaĩtsa jakakũj-a n-ahimaĩtsa-paj jakakũj-a n-ahimaĩtsa-la jakakũj-a
 1-correr mato-perl 1-correr-EST mato-perl 1-correr-proj mato-perl
 ‘eu corri na mata’ ‘eu estou correndo na mata’ ‘eu vou correr na mata’

p-ahimaĩtsa jakakũj-a p-ahimaĩtsa-paj jakakũj-a p-ahimaĩtsa-la jakakũj-a
 2-correr mato-perl 2-correr-EST mato-perl 2-correr-proj mato-perl
 ‘você correu na mata’ ‘você está correndo na mata’ ‘você vai correr na mata’

Ø-ahimaĩtsa	jakakũj-a	ø-ahimaĩtsa-paj	jakakũj-a	ø-ahimaĩtsa-la	jakakũj-a
3-correr	mato-perl	3-correr-EST	mato-perl	3-correr-proj	mato-perl
‘ele correu na mata’		‘ele está correndo na mata’		‘ele vai correr na mata’	
aw-ahimaĩtsa	jakakũj-a	aw-ahimaĩtsa-paj	jakakũj-a	aw-ahimaĩtsa-la	jakakũj-a
123-correr	mato-perl	123-correr-EST	mato-pl	123-correr-proj	mato-perl
‘nós correremos na mata’		‘nós estamos correndo na mata’		‘nós vamos correr na mata’	
j-ahimaĩtsa	jakakũj-a	j-ahimaĩtsa-paj	jakakũj-a	j-ahimaĩtsa-la	jakakũj-a
23-correr	mato-perl	23-correr-EST	mato-perl	23-correr-proj	mato-perl
‘vocês correram na mata’		‘vocês estão correndo na mata’		‘vocês vão correr na mata’	
Ø-ahimaĩtsa-wa-pa	jakakũj-a	Ø-ahimaĩtsa-paj-pja	jakakũj-a	Ø-ahimaĩtsa-pa-la	jakakũj-a
3-correr-perf.pl	mato-perl	3-correr-EST-pl	mato-perl	3-correr-pl-proj	mato-perl
‘eles/as correram na mata’		‘eles/as estão correndo na mata’		‘eles/as vão correr na mata’	
elele	‘chorar’	causa			
n-elele	kauki iw	n-elele-pei	kauki iw	n-elele-le	kauki iw
1-chorar	doença dat	1-chorar-EST	doença dat	1-chorar-proj	doença dat
‘eu chorei de dor’		‘eu estou chorando de dor’		‘eu vou chorar de dor’	
p-elele	kauki iw	p-elele-pei	kauki iw	p-elele-le	kauki iw
2-chorar	doença dat	2-chorar-EST	doença dat	2-chorar-proj	doença dat
‘você chorou de dor’		‘você está chorando de dor’		‘você vai chorar de dor’	
Ø-elele	kauki-iw	Ø-elele-pei	kauki-iw	Ø-elele-le	kauki-iw
3-chorar	doença-dat	3-chorar-EST	doença-dat	3-chorar-proj	doença-dat
‘ele chorou de dor’		‘você está chorando de dor’		‘você vai chorar de dor’	
ew-elele	kauki iw	ew-elele-pei	kauki iw	ew-elele-le	kauki iw
123-chorar	doença dat	123-chorar-EST	doença dat	123-chorar-proj	doença dat
‘nós choramos de dor’		‘nós estamos chorando de dor’		‘nós vamos chorar de dor’	

j-elele kauki iw j-elele-pei kauki iw j-elele-le kauki iw
 23-chorar doença dat 23-chorar-EST doença dat 23-chorar-proj doença dat
 ‘vocês choraram de dor’ ‘vocês estão chorando de dor’ ‘vocês vão chorar de dor’

∅-elelewe kauki iw ∅-elele-pei-pja kauki iw ∅-elele-pe-le kauki iw
 3-chorar doença dat 3-chorar-EST-pl doença-dat 3-chorar-pl-proj doença dat
 ‘eles choraram de dor’ ‘eles estão chorando de dor’ ‘vocês vão chorar de dor’

taputa ‘nadar’

nu-taputa un-jã-wa nu-taputa-paj un-jã-wa nu-taputa-la un-jã-wa
 1-nadar água-cl-perl 1-nadar-EST água-cl-perl 1-nadar-proj água-cl-perl
 ‘eu nadei na água’ ‘eu estou nadando na água’ ‘eu vou nadar na água’

pi-taputa un-jã-wa pi-taputa-paj un-jã-wa pi-taputa-la un-jã-wa
 2-nadar água-cl-perl 2-nadar-EST água-cl-perl 2-nadar-proj água-cl-perl
 ‘você nadou na água’ ‘você está nadando na água’ ‘você vai nadar na água’

∅-taputa un-jã-wa ∅-taputa-paj un-jã-wa ∅-taputa-la un-jã-wa
 3-nadar água-cl-perl 3-nadar-EST água-cl-perl 3-nadar-proj água-cl-perl
 ‘você nadou na água’ ‘você está nadando na água’ ‘você vai nadar na água’

a-taputa un-jã-wa a-taputa-paj un-jã-wa a-taputa-la un-jã-wa
 123-nadar água-cl-perl 123-nadar-EST água-cl-perl 123-nadar-proj água-cl-perl
 ‘nós nadamos na água’ ‘nós estamos nadando na água’ ‘nós vamos nadar na água’

ji-taputa un-jã-wa ji-taputa-paj un-jã-wa ji-taputa-la un-jã-wa
 23-nadar água-cl-perl 23-nadar-EST água-cl-perl 23-nadar-proj água-cl-perl
 ‘vocês nadaram na água’ ‘vocês estão nadando na água’ ‘vocês vão nadar na água’

∅-taputa-wa-pa un-jã-wa ∅-taputa-paj-pja un-jã-wa ∅-taputa-pa-la un-jã-wa
 3-nadar-per-pl água-cl-perl 3-nadar-EST-pl água-cl-perl 3-nadar-pl-proj água-cl-perl
 ‘vocês nadaram na água’ ‘vocês estão nadando na água’ ‘vocês vão nadar na água’

Ija	‘ir’				
n-ijã	waku	n-ijã-paj	waku	n-ijã-la	waku
1-ir	rio	1-ir-EST	rio	1-ir-proj	rio
‘eu fui ao rio’		‘eu estou indo ao rio’		‘eu vou ao rio’	
p-ija	waku	p-ija-paj	waku	p-ija-la	waku
2-ir	rio	2-ir-EST	rio	2-ir-proj	rio
‘você foi ao rio’		‘você está indo ao rio’		‘você vai ao rio’	
∅-ija	waku	∅-ija-paj	waku	∅-ija-la	waku
3-ir	rio	3-ir-EST	rio	3-ir-proj	rio
‘ele/a foi ao rio’		‘ele/a está indo ao rio’		‘ele/a vai ao rio’	
a-ja	waku	a-ja-paj	waku	a-ja-la	waku
123-ir	rio	123-ir-EST	rio	123-ir-proj	rio
‘nós fomos ao rio’		‘nós estamos indo ao rio’		‘nós vamos ao rio’	
j-ija	waku	j-ija-paj	waku	j-ija-la	waku
23-ir	rio	23-ir-EST	rio	23-ir-proj	rio
‘vocês foram ao rio’		‘vocês estão indo ao rio’		‘vocês vão ao rio’	
∅-ija-wa-pa	waku	∅-ija-paj-pja	waku	∅-ija-pa-la	waku
3-ir-perf-pl	rio	3-ir-EST-pl	rio	3-ir-pl-proj	rio
‘eles foram ao rio’		‘eles estão indo ao rio’		‘eles vão ao rio’	
humaka	‘dormir’				
nu-humaka	amak-wa	nu-humaka-paj	amak-wa	nu-humaka-la	amak-wa
1-dormir	rede-perl	1-dormir-EST	rede-perl	1-dormir-proj	rede-perl
‘eu dormi na rede’		‘eu estou dormindo na rede’		‘eu vou dormir na rede’	
pu-humaka	amak-wa	pu-humaka-paj	amak-wa	pu-humaka-la	amak-wa
2-dormir	rede-perl	2-dormir-EST	rede-perl	2-dormir-proj	rede-perl
‘você dormiu na rede’		‘você está dormindo na rede’		‘você vai dormir na rede’	

∅-humaka amak-wa 3-dormir rede-perl 'ele/a dormiu na rede'	∅-humaka-paj amak-wa 3-dormir-EST rede- perl 'ele/a está dormindo na rede'	∅-humaka-la amak-wa 3-dormir-proj rede- perl 'ele/a vai dormir na rede'
a-humaka amak-wa 123-dormir rede- perl 'nós dormimos na rede'	a-humaka-paj amak-wa 123-dormir-EST rede- perl 'nós estamos dormindo na rede'	a-humaka-la amak-wa 123-dormir-proj rede- perl 'nós vamos dormir na rede'
ju-humaka amak-wa 23-dormir-rede- perl 'vocês dormiram na rede'	ju-humaka-paj amak-wa 23-dormir-EST rede- perl 'vocês estão dormindo na rede'	ju-humaka-la amak-wa 23-dormir-proj-rede- perl 'vocês vão dormir na rede'
∅-humaka-wa-pa amak-wa 3-dormir-perf-pl rede- perl 'eles dormiram na rede'	∅-humaka-paj-pja amak-wa 3-dormir-EST-pl rede- perl 'eles estão dormindo na rede'	∅-humaka-pa-la amak-wa 3-dormir-pl-proj rede- perl 'eles vão dormir na rede'

Verbos transitivos estendidos

kaĩtʃiʃu 'pensar'		
nu-ka-kaĩtʃiʃu i-kahi 1-pensar 3-rel 'eu pensei nele/a'	nu-ka-kaĩtʃiʃu-paj i-kahi 1-pensar-EST 3-rel 'eu estou pensando nele/a'	nu-ka-kaĩtʃiʃu-la i-kahi 1-pensar-proj 3-rel 'eu vou pensar nele/a'
pi-tʃa-kaĩtʃiʃu i-kahi 2-pensar 3-rel 'você pensou nele/a'	pi-tʃa-kaĩtʃiʃu-paj i-kahi 2-pensar-EST 3-rel 'você está pensando nele/a'	pi-tʃa-kaĩtʃiʃu-la i-kahi 2-pensar-proj 3-rel 'você vai pensar nele/a'
∅-ka-kaĩtʃiʃu i-kahi 3-pensar 3-rel 'ele pensou nele/a'	∅-ka-kaĩtʃiʃu-paj i-kahi 3-pensar-est 3-rel 'ele está pensando nele/a'	∅-ka-kaĩtʃiʃu-la i-kahi 3-pensar-proj 3-nele 'ele vai pensar nele/a'
a-ka-kaĩtʃiʃu i-kahi 123-pensar 3-rel 'nós pensamos nele/a'	a-ka-kaĩtʃiʃu-paj i-kahi 123-pensar-EST 3-rel 'nós estamos pensando nele/a'	a-ka-kaĩtʃiʃu-la i-kahi 123-pensar-proj 3-nele 'nós vamos pensar nele/a'

ji-tʃa-kaĩʃiʃu i-kahi	ji-tʃa-kaĩʃiʃu-paj i-kahi	ji-tʃa-kaĩʃiʃu-la i-kahi
23-pensar 3-rel	23-pensar-EST 3-rel	23-pensar-proj 3-rel
‘vocês pensaram nele/a’	‘vocês estão pensando nele/a’	‘vocês vão pensar nele/a’

∅-ka-kaĩʃiʃu-wa-pa i-kahi	∅-ka-kaĩʃiʃu-paj-pja i-kahi	∅-ka-kaĩʃiʃu-pa-la i-kahi
3-pensar-perf-pl 3-rel	3-pensar-EST-pl 3-rel	3-pensar-pl-proj 3-rel
‘eles pensaram nele/a’	‘eles estão pensando nele/a’	‘eles vão pensar nele/a’

7.3. Verbos Transitivos

aĩʃa ‘comer’

n-aĩʃa kupati	n-aĩʃa-paj kupati	n-aĩʃa-la kupati
1-comer peixe	1-comer-EST peixe	1-comer-proj peixe
‘eu comi peixe’	‘eu estou comendo peixe’	‘eu vou comer peixe’

p-aĩʃxa kupati	p-aĩʃa-paj kupati	p-aĩʃa-la kupati
2-comer peixe	2-comer-EST peixe	2-comer-proj peixe
‘você comeu peixe’	‘você está comendo peixe’	‘você vai comer peixe’

∅-aĩʃa kupati	∅-aĩʃa-paj kupati	∅-aĩʃa-la kupati
3-comer peixe	3-comer-EST peixe	3-comer-proj peixe
‘ele comeu peixe’	‘ele está comendo peixe’	‘ele vai comer peixe’

aw-aĩʃa kupati	aw-aĩʃa-paj kupati	aw-aĩʃa-la kupati
123-comer peixe	123-comer-EST peixe	123-comer-proj peixe
‘nós comemos peixe’	‘nós estamos comendo peixe’	‘nós vamos comer peixe’

j-aĩʃa kupati	j-aĩʃa-paj kupati	j-aĩʃa-la kupati
23-comer peixe	23-comer-EST peixe	23-comer-proj peixe
‘vocês comeram peixe’	‘vocês estão comendo peixe’	‘vocês vão comer peixe’

∅-aĩʃa-wa-pa kupati	∅-aĩʃa-paj-pja kupati	∅-aĩʃa-pa-la kupati
---------------------	-----------------------	---------------------

3-comer-perf-pl peixe 3-comer-EST-pl peixe 3-comer-pl-proj peixe
 ‘eles comeram peixe’ ‘eles estão comendo peixe’ ‘eles vão comer peixe’

maĩṭṭa ‘bater’

nu-maĩṭṭa nu-wiṣiku nu-maĩṭṭa-paj nu-wiṣiku nu-maĩṭṭa-la nu-wiṣiku
 1-bater 1-mão 1-bater-EST 1-mão 1-bater-proj 1-mão
 ‘eu bati a minha na mão’ ‘eu estou batendo na minha mão’ ‘eu vou bater na minha mão’

pu-maĩṭṭa nu-wiṣiku pu-maĩṭṭa-paj nu-wiṣiku pu-maĩṭṭa-la nu-wiṣiku
 2-bater 1-mão 2-bater-EST 1-mão 2-bater-proj 1-mão
 ‘você bateu a minha mão’ ‘você está batendo a minha mão’ ‘você vai bater a minha mão’

∅-maĩṭṭa nu-wiṣiku ∅-maĩṭṭa-paj nu-wiṣiku ∅-maĩṭṭa-la nu-wiṣiku
 3-bater 1-mão 3-bater-EST 1-mão 3-bater-proj 1-mão
 ‘ele bateu a minha mão’ ‘ele está batendo a minha mão’ ‘ele vai bater a minha mão’

a-maĩṭṭa a-wiṣiku a-maĩṭṭa-paj nu-wiṣiku a-maĩṭṭa-la nu-wiṣiku
 123-bater 123-mão 123-bater-EST 1-mão 123-bater-proj 1-mão
 ‘nós batemos a nossa mão’ ‘nós estamos batendo a minha mão’ ‘nós vou bater a minha mão’

ju-maĩṭṭa nu-wiṣiku ju-maĩṭṭa-paj nu-wiṣiku ju-maĩṭṭa-la nu-wiṣiku
 23-bater 1-mão 23-bater-EST 1-mão 23-bater-proj 1-mão
 ‘vocês bateram a minha mão’ ‘vocês estão batendo a minha mão’ ‘vocês vão bater a m. mão’

∅-maĩṭṭa-wa-pa nu-wiṣiku ∅-maĩṭṭa-paj-pja nu-wiṣiku ∅-maĩṭṭa-pa-la nu-wiṣiku
 3-bater-perf-pl 1-mão 3-bater-EST-pl 1-mão 3-bater-pl-proj 1-mão
 ‘eles bateram a minha mão’ ‘eles estão batendo a minha mão’ ‘eles vão bater a minha mão’

nuka-ki	‘ato de matança’				
ni-nuka	úi	ni-nuka-paj	úi	ni-nuka-la	kupati
1-matar	cobra	1-bater-EST	cobra	1-bater-PROJ	peixe
‘eu matei a cobra’		‘eu estou matando a cobra’		‘eu vou matar o peixe’	
pi-nuka	úi	pi-nuka-paj	úi	pi-nuka-la	kupati
2-matar	cobra	2-bater-EST	cobra	2-bater-PROJ	peixe
‘você matou a cobra’		‘você está matando a cobra’		‘você vai matar o pei’	
i-nuka	úi	i-nuka-paj	úi	i-nuka-la	kupati
3-matar	cobra	3-bater-EST	cobra	3-bater-PROJ	peixe
‘ele matou a cobra’		‘ele está matando a cobra’		‘ele vai matar o peixe’	
aw-nuka	úi	aw-nuka-paj	úi	aw-nuka-la	kupati
123-matar	cobra	123-bater-EST	cobra	123-bater-PROJ	peixe
‘nós matamos a cobra’		‘nós estamos matando a cobra’		‘nós vamos matar o peixe’	
ji-nuka	úi	ji-nuka-paj	úi	ji-nuka-la	kupati
23-matar	cobra	23-bater-EST	cobra	23-bater-PROJ	peixe
‘vocês mataram a cobra’		‘vocês estão matando a cobra’		‘vocês vão matar o peixe’	
i-nuka-wa-pa	úi	i-nuka-paj-pja	úi	i-nuka-la	kupati
3-matar-perf-pl	cobra	3-bater-EST-PL	cobra	3-bater-PROJ	peixe
‘eles mataram a cobra’		‘eles estão matando a cobra’		‘eles vão matar o peixe’	
pjanata	‘tratar’				
ni-pjanata	kamaĩ	ni-pjanata-paj	kamaĩ	ni-pjanata-la	kamaĩ
1-tratar	doente	1-tratar-EST	doente	1-tratar-proj	doente
‘eu tratei o paciente’		‘eu estou tratando o paciente’		‘eu vou tratar o paciente’	
pi-pjanata	kamaĩ	pi-pjanata-paj	kamaĩ	pi-pjanata-la	kamaĩ
2- tratar	doente	2- tratar-EST	doente	2- tratar-proj	doente

‘você tratou o paciente’		‘você está tratando o paciente’		‘você vai tratar o paciente’	
i-pjanata	kamaĩ	i-pjanata-paj	kamaĩ	i-pjanata-la	kamaĩ
3- tratar	doente	3- tratar -EST	doente	3- tratar-proj	doente
‘ele tratou o paciente’		‘ele está tratando o paciente’		‘ele vai tratar o paciente’	
a-pjanata	kamaĩ	a-pjanata-paj	kamaĩ	a-pjanata-la	kamaĩ
123- tratar	doente	123- tratar -EST	doente	123-tratar-proj	doente
‘nós tratamos o pac.’		‘nós estamos tratando o pac’		‘nós vamos tratar o pac.’	
ji-pjanata	kamaĩ	ji-pjanata-paj	kamaĩ	ji-pjanata-la	kamaĩ
23- tratar -doente		23- tratar -EST	doente	23- tratar -proj	doente
‘vocês trataram o pac.’		‘vocês estão tratando o pac.’		‘vocês vão tratar o pac.’	
i-pjanata-wa-pa	kamaĩ	i-pjanata-paj-pja	kamaĩ	i-pjanata-pa-la	kamaĩ
3-tratar-perf-pl	doente	3-tratar-EST-pl	doente	3- tratar-pl-proj	doente
‘eles trataram o pac.’		‘eles estão tratando o pac.’		‘eles vão tratar o pac.’	
epehe	‘assar’				
n-epehe	nihĩti	n-epehe-pei	nihĩti	n-epehe-le	nihĩti
1-assar	carne	1-assar-EST	carne	1-assar-proj	carne
‘eu assei a carne’		‘eu estou assando a carne’		‘eu vou assar a carne’	
p-epehe	nihĩti	p-epehe-pei	nihĩti	p-epehe-le	nihĩti
2-assar	carne	2-assar-EST	carne	2-assar-proj	carne
‘você assou a carne’		‘você está assando a carne’		‘você vai assar a carne’	
∅-epehe	nihĩti	∅-epehe-pei	nihĩti	∅-epehe-le	nihĩti
3-assar	carne	3-assar-EST	carne	3-assar-proj	carne
‘ele assou a carne’		‘ele está assando a carne’		‘ele vai assar a carne’	
ew-epehe	nihĩti	ew-epehe-pei	nihĩti	ew-epehe-le	nihĩti
123-assar	carne	123-assar-EST	carne	123-assar-proj	carne

‘nós assamos a carne’		‘nós estamos assando a carne’		‘nós vamos assar a carne’	
j-epehe	nihĩti	j-epehe-pei	nihĩti	j-epehe-le	nihĩti
23-assar	carne	23-assar-EST	carne	23-assar-proj	carne
‘vocês assaram a carne’		‘vocês estão assando a carne’		‘vocês vão assar a carne’	
∅-epehe-we-pe	nihĩti	∅-epehe-pei-pia	nihĩti	∅-epehe-pe-le	nihĩti
3-assar-perf-pl	carne	3-assar-EST-pl	carne	3-assar-pl-proj	carne
‘eles assaram a carne’		‘eles estão assando a carne’		‘eles vão assar a carne’	
kujũkaha	‘engolir’				
nu-kujũkaha	kehi	nu-kujũkaha-paj	kehi	nu-kujũkaha-la	kehi
1-engolir	terra	1-engolir-EST	terra	1-engolir-proj	terra
‘eu engoli a terra’		‘eu estou engolindo a terra’		‘eu vou engolir a terra’	
pu-kujũkaha	kehi	pu-kujũkaha-paj	kehi	pu-kujũkaha-la	kehi
2-engolir	terra	2-engolir-EST	terra	2-engolir-proj	terra
‘você engoliu a terra’		‘você está engolindo a terra’		‘você vai engolir a terra’	
∅-kujũkaha	kehi	∅-kujũkaha-paj	kehi	∅-kujũkaha-la	kehi
3-engolir	terra	3-engolir-EST	terra	3-engolir-proj	terra
‘ele engoliu a terra’		‘ele está engolindo a terra’		‘ele vai engolir a terra’	
a-kujũkaha	kehi	a-kujũkaha-paj	kehi	a-kujũkaha-la	kehi
123-engolir	terra	123-engolir-EST	terra	123-engolir-proj	terra
‘nós engolimos a terra’		‘nós estamos engolindo a terra’		‘nós vamos engolir a terra’	
ju-kujũkaha	kehi	ju-kujũkaha-paj	kehi	ju-kujũkaha-la	kehi
23-engolir	terra	23-engolir-EST	terra	23-engolir-proj	terra
‘vocês engoliram a terra’		‘vocês estão engolindo a terra’		‘vocês vão engolir a terra’	
∅-kujũkaha-wa-pa	kehi	∅-kujũkaha-paj-pja	kehi	∅-kujũkaha-pa-la	kehi

3-engolir-perf-pl terra	3-engolir-EST pl terra	3-engolir-pl-proj terra
‘eles engoliram a terra’	‘eles estão engolindo a terra’	‘eles vão engolir a terra’

nupa ‘ver’

nu-nupa teme

1-ver anta

‘eu vi a anta’

nu-nupa-paj teme

1-ver-EST anta

‘eu estou vendo a anta’

nu-nupa-la teme

1-ver-proj anta

‘eu vou ver a anta’

pu-nupa teme

2-ver anta

‘você viu a anta’

pu-nupa-paj teme

2-ver-EST anta

‘você está vendo a anta’

pu-nupa-la teme

2-ver-proj anta

‘você vai ver a anta’

i-nupa teme

3-ver anta

‘ele viu a anta’

i-nupa-paj teme

3-ver-EST anta

‘ele está vendo a anta’

i-nupa-la teme

3-ver-proj anta

‘ele vai ver a anta’

aw-nupa teme

123-ver anta

‘nós vimos a anta’

aw-nupa-paj teme

123-ver-EST anta

‘nós estamos vendo a anta’

aw-nupa-la teme

123-ver-proj anta

‘nós vamos ver a anta’

ju-nupa teme

23-ver anta

‘vocês viram a anta’

ju-nupa-paj teme

23-ver-EST anta

‘vocês estão vendo a anta’

ju-nupa-la teme

23-ver-proj anta

‘vocês vão ver a anta’

i-nupa-wa-pa teme

3-ver-perf-pl anta

‘eles viram a anta’

i-nupa-paj-pja teme

3-ver-EST-pl anta

‘eles estão vendo a anta’

i-nupa-pa-la teme

3-ver-pl-proj anta

‘eles vão ver a anta’

7.4. Alinhamento

Nesta seção tratamos brevemente do alinhamento em Mehináku. Mostramos como essa língua manifesta os argumentos nas predicções.

Em Mehináku, o mesmo conjunto pessoal que se combina com nomes, para expressar o seu determinante, se combina com verbos e com adjetivos para expressar o sujeito dos predicados de que esses são núcleos.

7.4.1. Predicados intransitivos:

Ativos

nu-taputa uni¹⁷-jã+wa

1-nadar água- CL.LÍQUIDO+LOC

‘eu nadei na água’

nu-taputa-paj un-jã-wa

1-nadar-EST água-CL.LÍQUIDO-PERL

‘eu estou nadando na água’

nu-taputa-la un-jã-wa

1-nadar-PROJ água-CL.LÍQUIDO-PERL

‘eu vou nadar na água’

Inativos estativos

n-awitsiri-pjaj

1-bonito-EST

‘eu estou bonito’

p-awitsiri-pjaj

¹⁷ o *i* de *uni* cai diante do sufixo classificador *-ja*. Este é um tipod e assimilação da vogal central à *i*, típico da língua Mehinaku.

2-bonito-EST
'você está bonito'

∅- awitsiri-pjaj
3-bonito-est
'ele está bonito'

aw-awitsiri-pjaj
123-bonito-EST
'nós estamos bonitos'

j-awitsiri-pjaj
23-bonito-EST
'vocês estão bonitos'

∅- awitsiri-pjaj-pja
3-bonito-est-pl
'eles estão bonitos'

nu-kulepe-pej
1-sujo-est
'eu estou sujo'

pi-ʃulepe-pej
2-sujo-EST
'você está sujo'

∅-kulepe-pej
3-sujo -est
'ele está sujo'

a-kulepe-pej
123- sujo-EST

‘nos estamos sujos’

ji-ʃulepe-pej

23- sujo -EST

‘vocês estão sujos’

∅-kulepe-pej-pja

3-sujo -est-pl

‘eles estão sujos’

Inativo essivo

awitsiri natu

bonito 1

‘eu sou bonito’

awitsiri pitsu

bonito 2

‘você é bonito’

awitsiri ∅

bonito 3

‘ele é bonito’

awitsiri ajtsu

bonito 123

‘nós somos bonitos’

awitsiri jitsu

bonito 23

‘vocês são bonitos’

awitsiri-jãw-∅

bonito-pl.h-3

‘eles são bonitos’

kulepe natu

‘sujo 1

‘eu sou sujo’

kulepe pitsu

sujo 2

‘você é sujo’

kulepe Ø

sujo 3

‘ele é sujo’

kulepe ajtsu

sujo 123

‘nós somos sujos’

kulepe jitsu

sujo 23

‘vocês são sujos’

kulepe-nẽw Ø

sujo-pl.h 3

‘eles são sujo’

Predicados transitivos

ju-nupa teme

23-ver anta

‘vocês viram a anta’

ju-nupa-paj teme

23-ver-EST anta

‘vocês estão vendo a anta’

ju-nupa-la teme

23-ver-proj anta

‘vocês vão ver a anta’

ew-epehe nihĩti

ew-epehe-pei nihĩti

ew-epehe-le nihĩti

123-assar carne 123-assar-EST carne 123-assar-proj carne
 ‘nós assamos a carne’ ‘nós estamos assando a carne’ ‘nós vamos assar a carne’

Objeto

nu-nupa pit|ju pu-nupa-paj natu ju-nupa-la aitsu
 1-ver 2 2-ver-EST 1 23-ver-PROJ 23
 ‘eu vi você’ ‘você está me vendo’ ‘vocês vão ver nós’

ju-nupa natu ju-nupa-paj natu ju-nupa-la natu
 23-ver 1 23-ver-EST 1 23-ver-PROJ 1
 ‘vocês me viram’ ‘vocês estão me vendo’ ‘vocês vão me ver’

aw-nupa pitsu aw-nupa-paj pitsu aw-nupa-la pitsu
 123-ver 2 123-ver-EST 2 123-ver-PROJ 1
 ‘nós vimos você’ ‘nós estamos vendo você’ ‘nós vamos ver você’

Resumindo, a língua marca o Sujeito de verbos intransitivos ativos, intransitivos estativos e o agente de verbos transitivos com o mesmo conjunto de prefixos pessoais:

Série pronominal que funciona como Sujeito de predicados intransitivos, transitivos e estativos.

glosa	Tabela - Prefixos pessoais	S-ativo S-inativo essivo A
1	nu-	
2	pi-	
12(3)	a-	
23	ji-	
3	i-/∅-	

A Série pronominal, é constituída de pronomes independentes, os quais marcam também o objeto de evrbos transitivos e o Sujeito de predicados essivos.

glosa	Tabela - Pronomes	S inativo essivo O
1	natu	
2	pitsu	
12(3)	ajtsu	
23	jitsu	

Essa descrição, embora deva ser aprofundada, considerando outros contextos morfossintáticos, já deixa claro que o Mehináku não segue padrões de alinhamento reportados para outras línguas (Cf. DIXON, ; KIBRIK, ; COMRE), uma vez que apresenta uma cisão nos predicados intransitivos inativos, como aprofundamos em Makaulaka Mehináku e Cabral (em preparação).

CAPÍTULO 8 – CONCLUSÃO

Nesta Dissertação de Mestrado aprofundamos o parco conhecimento linguístico que existente sobre a língua Mehináku. Debruçamo-nos sobre parte das classes de palavras – nome, pronome, demonstrativo, numeral, adjetivo, posposição e verbo. Não abordamos aqui os advérbios, as interjeições, os ideofones e outras classes fechadas da língua, o que pretendemos fazer em trabalhos futuros.

Focalizamos principalmente na morfologia dos nomes e dos verbos, mas contemplamos também aspectos da sintaxe dos sintagmas nominais, adjetivais e verbais.

Destacamos a importância do nosso estudo sobre os classificadores Mehináku e sobre a sua expressão de gênero e de número, assim como sobre outras categorias expressas na morfologia dos nomes, como o estado de existência dos referentes dos nomes e as expressões atenuativas e intensivas dos mesmos.

Contribuímos com o conhecimento dos demonstrativos, dos condicionamentos morfofonológicos dos alomorfes dos prefixos pessoais, de alguns dos aspectos verbais e de aspectos fundamentais do sistema de alinhamento dominante na língua.

Finalmente, com esta dissertação, damos um passo fundamental nos estudos linguísticos das línguas indígenas do Brasil, possibilitando a um Mehináku o acesso ao conhecimento linguístico de sua própria língua, sendo ele o principal autor da pesquisa e da sistematização dos dados de sua própria língua, contribuindo para o conhecimento científico da mesma e, mais importantemente, para o compartilhamento desse conhecimento com os seus pares indígenas, que como ele lutam para o fortalecimento de sua língua e cultura nativas, instigando a todos a lutar pelo aprofundamento do conhecimento sobre a cultura milenar herdada dos seus respectivos ancestrais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIKHENVALD, Alexandra Y.; DIXON, R. M. W. (Org.). *The Amazon languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 107-124.

AIKHENVALD, Alexandra Y. (2013) *Arawak languages*. In: Aronoff, Mark, (ed.) *Linguistics: Oxford Bibliographies*. Oxford Bibliographies Online . Oxford University Press.

Aikhenvald, Alexandra Y. (2011) *Classifiers*. In: Aronoff, Mark, (ed.) *Oxford Bibliography Online*. Oxford University Press, New York, NY, USA, pp. 1-40.

BENVENISTE, E. (1966). *Problèmes de linguistique générale*, Vol. I, Paris: Gallimard.

_____. (1974). *Problèmes de linguistique générale*, Vol. II, Paris: Gallimard.

COMRE, B. (1976). *Aspect. An introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge : Cambridge University Press.

CAMPBELL, Lyle (1997). *American Indian languages: the historical linguistics of Native America*. Oxford: Oxford University Press.

CARVALHO, Fernando O. de (no prelo) 'On the Realization of Nominal Possession in Mehináku: A Diachronic Account' *International Journal of American Linguistics*

CORBERA MORI, A. H. . *As línguas waurá e mehináku do Brasil Central*. In: IV Congresso Nacional de Investigações Lingüístico-Filológicas,, 2005, Brasília. Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN. Brasília: UnB, 2005. p. 795-803.

CORBERA MORI, A. H. . *Relações entre grafemas e segmentos nos vocabulários waurá e mehináku de Steinen (1886[1940])*. *Revista de Estudos da Linguagem, UESB-Bahia*, v. 3, n.3, p. 143-157, 2006.

CORBERA MORI, A. H. . *Morfología de la posesión nominal en Mehináku (arauaca)*. In: Zarina Estrada Fernández. (Org.). *Memorias del Octavo Encuentro Internacional de*

Lingüística en el Noroeste.. 1ed.Hermosillo, Sonora, México: Universidad de Sonora, 2006, v. 1, p. 105-120.

CORBERA MORI, A. H. . Aspectos de la morfología nominal en Mehináku (Arawak). In: Andrés Romero-Figueroa; Ana Fernández Garay; Ángel Corbera Mori. (Org.). *Lenguas Indígenas de América del Sur: Estudios descriptivo-tipológicos y sus contribuciones para la lingüística teórica.* 1ed.Caracas: Universidad Católica Andrés Bello, 2007a.

CORBERA MORI, A. H. . Aspectos da estrutura nominal em Mehináku (Arawák).. *Estudos Lingüísticos (São Paulo)*, v. 1, p. 249-257, 2007b.

CORBERA MORI, A. H. . Língua Mehináku (Aruák): Algumas características da fonologia segmental. In: Congreso Nacional de Investigaciones Lingüístico-Filológicas., 2007, Lima. V Congreso Nacional de Investaciones Lingüístico-Filológicas. Lima, Peru.: Universidad Ricardo Palma/UNMSM/UNESCO, 2007c.

CORBERA MORI, A. H. . Aspectos da fonologia segmental Mehináku (Aruak). *Estudos Lingüísticos (São Paulo)*, v. 37(1), p. 57-66, 2008a.

CORBERA MORI, A. H. . Correspondencias entre grafemas y segmentos en los vocabularios waurá y mehináku de Steinen (1866[1940]). *Bacyyelmo: Letras, Imágenes, Creación*, v. 2, p. 78-96, 2008b.

CORBERA MORI, A. H. . Sobre a nasalidade de vogais em Mehináku (Arawák). *Estudos Lingüísticos (São Paulo)*, v. 38, p. 213-222, 2009.

CORBERA MORI, A. H. . Las lenguas Mehináku y Waurá: Una breve comparación fonética, fonológica y léxica.. *Lengua y Literatura Mapuche*, v. 14, p. 81-94, 2010.

CORBERA MORI, A. H. . Aspectos da morfofonologia e morfologia nominal da língua mehináku (Arawák). In: Bruna Franchetto (org.). (Org.). *Alto Xingu. Uma sociedade multilíngue.* Rio de Janeiro: Museo do Índio-FUNAI/MN/UFRJ, 2011, v. , p. 193-216.

CORBERA MORI, A. H. . Algunos procesos de formación de palabras nominales em Mehináku (arawak). In: González, Hebe a.; Gualdieri Beatriz (eds.). (Org.). *Lenguas Indígenas de América del Sur. Fonología y Léxico.* 1ed.Mendoza: Editorial FFyL-UNCuyo y SAL, 2012a, v. 7, p. 135-150.

CORBERA MORI, A. H. . Waurá e Mehináku: um breve estudo comparativo. *Estudos Lingüísticos (São Paulo)*, v. 41, p. 196-205, 2012b.

CORBERA MORI, A. H. . Estruturas lexicais na língua mehináku (Arawak).. In: Cristina Martins Fargetti (ed.). (Org.). *Abordagens sobre o léxico em línguas indígenas.* 1ed.Campinas, SP.: Curt Nimuendajú, 2012c, v. , p. 127-143.

CRUZ, R. ; CABRAL, A. S. A C. ; MEHINÁKU-AWETÍ, M. An acoustic account of palatalization and nasalization in Mehináku (in preparation).

DESCLÉS, J.-P. (1980). *Construction formelle de la catégorie de l'aspect (essai)*, in J. David et R. Martin (éds), *La notion d'aspect*, Paris: Klincksieck, 195-237

_____.(1989). State, Event, Process and Topology, *General Linguistics* 3/29, The Pennsylvania University Press, University Park and London, 159-200.

DESCLÉS, J.-P. GWENTCHEVA, Z., (2011). *Universals and Typology*. Binnick-Chapter 4. Page Proof.

GRINEVALD, Colette. 2000. A morphosyntactic typology of classifiers. *Systems of Nominal Classifications*. Günter Senft (Ed.). Cambridge, CUP : 50-92.

_____. 2002. Making sense of nominal classification systems. *Noun classifiers and the grammaticalization variable. New reflexions on Grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company: 259-275.

Grinevald, C. & Seifart, F., 2004, "Noun classes in African and Amazonian Languages", *Linguistic Typology* , 8, pp. 3-48

MASON, J. A. 1950. 'The languages of South American Indians', pp. 157-317 do *Handbook of South American Indians*, vol. VI, org. por J. H. Steward. Bureau of American Ethnology, Bulletin 143. Washington, D.C.: Smithsonian Institution.

MATTESON, Esther. *Piro phonemes and morphology*. 11. Berkeley: Kroeber Anthropological Society Papers, 1954.

GWENTCHEVA Zlatka.(2011)-*Modélisation de l'aspectualité et de la temporalité : intervalles topologiques et référentiels temporels*. (illustration avec des exemples en français)-Pour:18e Congrès des romanistes scandinaves-Université de Göteborg, 9-12 août 2011.-[Conférencière invitée]

_____.(2012) GWENTCHEVA Zlatka-Théorie énonciative et modalisation de l'aspect et du temps: concepts aspectuels de base, référentiels temporels et intervalles topologiques de représentation-Pour:Workshop "*Sobre, tempo aspect e modalidade em Linguas indigenas sulamericanas*"-Brasilia (Brésil), 19-27 mai 2012.-[Conférencière invitée]

_____. (1990). *Temps et aspect: l'exemple du bulgare littéraire contemporain*, Collection Sciences duLangage, Paris: Presses du CNRS.

LOUKOTKA, Chestmir, *Classification of South American Indian languages*, Latin American Center, University of California, Los Angeles, 1968.

GALVÃO, E.; SIMÕES, M.F. Notícia sobre os índios Txikão -Alto Xingu. Boletim do MPEG: Série Antropologia, Belém : MPEG, n.s., n.24, 23 p., 1965.

VILAS-BOAS, O. e C. (1990) Xingu: os índios, seus mitos. Porto Alegre: Kuarup.

KAUFMAN, T. (1990). A Linguistic history in South America: what we know and how to know more, pp. 1-68 in Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Languages, Doris Payne, ed., University of Texas Press.

KUIKURO, M. M. 2010. Pluralismo de línguas e pessoas no Alto Xingu. Dissertação de Mestrado, PPGAS/Museu Nacional/UFRJ.

MASON, J. A. (1950). Languages of South American Indians. In: STEWARD, J. H. (Ed.). Handbook of South American Indians VI. Washington: Smithsonian.

MEHINÁKU, M. 2010. A hereditariedade tradicional da função de Cacique entre os Meinaku. In FRANCHETTO, Bruna (org.), Pesquisas Indígenas na Universidade. p.107-148.

RODRIGUES, A. D. (1986). *Línguas brasileiras – para o conhecimento das línguas indígenas* (São Paulo, Edições Loyola, 1986, 134 p.).

STEINEN, Karl von den. (1940). Entre os aborígenes do Brasil Central. Separata da Revista dos Arquivos ns. XXXIV a LVIII. Departamento de Cultura. São Paulo, 714pp.

TESNIÈRE, L. 1959. *Éléments de syntaxe structurale*, Klincksieck, Paris.

VILAS-BOAS, O. e C. (1990) Xingu: os índios, seus mitos. Porto Alegre: Kuarup.